

ROBERTA GURGEL AZZI

PESQUISA EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA : IDENTIFICAÇÃO DE CONDIÇÕES
QUE FAVORECEM SUA OCORRÊNCIA NA UNIVERSIDADE.

Volume I

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

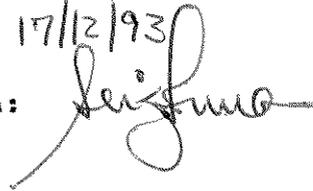
1993

ROBERTA GURGEL AZZI 61/95/10 21000043066 (m)

Este exemplar corresponde a redação final
da Tese defendida por ROBERTA GURGEL AZZI e aprovada pela
Comissão Julgadora em

Data: 17/12/93

Assinatura:



PESQUISA EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA : IDENTIFICAÇÃO DE CONDIÇÕES
QUE FAVORECEM SUA OCORRÊNCIA NA UNIVERSIDADE.

Volume I

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

1993

Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na
Área de Concentração: Psicologia Educacional
à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação do Prof. Dr. Sergio Vasconcelos de Luna.

Comissão Julgadora

Leifredo
Márcia Regina F. de Brito
26/11/2019
Prestes

Para realizar este trabalho contei com a ajuda de muitas pessoas, em diferentes momentos e atividades. A todas elas registro aqui meus agradecimentos. Entretanto, não quero deixar de indicar as pessoas que acompanharam de perto a realização deste estudo.

Agradeço:

- ao Sergio Luna, amigo e orientador deste trabalho, pelo apoio irrestrito e pela paciência infundável que demonstrou.
- ao Miguel, cujo companheirismo, compreensão e ajuda concreta garantiram a harmonia familiar.
- à Loira, por tudo o que fez e pelas inúmeras vezes em que se dispôs a ajudar mais.
- à Sueli, Patrícia, Nádia, Eunice e Sérgio Ricardo, pelos períodos em que foram auxiliares neste trabalho.
- à Beth, que ao resolver muitos problemas na UNICAMP me liberou de várias viagens.

Estendo, ainda, meus agradecimentos:

- ao pessoal do Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP pelo período em que lá desenvolvi o projeto.
- aos colegas do LIAP - PUC-SP pelo apoio na informática.
- aos meus superiores por terem concordado com vários remanejamentos de horário.
- aos professores do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP pelas inúmeras sugestões.
- à banca examinadora do exame geral de qualificação pelas contribuições que resultaram na melhoria do estudo.
- aos docentes que responderam ao questionário e/ou concederam entrevistas.
- aos familiares e amigos pelo apoio e grande torcida.

Ao longo do trabalho recebi os financiamentos abaixo mencionados e agradeço às instituições que os concederam.

Na forma de bolsa de estudos:

- Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES
- Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP

A Universidade Estadual de Campinas custeou uma viagem à Brasília para a obtenção de informações junto à CAPES.

O CEPE da PUC-SP concedeu auxílio para publicação deste trabalho.

Dedico este trabalho:

à Dani e ao Gui que nasceram ao longo da realização deste estudo e que ao seu final já sabiam que ele era "aquele trabalho comprido"

e àqueles com quem eu também teria gostado de compartilhar o alívio e a alegria de concluir mais esta etapa.

Mariza e Rodolpho (meus pais),

Tutu, e

Joel.

RESUMO

O objetivo central do trabalho foi identificar as condições que favorecem a realização de pesquisa como atividade profissional exercida na universidade pelos titulados mestres ou doutores em Psicologia ou Educação.

Os sujeitos da pesquisa foram egressos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* entre 1976 e 1985, nas áreas estudadas, titulados por instituições de ensino superior do Estado de São Paulo.

O delineamento do estudo pretendeu resgatar, para melhor compreensão do objetivo principal, as condições que permitiram aos docentes-pesquisadores o acesso e a sua manutenção na atividade de pesquisa. Para tanto, foram analisados: caracterização das atividades de pesquisa; contexto em que se deu a formação pós-graduada; características da atividade profissional; e opinião sobre quais são os entraves à produção do conhecimento na universidade.

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos de pesquisa. Inicialmente utilizou-se um questionário que foi respondido por 257 titulados. Após o tratamento e análise dos dados foram realizadas 6 entrevistas com respondentes do questionário. Esta última etapa da coleta visou um maior

aprofundamento de questões tratadas no questionário e uma aproximação mais qualitativa com alguns aspectos da praxis investigativa na universidade.

A análise dos dados foi feita segundo o instrumento que lhe deu origem. A inexistência de um quadro teórico-metodológico de referência para orientar o trabalho conduziu a identificar o campo de estudo como uma praxeologia para a qual contribuem vários campos do conhecimento. Como consequência, a interpretação dos dados foi feita tendo como pano de fundo a produção acadêmica de especialistas que têm a universidade brasileira e a pesquisa universitária como temas das suas preocupações. Sob essa perspectiva, os titulados, enquanto sujeitos concretos da prática da pesquisa, foram tomados como informantes qualificados de dados quanto à fidedignidade e validade dos mesmos.

A apresentação das conclusões é acompanhada da indicação de uma alternativa orientadora para o ensino de graduação e pós-graduação que, inspirada na pesquisa como princípio científico e educativo, poderá contribuir para criação das condições de competência e compromisso com a produção do conhecimento, identificados neste estudo como essenciais para a manutenção dos docentes na atividade de pesquisa.

SUMARIO

Volume I

Apresentação do problema.....	01
A pesquisa na universidade: análise de algumas condições	05
Considerações sobre o projeto	23
Método	37
Resultados	49
Resultados obtidos através do questionário.....	53
1.Caracterização dos respondentes da pesquisa	55
2.Caracterização das atividades de pesquisa dos respondentes.....	61
3.Contexto em que se deu a formação pós-graduada dos respondentes	73
4.Características da atividade profissional dos respondentes quando responderam ao questionário.....	99
5.Os entraves à produção do conhecimento na universidade, segundo os respondentes	120
6.Investigando aspectos profissionais de quem indicou sempre ter desenvolvido pesquisa	147
7.Discussão do conjunto dos dados obtidos através do questionário.....	153

Entrevistas	159
Resultados obtidos através das entrevistas.....	164
Discussão Geral.....	184
Referências Bibliográficas.....	194

Volume II

Título das Tabelas

Relação das categorias apresentadas em algumas tabelas

Tabelas

Anexos

Anexo 1

Cartas enviadas aos respondentes

Anexo 2

Questionário utilizado

Anexo 3

Roteiro da entrevistas

Anexo 4

Resumo das respostas fornecidas no questionário pelos
professores entrevistados na segunda fase

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Este trabalho tem como origem algumas preocupações que acompanham a autora ao longo de sua vida universitária. Já na graduação, dado seu interesse pessoal, agregou-se a um grupo de pesquisa. Nessa ocasião, recebeu uma bolsa de Iniciação Científica e, posteriormente, de Mestrado. Ao longo do tempo em que vem desenvolvendo pesquisa, teve oportunidade de vivenciar algumas situações que representaram entraves ao pleno trabalho de pesquisar. Constatou, assim, que além das dificuldades intrínsecas à realização da pesquisa acadêmica, ou seja, as de natureza teórico-metodológica próprias de cada área específica do conhecimento, outras de natureza institucionais faziam-se presentes de maneira suficientemente importante para interferir na produtividade da pesquisa na universidade.

Ora, se além de competência técnico-acadêmica e disposição pessoal para a realização de pesquisa, outros fatores são condicionantes dessa atividade, parecem estes últimos necessários de serem identificados posto que um melhor conhecimento dos mesmos poderá apontar para a direção de sua superação ou minimização.

O desenvolvimento de pesquisas enquanto atividade profissional na Área de Ciências Humanas se dá principalmente na universidade. Dado que nossa preocupação era estudar a atividade profissional de pesquisar nas áreas do conhecimento

específicas da Psicologia e da Educação, decidimos delinear este trabalho tendo como foco o pesquisar na universidade. Para tanto, optamos por investigar as condições que favorecem o pesquisar na universidade a partir do conhecimento das atividades de pesquisa dos docentes-pesquisadores que trabalham nesse nível de ensino e da avaliação que eles fazem delas. O ponto de partida para identificar e conhecer os sujeitos da pesquisa, suas trajetórias como pesquisadores, e em especial as condições em que atuam foi o levantamento dos titulados com o grau de mestre ou de doutor nas áreas de Psicologia e Educação pelos programas de pós-graduação das instituições de ensino superior do Estado de São Paulo, no período de 1976 a 1985. Esse critério teve como pressuposto que a titulação acadêmica constitui-se no credenciamento formal, mas não exclusivo, para aqueles que irão se dedicar à atividade de pesquisa na universidade, ou fora dela. Esse critério é também aquele que se aproxima das exigências formais das agências financiadoras de pesquisa para a concessão de apoio a projetos de pesquisa, isto é, o pretendente deve possuir uma titulação acadêmica mínima de mestre (raramente esse título basta) ou doutor para poder pleitear o financiamento.

Considerando o contexto universitário, podemos identificar, *a priori*, quatro dimensões que agregam as condições que interferem na realização de pesquisas pelos docentes.

1. Condições funcionais

É necessário considerar as condições funcionais às quais estão submetidos os docentes dos quais se espera o pesquisar. Por exemplo, qual o tipo de contrato que eles têm, como se dá o equilíbrio entre docência e pesquisa, qual o tipo de consequência profissional/funcional para quem pesquisa etc...

2. Recursos materiais

A infra-estrutura necessária para o desenvolvimento de pesquisas pode variar dependendo do tipo de pesquisa a ser desenvolvida, mas sempre é preciso considerar os recursos materiais disponíveis (salas, equipamentos, material de apoio etc...), como fatores importantes para sua viabilização.

3. Financiamento

O financiamento para projetos de pesquisa dos docentes pode ocorrer em forma de bolsas para o próprio pesquisador ou seus auxiliares; pagamento de serviços de terceiros do tipo de transcrição de fitas, digitação de dados, elaboração de programas de informática; compra de equipamento; auxílio para viagem; e impressão de material, só para citar alguns exemplos. Os recursos para qualquer que seja a forma de financiamento são concedidos, em geral, pela própria instituição a que o pesquisador está vinculado ou por agências de fomento à pesquisa (para citar as possibilidades mais frequentes). No primeiro caso podemos falar de ajuda interna enquanto o segundo constituiria uma ajuda externa.

4. Competência técnica

Neste caso deve ser considerada como imprescindível para a possibilidade do pesquisar, a garantia da instrumentalização necessária para produzir conhecimento, que estamos chamando de formação de pesquisador. Nesse sentido, (e considerando a estrutura atual dos cursos superiores e pós-graduados) cabe registrar que nosso pressuposto quanto à formação do pesquisador é de que ela deveria ocorrer em um processo a ser iniciado já na graduação, concretizando-se na pós-graduação e consolidando-se através de atividades posteriores à titulação acadêmica.

A variedade de possibilidades dentro de cada dimensão selecionada pode ser grande e a interação entre elas pode se mostrar mais ou menos facilitadora para o pesquisar. Considerando essas possíveis interações foi definido como **objetivo central** desse trabalho identificar as condições que favorecem o pesquisar como atividade profissional exercida na universidade pelos titulados, mestres ou doutores, em Psicologia ou Educação. A partir desse objetivo delineamos um trabalho que pretendeu ir além da mera identificação dos fatores facilitadores na medida em que tentou resgatar, como forma de alcançar maior compreensão da questão principal, quais foram as condições que permitiram aos docentes-pesquisadores chegarem à situação foco: o pesquisar.

A PESQUISA NA UNIVERSIDADE: análise de algumas condições

A realização de pesquisas enquanto uma das funções básicas da universidade foi oficializada em 1968, através da Lei 5.540, Lei da Reforma Universitária, onde se lê que:

Artigo 1º: O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário.

Artigo 2º: O ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades, e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público e privado.

E ainda na Lei 5.540, em seu artigo 17, que estão definidas as modalidades de cursos compatíveis com o ensino superior:

Artigo 17: Nas universidades e nos estabelecimentos isolados de ensino superior poderão ser ministradas as seguintes modalidades de cursos:

a) de graduação, aberto à matrícula de candidatos que hajam concluído o ciclo colegial ou equivalente e tenham sido classificados em concurso vestibular;

b) de pós-graduação, abertos à matrícula de candidatos diplomados em curso de graduação que preencham as condições prescritas em cada caso;

c) de especialização e aperfeiçoamento, aberto à matrícula de candidatos diplomados em cursos de graduação ou que apresentem títulos equivalentes;

d) de extensão e outros, abertos a candidatos que satisfaçam os requisitos exigidos.

O modelo de pós-graduação implantado no Brasil foi delineado pelo Parecer CFE nº977/65 e distingue dois tipos de pós-graduação: *lato sensu* e *stricto sensu*. O primeiro abarca os

cursos que se seguem à graduação e que são caracterizados como aperfeiçoamento e especialização, da formação técnico profissional. O segundo prevê, dentro da estrutura universitária, dois níveis de formação - Mestrado e Doutorado - que conferem graus acadêmicos que *deverão ser atestados de uma alta competência científica em determinado ramo do conhecimento* (Parecer CFE nº977/65).

Os primeiros motivos que levaram à criação da pós-graduação (e que se tornaram seus objetivos) foram assim explicitados no referido parecer:

- 1) *formar professorado competente que possa atender à expansão quantitativa de nosso ensino superior garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos atuais níveis de qualidade;*
- 2) *estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores;*
- 3) *assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores.*

Dentre as justificativas apresentadas para a necessidade da pós-graduação encontra-se a de que a graduação teria que ter sua duração aumentada para dar conta de prover *superior competência nas especializações científicas e profissionais* (Parecer CFE nº977/65). Além disso, tal decisão *suporia que todos os alunos fossem igualmente aptos e estivessem todos interessados na especialização intensiva e na formação científica avançada* (Parecer CFE nº977/65). Todavia, se esse tipo de suposição era inadequado para a graduação, o mesmo não

ocorreu para a pós-graduação. Isto porque o objetivo da pós-graduação de formar docentes-pesquisadores carrega o pressuposto de que todos os pós-graduandos estão aptos para ambos os fins e interessados neles.

As normas para funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* foram regulamentadas pelo Parecer CFE nº77/69 e posteriormente pela Resolução CFE nº5, de 10 de março de 1983.

Abaixo estão transcritos os dispositivos da Resolução CFE nº5, que dispõe sobre a organização da pós-graduação *stricto sensu*.

Artigo 2º. A organização e o regime didático-científico dos cursos de pós-graduação seguirão a orientação do Parecer Nº977/65, do CFE, consubstanciada nas seguintes normas básicas:

I- A pós-graduação tem por objetivo a formação de pessoal qualificado para o exercício das atividades de pesquisa e magistério superior nos campos das ciências, filosofia, letras, artes e tecnologias.

II- A pós-graduação compreende dois níveis independentes e terminais - mestrado e doutorado - podendo o mestrado constituir etapa inicial para o doutorado, a critério da instituição.

III- Mestrado e doutorado destinam-se a criar qualificação especial em determinadas áreas e subáreas do conhecimento.

IV- Além das atividades didáticas e acadêmicas, exigir-se-á do candidato ao grau de mestre a apresentação de dissertação ou outro tipo de trabalho terminal compatível com as características da área de conhecimento.

V- Exigir-se-á do candidato ao grau de doutor a defesa de tese que represente trabalho original, fruto da atividade de pesquisa, importando real contribuição para a área do conhecimento.

VI- Para obtenção do grau de doutor, serão exigidos exames de qualificação que evidenciem a amplitude e a profundidade de conhecimentos do candidato, bem como a sua capacidade crítica.

A análise da legislação acima apresentada indica de maneira inequívoca como funções intrínsecas da universidade o desenvolvimento de pesquisas e a formação de pesquisadores, cabendo à pós-graduação destacada importância em ambas. A concretização dessas funções deveria ser constatada pela produção científica dos alunos dos cursos de pós-graduação em seus processos de formação e pela produção científica dos docentes da instituição.

Embora os pressupostos do papel da pós-graduação estejam, no discurso oficial (e até do oficioso), claros e bem estabelecidos, a realidade tem apresentado algumas constatações que precisam ser melhor compreendidas de forma que os objetivos dos cursos e as condições previstas para sua concretização não sejam dissociados.

Dados mostram, por exemplo, que grande parte dos alunos que ingressam nos cursos de pós-graduação, principalmente no mestrado, cursam as disciplinas e não apresentam a dissertação ou tese. No III Plano Nacional de Pós-graduação - 1986-89 foi apresentado um quadro comparativo com alguns aspectos do sistema de pós-graduação nos anos de 1975 e 1985. No aspecto *Índice de evasão de alunos do total de alunos matriculados (por ano)*, os índices encontrados foram: 1975 - 50% e 1985 - 45%.

Mahoney, Zibas, Garcia, Rossito, London e Leopoldi (1991) verificaram que dentre 673 egressos do mestrado do Programa de Psicologia da PUC-SP nos vinte anos de existência do Programa, apenas 151 (25,4%) saíram titulados.

Uma hipótese para explicar esses dados é a de que os alunos, ao ingressarem na pós-graduação *stricto sensu*, estariam buscando uma atualização profissional ou a titulação acadêmica enquanto forma de ascensão funcional, e não uma formação em pesquisa.

Luna (1983) analisou as condições sob as quais os alunos de um curso de pós-graduação em Psicologia elaboravam suas dissertações ou teses. Uma de suas análises mostrou que a formação do pesquisador vinha se caracterizando pela realização de uma única pesquisa (Mestrado) ou no máximo duas (Doutorado) que se transformavam, respectivamente, em dissertações e teses, últimos requisitos necessários para a obtenção do título pretendido. Segundo o autor, a elaboração de dissertações, ao invés de ser o batismo do pesquisador, vinha se caracterizando por ser apenas um exercício metodológico. Uma evidência dessa conclusão era a hesitação de professores do curso de pós-graduação estudado em afirmar que seus ex-alunos e/ou orientandos (já mestres e doutores) teriam condições de realizar outras pesquisas autonomamente. Embora esses dados sejam desalentadores, eles não chegam a ser surpreendentes. Isso porque, dentre as razões alegadas pelos alunos para buscar

a pós-graduação, a formação como pesquisador raramente foi mencionada.

Córdova, Gusso e Luna (1986), a partir da solicitação do CRESALC/CAPEL, realizaram o trabalho intitulado *A pós-graduação na América Latina: o caso brasileiro*. No capítulo *As funções da pós-graduação*, Luna analisou, entre outras, as respostas dos alunos sobre sua participação em atividade de pesquisa ⁽¹⁾. A participação em pesquisas como uma das atividades mais frequentemente desenvolvidas no curso foi assinalada por 55,1% dos respondentes, sendo que o maior índice foi verificado para os doutorandos (74%). Cabe ressaltar, entretanto, que o instrumento utilizado não permitia uma boa análise sobre a natureza desta participação, nem ao menos verificar se o alto índice encontrado para os doutorandos era devido aos respectivos trabalhos de tese (o que não mudaria o fato de que eles estavam pesquisando).

Com relação às atividades de pesquisa de pós-graduados, encontram-se na literatura dois artigos de Monteiro de Castro (s.d.). Segundo a autora, dentre 132 mestres titulados por três instituições dos municípios do Rio de Janeiro e Niterói, 74% afirmou que não havia realizado pesquisa após a titulação, e 15% havia concluído uma.

(1) O trabalho foi realizado junto a alunos, professores e coordenadores de seis áreas, a saber, Engenharias, Humanidades/Educação e Ciências Exatas, Biológicas, Sociais e Agrárias, de todo o Brasil.

Em outro artigo (Monteiro de Castro, 1981), foram analisados dados levantados junto a 463 mestres das áreas de Ciências Biológicas, Biomédicas e da Saúde, Ciências Humanas e Ciências Matemáticas, Físicas, Químicas e Tecnológicas, também titulados nos municípios do Rio de Janeiro e Niterói⁽²⁾. Analisando as razões alegadas para a realização do curso, a autora constatou que 71,9% dos informantes buscava a possibilidade de ascensão profissional, e 48,25 o fizera em atendimento a requisitos da docência em nível superior.

Vale ressaltar que a categoria "interesse por atividade de pesquisa" foi mencionada por 7,8% dos informantes, sendo que o índice verificado para a área de Ciências Humanas e Sociais foi de 1,8%. Foi solicitado também que os egressos indicassem de quantas pesquisas estavam participando (e/ou haviam participado), independentemente do grau de responsabilidade que tivessem tido na mesma. Os resultados mostraram que 64,7% não possuía nenhuma pesquisa concluída, e 16,2% tinha concluído pelo menos uma.

Levando-se em consideração que 82,4% dos informantes havia se titulado em período relativamente recente (1975 - 1979) em relação à época da coleta das informações (1979 - 1980), o

(2) O referido artigo analisou alguns dados obtidos em uma pesquisa intitulada *Valores reais e valores proclamados da educação brasileira - o caso da pós-graduação*, realizada através de um convênio IESAE-INEP, entre 1979 e 1980.

resultado sobre a ausência de pesquisa concluídas não é tão surpreendente. Quanto ao número de pesquisas em andamento, 54,5% não estava desenvolvendo qualquer pesquisa, e 32,6% estava trabalhando em uma. Este último dado, embora desejável, mostra-se pelo menos curioso quando se verifica que entre as modificações profissionais decorrentes da realização do curso de pós-graduação, apenas 0,2% mencionou o desenvolvimento de pesquisas. Todavia, é necessário salientar que antes de iniciar o mestrado 2,4% dos informantes era pesquisador, percentual que se elevou para 4,0% quando da época do levantamento efetuado.

Mahoney *et alli* (1991) mostraram que 19 dos 42 mestres titulados por um programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação, que responderam ao questionário da pesquisa não haviam publicado qualquer artigo após a titulação, 5 haviam publicado um, 6 haviam publicado dois, 5 haviam publicado três e 6 tinham 4 ou mais artigos publicados; uma pessoa não respondeu à essa questão. Entre as razões que levaram estes 42 egressos a procurar o mestrado, 28 indicaram a formação como pesquisador.

Por outro lado, quando foi solicitada a identificação da contribuição do programa para o desempenho na atividade profissional que desenvolviam na época, e a importância do processo de elaboração da dissertação para a atividade profissional, o percentual verificado para a categoria Formação

do Pesquisador foi de 30,9% para a primeira solicitação e 40,4% para a segunda.

Na literatura sobre o ensino superior é comum encontrarmos afirmações de que a formação de um pesquisador deveria ocorrer principalmente através de um engajamento efetivo em pesquisas sob supervisão de um pesquisador experiente. Por exemplo, já em 1971 (década em que foram criados vários programas de Pós-Graduação) Martins, ao discorrer sobre a preparação de pesquisadores educacionais pelos cursos de pós-graduação, alertava que "nem sempre a pesquisa pode ser ensinada em cursos de métodos de pesquisa. O processo é aprendido por meio de estágios e de participação, "num ambiente contagioso de pesquisa" (p. 745 - grifos nossos).

Sampaio (1984), ao analisar a formação de pesquisadores, defende o engajamento em pesquisa desde a graduação, em projetos de pesquisa de docentes ou de projetos institucionais. O autor aponta, como um dos benefícios desse investimento na formação do pesquisador desde a graduação, a melhoria das condições de desenvolvimento da atividade pós-graduada.

As citações acima recuperam duas idéias fundamentais que continuam a merecer reflexões porque parecem conter o segredo da formação em pesquisa, ou seja:

- 1 - pesquisa se aprende fazendo;
- 2 - quanto antes a formação for iniciada maior a probabilidade de seu sucesso.

Gatti, pesquisadora em educação, também defende que pesquisa se aprende fazendo e seu depoimento a respeito sua formação em pesquisa constante do artigo intitulado Formar professores ou pesquisadores no Mestrado em Educação (1987) ilustra bem esse pressuposto.

Minha formação como pesquisadora foi feita em núcleos de pesquisa, seja na universidade, seja na Fundação Carlos Chagas, e não através de cursos. Desde o primeiro ano do curso de Pedagogia, participei de grupos de pesquisa existentes na Universidade de São Paulo, primeiro como "mão-de-obra": coletando dados, entrevistando pessoas, aplicando questionários, fazendo tabulações cansativas; enfim, participando de pesquisas de professores que, naquela época, faziam pesquisa nos cursos de graduação. Mais tarde, evidentemente, na preparação do doutoramento e na Fundação Carlos Chagas tive oportunidade de desenvolver as habilidades de pesquisa (p. 32).

Se, por um lado, há certo consenso sobre a condição necessária para se aprender a pesquisar ou seja, fazendo pesquisa, por outro lado, as condições institucionais e formais previstas para abarcar esse processo têm sido objeto recorrente de reflexão pelos que abordam a temática em seus diversos ângulos, por exemplo, Monteiro de Castro (1977), Gatti (1987), Pereira (1989), Saviani (1991) e Rezende Martins (1991).

A forma como os cursos de pós-graduação continuam estruturados é muito determinada pelo modelo de pós-graduação apresentado

anteriormente, apesar de constantes reformulações realizadas em diversos Programa de Pós-graduação em Psicologia e Educação (nos referimos apenas a estes por nos serem mais familiares).

Um dos pontos que as propostas de reformulação frequentemente tentam resolver, através de cursos em formas de seminários sobre os projetos de dissertação/tese, de atividades programadas ou mesmo de cursos de metodologia, é o envolvimento tardio em pesquisa. Essas atividades pretendem possibilitar que o aluno vá desenvolvendo seu trabalho de dissertação/tese à medida em que vai cumprindo os créditos exigidos como parte dos requisitos para a obtenção do título. Ocorre que apesar desses esforços, o aluno tende a cursar as disciplinas e deixar o desenvolvimento do projeto para depois. Uma das explicações prováveis para essa tendência do aluno em separar a pós-graduação em dois momentos distintos (cursos e projeto) é que, dessa forma, ele não acumularia as atividades do curso com as da pesquisa e com outras que ele já tenha e que não se relacionam diretamente com a pós-graduação (atividades profissionais, além da vida particular).

Adiar a dissertação/tese para depois dos cursos, pode diminuir o acúmulo de atividades mas outras consequências, também problemáticas do ponto de vista do desenvolvimento da pesquisa, acabam surgindo:

- o aluno fica isolado, sem grupos constantes de referência; seu principal (muitas vezes único) interlocutor passa a ser o orientador;
- a frequência de orientação depende do tempo disponível do orientador e, principalmente, da produtividade do aluno;
- como não há cobrança formal e frequente como ocorre durante os cursos (leituras, trabalhos etc...), os limites com os quais o aluno lida são os previstos institucionalmente para o término da dissertação/tese. Tanto que a conta que se costuma fazer sobre os prazos é feita de trás para frente, ou seja, "se tenho que depositar a dissertação/tese até tal data, então preciso fazer o Exame Geral de Qualificação até...";
- diante do prazo que o aluno identifica para o término do curso de pós-graduação, ele acaba engajando-se em várias outras atividades que o impedem de dedicar-se à dissertação/tese da maneira como ele gostaria (ou precisaria).

O fato do aluno perceber o curso de pós-graduação como dois momentos distintos - cursos e dissertação/tese - pode ter como consequência, por conta do tempo que sobra entre o término dos cursos e o prazo final para entrega do trabalho de conclusão, o envolvimento do aluno em outras atividades. Essas outras atividades podem distanciar o aluno do desenvolvimento do projeto e, por fim, ele acaba mudando de interesses e estabelecendo novas prioridades. Situações desse tipo podem ser uma outra explicação para a questão da evasão apontada

anteriormente. Dessa forma, a evasão estaria sendo produzida dentro da própria estrutura da pós-graduação.

As considerações que fizemos não configuram regras, mas envolvem situações que ocorrem com frequência, o que já permite percebê-las como problemáticas.

Se, por um lado, as condições ao longo do curso de pós-graduação não são as mais adequadas para a formação do pesquisador, por outro, as condições com que o docente se defronta no seu cotidiano funcional não se apresentam mais fáceis. Vejamos um pouco do contexto funcional dos docentes, do ponto de vista das dimensões que interferem na realização de pesquisas (conforme Apresentação do problema).

Em entrevistas por nós realizadas no início do desenvolvimento deste projeto (veja seção Método, justificativas para a definição do universo) com o objetivo de conhecer melhor o contexto em que os professores estão inseridos no que diz respeito às principais condições de trabalho, pudemos observar os pontos destacados a seguir.

As modalidades de regime de trabalho variam entre as diversas instituições de ensino superior com as seguintes tendências:

- a) as faculdades e institutos isolados tendem a oferecer apenas contratos hora/aula;

b) as universidades particulares, principalmente as confessionais, embora se utilizem de contratos hora/aula, dispõem de regimes de trabalho por turno (parcial ou integral);

c) nas universidades públicas (Federais e Estaduais) não existe o contrato por hora/aula e sim regimes contratuais por turnos (parciais e integrais - incluindo a dedicação exclusiva).

A exceção dos contratos por hora/aula, os demais regimes possibilitam, em tese, níveis diferenciais de envolvimento com as propostas educacionais e científicas das instituições na medida em que o docente é remunerado pelo tempo que "permanece" na instituição exercendo atividades, além da docência.

Problemas orçamentários à parte, os regimes de trabalho oferecidos expressam uma política da instituição. Nesse sentido, ter na universidade muitos docentes com dedicação exclusiva é uma condição desejável para que o ensino, a pesquisa e a extensão se viabilizem melhor. Essa foi, inclusive, a intenção oficial da criação do Regime de Dedicação Integral à Docência e Pesquisa - RDIDP enquanto tentativa de criar melhores condições aos docentes pesquisadores (Romeo, 1965).

A contratação de um docente em regime de turno parcial ou integral pode ser feita, conforme observamos, para atuação

exclusiva na graduação, pós-graduação ou para ambos os níveis educacionais, respeitada a exigência de titulação mínima para atuação na pós-graduação. Quanto à atribuição de aulas (carga total, número e diversidade de cursos), as entrevistas mostraram que, apesar da existência de algumas regras institucionais, as decisões costumam ser tomadas, em conjunto, pelos docentes dos departamentos. Além da carga horária, é comum os docentes gastarem horas de trabalho em cargos administrativos - chefias de departamento, direção de faculdade etc... , representações (ou participações como membros natos) - em conselhos (departamentais, de ensino e pesquisa etc...), em comissões (fixadas por mandatos ou especificadas para determinadas tarefas temporárias), em orientação de alunos, reuniões, bancas de concursos etc...

Pelas entrevistas que realizamos, pudemos verificar que apesar das várias possibilidades de situações funcionais, todos se queixavam sobre as condições existentes para o pesquisar. Sumarizando, poderíamos dizer que, segundo os docentes entrevistados:

- nas instituições onde os contratos são exclusivamente em regime de hora-aula nem se coloca a possibilidade de pesquisa;
- nas instituições com regimes de tempo parcial, integral ou exclusivo, a carga horária didática e as atribuições dela decorrentes (preparação de aulas, correção de trabalhos e provas, atendimento de alunos etc...), aliada às outras

atribuições exigidas do docente (representações, reuniões etc...) fazem com que sobre muito pouco tempo para o pesquisar.

Ainda dentro do que está sendo chamado de condições funcionais, é preciso dizer que aspectos mais específicos, tais como recursos físicos e humanos para apoio logístico (equipamentos, técnicos para operar equipamentos, datilografia de documentos, disponibilidade de salas e materiais etc...) ao desempenho das atribuições do professor, principalmente nas atividades extra-classe, precisam ser considerados como integrantes do panorama institucional do docente, embora não sejam objeto de atenção particular deste trabalho.

Nas universidades, em geral, existe um órgão coordenador da política científica da universidade, sendo ele o responsável, entre outras coisas, pela concessão de bolsas-pesquisa aos docentes que as solicitarem.

Um fato constatado nas entrevistas é o de que a dotação de recursos para estes órgãos é, em geral, insuficiente para atender aos projetos provenientes de todas as unidades da universidade. Os comentários feitos pelos entrevistados continham subjacente a idéia de que a verba, se conseguida, seria tão pequena que nem valeria o esforço de fazer a solicitação, já que ela "ajudaria" pouco. Some-se a essa queixa

uma outra, bastante frequente, referente às inúmeras exigências (muitos formulários para serem preenchidos, projetos detalhados etc...) para solicitação de verbas, e já teremos uma idéia das razões mais comumente usadas pelos docentes para explicar a sua "resistência" a recorrer a esse tipo de auxílio interno. Essas questões também se aplicam às agências externas de financiamento.

Muito embora as condições existentes nas instituições de ensino superior estejam longe de serem ótimas no que diz respeito ao pesquisar, a verdade é que mesmo com essas condições vários professores pesquisam.

E neste cenário que o problema desta pesquisa se insere, ou seja, quais são as condições que se mostram facilitadoras da atividade de pesquisa nas universidades: condições específicas durante a formação? condições presentes na situação atual de docente titulado? uma interação das duas situações? Foi com esse tipo de indagação que o projeto desta pesquisa foi delineado. Contém ele uma predição segundo a qual a realização de pesquisas e a produtividade dos docentes universitários, nas áreas de Psicologia e Educação, são fortemente influenciadas, dentre outros fatores: 1) pelas condições funcionais (contratuais) às quais eles se vinculam à universidade; 2) pela infra-estrutura de pesquisa existente no local de trabalho (condições materiais, apoio técnico e espaço físico); 3) pela

disponibilidade de recursos financeiros sob a forma de financiamento à pesquisa; e, 4) pela competência técnica do pesquisador adquirida através do processo de formação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO

A partir do objetivo da pesquisa de identificar condições que favorecem o pesquisar na universidade, e considerando algumas interfaces que este problema apresenta, os procedimentos de coleta de dados foram delineados a partir das preocupações comentadas a seguir.

Se analisássemos o discurso oficial de qualquer instância norteadora de política de pesquisa para o ensino superior (esfera federal, estadual, municipal e, principalmente, a da própria instituição), e as confrontássemos com a realidade empírica, constataríamos que há uma lacuna entre intenções e realizações. Essas lacunas podem ter origens e níveis diferenciados entre as várias instituições responsáveis pela geração e implementação de políticas de pesquisa. Recentemente, algumas instituições (principalmente universidades) começaram a realizar avaliações, até como forma de corrigir rumos previamente planejados.

Dada a distância entre o pretendido e o realizado, e considerando que a constatação dessa distância tem sido objeto de análise das próprias instituições, acreditamos que mais um trabalho que fizesse este confronto pouco contribuiria para a superação de possíveis problemas.

Por outro lado, parecia-nos que identificar as condições que favorecem o pesquisar na universidade seria uma forma mais efetiva de contribuir com este tema. Partir do existente, do afirmativo, parecia-nos mais eficaz do que mais uma vez mostrar o lado negativo.

Em nossa opinião, a melhor forma de conhecer as condições existentes e facilitadoras era através da análise das condições que possibilitaram que pesquisas fossem realizadas.

Com este tipo de preocupação, decidimos elaborar um questionário de caracterização das atividades de pesquisa de pessoas tituladas por pós-graduação *stricto sensu*. Dado que esse tipo de pós-graduação é o nível de ensino responsável pela formação do pesquisador e que a defesa da dissertação ou tese são situações de credenciamento formal, pareceu-nos fundamental iniciar o trabalho a partir desse momento oficial. Além disso, se já nos parecia difícil proceder ao levantamento de quem eram os titulados que interessava contatar para o desenvolvimento desse trabalho (ver Método), tentar outro encaminhamento, por exemplo, tentando localizar os docentes que faziam pesquisa em cada instituição, parecia ser extremamente complicado.

Com a adoção da primeira alternativa era possível recorrer a publicações oficiais que relacionam as dissertações e teses defendidas nas várias instituições de ensino superior.

Uma outra vantagem deste procedimento era a de que teríamos um conhecimento de todos os titulados que se dispusessem a colaborar com a pesquisa e não apenas daqueles cujas condições interessavam mais ao problema proposto. Seria uma possibilidade adicional de mapeamento do tipo realizado pela CAPES quando utilizou o questionário "O que fazem nossos mestres e doutores?", e dos trabalhos realizados por Monteiro de Castro (1981 e s.d.).

Ao propormos o uso do questionário como instrumento de coleta de dados levamos em conta que essa seria a melhor maneira de alcançar o maior número de respondentes, e que seu uso possibilitaria o levantamento de mais informações na medida em que o respondente poderia dispor do tempo e horário que preferisse para respondê-lo.

Além das condições presentes na situação profissional do titulado, outras condições experienciadas ao longo de sua história deveriam apontar elementos importantes de serem conhecidos, até como forma de entender a situação presente. Neste sentido, o questionário utilizado foi elaborado com os seguintes objetivos:

- caracterizar as atividades de pesquisa dos titulados;
- conhecer o contexto em que se deu a formação pós-graduada dos titulados;
- conhecer as condições profissionais dos titulados durante a pós-graduação e quando da realização desse trabalho;

- conhecer a percepção dos titulados sobre os problemas que dificultam o pesquisar na universidade.

Em complementação ao uso do questionário - primeira fase - foi planejada uma segunda fase da pesquisa que utilizou a entrevista aberta como instrumento. Este segundo momento de coleta de informações foi previsto como forma de garantir o aprofundamento de alguns aspectos abordados no questionário, e, até, como possibilidade de identificar novos elementos pertinentes à análise do tema escolhido.

A proposta para a análise do problema colocado pela pesquisa era partir do conhecimento das condições existentes e apreender quais são (ou foram) as condições que favorecem (ou favoreceram) a realização das atividades de pesquisa dos titulados que colaborariam com este trabalho.

Os dados empíricos assim coletados, sobre as condições que favorecem o pesquisar, não têm, para sua análise, um referencial teórico no sentido clássico. Não há uma teoria que abarque o tema e dê conta de explicá-lo em suas várias dimensões. Entendemos, assim, que o campo de estudo é muito mais uma praxeologia, para a qual contribuem várias áreas do conhecimento teórico, do que um campo epistemológico definido.

Quanto a este último aspecto é nosso entendimento que sendo a área de estudo um campo praxeológico, a única fonte fidedigna

de dados sobre as condições em que se realiza a pesquisa na universidade é o próprio pesquisador, isto é, o sujeito concreto do fenômeno enfocado, a práxis investigativa. O pesquisador tem uma posição privilegiada para informar sobre o seu contexto de trabalho. É ele quem vivencia o cotidiano da pesquisa.

Neste sentido, a palavra dos pesquisadores, enquanto informantes da pesquisa, foi tomada como dado fidedigno. Não se cogitou submetê-la a qualquer procedimento metodológico que analisasse sua coerência interna ou mesmo que denunciasse qualquer viés ideológico (análise de conteúdo ou de discurso). Na condição de detentores de título acadêmico, de mestre ou doutor, foram por nós considerados como informantes qualificados sobre as condições de realização da pesquisa na universidade.

Esta posição também foi possível na medida em que as dimensões do contexto da pesquisa delimitadas como foco do nosso estudo têm baixa probabilidade de merecer interpretações discrepantes face às diferentes opções teórico-metodológicas dos pesquisadores. Caso contrário, teríamos que ter presente a possibilidade de os dados coletados possuírem baixa validade.

Ainda sobre a palavra dos informantes há que se ressaltar que não as assumimos no que elas poderiam conter de teor interpretativo dos dados: a tarefa de interpretação foi nossa.

A coleta, análise e interpretação dos dados teve como pano de fundo alguns referenciais presentes no contexto universitário nacional, especialmente aqueles que dizem respeito às áreas das políticas científica, tecnológica e educacional.

As políticas públicas de ciência e tecnologia e universitária, pela relevância que assumiram no panorama dos desenvolvimento sócio-econômico nacional, têm merecido a atenção de vasta gama de segmentos da sociedade, civil e política.

Na sociedade política, há que se registrar a existência, no âmbito do executivo, do Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério da Educação na esfera federal e suas correspondentes Secretarias em quase todos os Estados. No âmbito do legislativo, igualmente, tanto na esfera federal como na estadual, se encontram Comissões específicas para aqueles temas.

Na sociedade civil, a atenção extrapolou os círculos acadêmicos universitários. Ciência, tecnologia e educação estão dentre as preocupações tanto das associações do empresariado como nas dos trabalhadores. E, portanto, uma questão que interessa à sociedade em geral, por isso mesmo, já é frequente nos meios de comunicação.

No âmbito da universidade, os temas da Ciência e Tecnologia e do Ensino Superior têm ganho destaque especial dando origem à formação de órgãos internos de estudos e pesquisas sobre os mesmos, e em algumas universidades à criação de programas de pós-graduação específicos dessas áreas.

Assim, esses estudos vem sendo realizados por especialistas tanto no âmbito interno das universidades como sob a forma de cooperação interinstitucional com a participação e patrocínio de universidades, órgãos de incentivo ao desenvolvimento científico e tecnológico, órgãos de apoio ao aperfeiçoamento dos recursos humanos das universidades, entidades dos setores produtivos.

Questões que envolvem a universidade brasileira, em geral, e aspectos específicos da sua atuação como a preparação de recursos humanos, a formação de professores, a produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, a extensão de serviços à comunidade têm sido objeto de inúmeros debates, encontros e seminários.

Em geral, desses esforços em discutir as funções e os caminhos da universidade resultam uma crítica à situação existente, muito mais do que a indicação segura de soluções. A articulação entre o diagnóstico do que é hoje a universidade e aquilo que dela se deseja no futuro é um desafio de gigantesca dimensão. Exige, antes de tudo, um projeto de sociedade, que a nossa

história de crise político institucional tem impedido emergir. Assim, não deve causar perplexidade a incapacidade de superar a crítica e encontrar soluções para a universidade, posto que seu projeto institucional é dependente de um inconsistente projeto social.

Ha um certo consenso de que é imperativa a aproximação entre universidade e sociedade, que a universidade se abra para as necessidades sociais. A recorrência das discussões sobre esse tema denota que há, também, certa dificuldade da universidade para operacionalizar essa meta. É um velho problema para o qual não se encontrou solução adequada.

Não se trata de negar a importância e o valor da universidade que temos hoje. Bem ou mal ela é produto histórico da nossa sociedade em formação e, como esta, uma instituição em permanente processo de construção. O que enfatizamos aqui é a dificuldade que a universidade encontra de cumprir as expectativas que sobre ela recaem.

Sobre essas questões fundamentais na compreensão da relação entre universidade e sociedade, podemos nos valer das contribuições indicadas a seguir.

Chagas (1983), ao refletir sobre o percurso da universidade brasileira, identifica uma permanente crise de identidade. Para o autor não há como dissociar a universidade da sociedade.

Aquela ira para onde esta for. Cabe à universidade, como criação, contribuir para transformar construtivamente a sociedade, sua criadora. Só assim conseguirá se legitimar como instituição social.

Vaz (1983), ao analisar as relações que a universidade mantém com a sociedade, distingue dois tipos de funções: a crítica e a sistêmica. Ao desenvolver a primeira, a universidade se comporta como instância onde a sociedade pensa a si própria (p.60). Pela segunda, a universidade desenvolve suas ações concretas a serviço da sociedade via ensino, pesquisa e extensão. Para dar conta dessas funções, segundo o autor, a universidade necessita de autonomia para pensar e buscar novos caminhos, novos modelos pedagógicos e a integração das diversas áreas do saber. Quando define a universidade o faz como a seguir:

... o que principalmente deveria definir a Universidade é a existência de um ethos que lhe seja próprio e que presida sua organização institucional e sua atividade acadêmica. Este ethos, este espírito da instituição, que lhe é próprio, como nota individualizante e distintiva de outras Universidades e instituições educativas, se situa em quatro campos fundamentais: o campo axiológico (moral ou ideológico), o campo dos padrões acadêmicos em termos de suas exigências nas atividades desenvolvidas, o campo dos interesses ou da vocação ou especialização da instituição e finalmente o campo da sua prática educativa ou proposta pedagógica (p.61).

Schwartzman (1983), ao identificar as principais fontes de problemas para a universidade aponta como fator externo a falta de apreciação positiva de muitos setores da sociedade e do Estado sobre o sistema educacional. Como consequência, tem se

que os recursos destinados estão sempre aquém das necessidades e aumentam sempre com muita dificuldade.

Como problemas internos aponta deficiências no ensino e na pesquisa, gastos excessivos em edificações de utilidade duvidosa, a existência de grupos sociais cada qual com seus interesses próprios e concepções particulares sobre o que deve ser a universidade. Neste último caso, aponta para os interesses corporativos que levam a confundir os interesses da universidade com aquele. Nesta esfera, segundo o autor, os problemas não são sanáveis com técnicas administrativas mais eficientes, modelos de planejamento ou sistemas de controle mais modernos.

Diante da dificuldade de sanar seus problemas internos, pela *pouca clareza e conhecimento a respeito das diversas opções possíveis e suas eventuais consequências* (p.35), e pelos custos políticos e pessoais aí envolvidos, a universidade, segundo o autor, coloca o problema fora do sistema educacional atribuindo ao governo a responsabilidade pelos seus problemas vistos sempre como políticos e econômicos. Decorre daí, ainda segundo Schwartzman, que

... a "universidade brasileira" termina com uma agenda de demandas e reivindicações extremamente limitada e empobrecida: melhores salários para professores, ensino gratuito para os alunos, maiores verbas para a educação, democratização (isto é, participação de alunos, funcionários e professores em início de carreira) nas eleições para cargos administrativos e nas decisões - e pouco mais do que isto (p.36).

Para o autor, o futuro da universidade não está em vitórias políticas, mas no desenvolvimento da sua capacidade de entender sua realidade no contexto social, político e econômico do país, e propor soluções adequadas para ela. Só assim poderá se *constituir em um fator a mais na criação de uma sociedade mais justa e capaz de enfrentar os desafios do futuro* (p.37).

No seio dessa discussão sobre a universidade emerge a questão específica que interessa ao nosso estudo: a pesquisa como atividade essencial para o cumprimento de suas funções básicas. Como já vimos anteriormente, a pesquisa na universidade decorre de um princípio legal que consubstancia a essência da instituição universitária e lhe confere o status de local privilegiado para a produção do conhecimento.

Figueiredo e Sobral (1991) entendem a universidade como uma instituição voltada para a geração e difusão de conhecimentos e a pesquisa; conseqüentemente, como o fundamento das suas demais funções - ensino e extensão. Com base nesta definição e em dados estatísticos sobre quantidade de professores titulados, regime de trabalho docente, número de cursos de pós-graduação e produção acadêmica, fizeram um estudo sobre a realização de pesquisa nas universidades brasileiras que revela o seguinte quadro, em síntese:

- a pesquisa se realiza quase exclusivamente nas universidades públicas. As universidades privadas têm papel praticamente irrelevante;

- a pesquisa concentra-se na pós-graduação; a generalização para a graduação é um desafio a ser enfrentado;
- a articulação entre a universidade e seu produto, com os setores produtivos e outros, e também o Estado, ainda se faz de maneira precária e pontual; essa articulação é fundamental para o aproveitamento da capacidade instalada de pesquisa e formação de recursos humanos para o desenvolvimento do país e como estímulo à consolidação da pesquisa na universidade;
- a universidade pública tem corpo docente mais qualificado academicamente, com maior dedicação à instituição, e a maior concentração na oferta de cursos de pós-graduação;
- a institucionalização da pesquisa na universidade brasileira acompanhou a expansão dos cursos de pós-graduação, para todas as áreas do conhecimento, a partir da segunda metade da década de 60 e acentuou-se nos anos 70.

Silva (1991) apresenta uma análise da política de financiamento da pesquisa na universidade brasileira onde destaca preliminarmente que

Por financiamento da pesquisa deve entender-se, não apenas o volume de recursos disponíveis, mas, também os fins específicos a que se destinam, o ritmo de sua transferência às instituições e a forma de como estas os administram. Trata-se, na realidade, de uma "política de financiamento" em que os procedimentos e normas que precedem e cercam a utilização de recursos disponíveis influenciam consideravelmente a eficiência com que estes atendem aos objetivos a que são destinados (p. 161).

Esta consideração do autor é importante na medida em que insere o financiamento no processo da pesquisa, não como uma etapa

fixa e neutra mas como algo que interfere na propria produtividade da pesquisa.

Os dados com os quais o autor trabalhou para sua análise compreenderam o período de 1980 a 1987 e são relativos ao orçamento da união para ciência e tecnologia e investimento em pesquisa e pós-graduação nas universidades públicas. Embora os dados revelem outras fontes de recursos, o financiamento à pesquisa nas universidades é feito quase exclusivamente com recursos de FNDCT, CNPq e CAPES. Mereceu registro a participação da FAPESP. Os recursos alocados no período se concentraram na região Sudeste, especialmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Dois pontos importantes que dizem respeito à formulação de política e à participação do orçamento próprio das universidades são assim tratados pelo autor:

- Embora os financiamentos ocasionais obtidos através de convênios, contratos ou empréstimos com entidades nacionais ou internacionais tenham grande importância, quando se destinam a fins bem identificados e são administrados com acerto, o desenvolvimento da pesquisa científica a nível nacional depende principalmente do financiamento regular e contínuo pela União e pelos Estados porque são eles que permitem formular uma política de desenvolvimento (p.162).

- O financiamento da pesquisa tende, cada vez mais a fazer-se através de canais próprios, mas a sua análise não pode ignorar o orçamento das universidades porque deste depende a existência de condições adequadas para o trabalho científico e a pós-graduação (p.162).

Dentre as conclusões a que os dados conduzem destacamos, segundo interesse do nosso tema, o que segue:

- a necessidade de medidas para fortalecer a capacidade de pesquisa das universidades das regiões menos favorecidas;
- há indícios de forte demanda reprimida por financiamento de pesquisa;
- o investimento anual em auxílios para a pesquisa tem correspondido a aproximadamente 5% dos gastos com a manutenção das universidades públicas; isto corresponde a menos de 10% do salário dos docentes-pesquisadores;
- à escassez de recursos e à ineficiência com que são transferidos, somam-se a forma as vezes inadequada dos auxílios e a insegurança do seu atendimento;
- os aumentos orçamentários ocorridos nos últimos anos ocorreram devido ao aumento do número e do valor das bolsas;
- as modalidades de financiamento apresentam inconvenientes tais como, curta duração dos auxílios, rigidez no uso dos recursos e não atendimento de itens considerados importantes pelos pesquisadores.

METODO

Este trabalho teve duas fases distintas de coleta de dados. A primeira fase utilizou um questionário como instrumento e a segunda fase, entrevista aberta.

O questionário, como será descrito a seguir, procurou caracterizar as atividades de pesquisa dos mestres e doutores que colaboraram nesta fase.

Definição do Universo

O projeto inicial definiu, como universo, todas as pessoas que obtiveram o título de mestre e/ou doutor em qualquer área de concentração da Psicologia ou Educação, em alguma instituição de ensino superior do Estado de São Paulo, no período que compreende os anos de 1976 - 1985.

Justificativas para a definição do universo

a) Porque mestres e doutores (Conforme Introdução)

A decisão de trabalhar com mestres e doutores justifica-se por duas razões principais. Embora conste do discurso oficial que a autonomia do pesquisador está assegurada após a obtenção do título de doutor, do mestre também se espera domínio sobre essa atividade, o qual deverá ser demonstrado

no trabalho de dissertação. Além disso, a necessidade de se trabalhar com mestres advém da própria terminalidade desse nível. Como nem todos os egressos do mestrado continuam seus estudos ao nível do doutorado, grande parte das informações sobre o maior contingente de pós-graduados seria excluída, tornando o grupo de participantes menos representativo do contexto geral da pós-graduação no Estado de São Paulo.

b) Porque titulados em Educação ou Psicologia

A restrição do estudo a cursos de Educação e Psicologia justifica-se pelas razões abaixo.

1. São áreas de maior interesse e familiaridade desta pesquisadora, seja por formação, seja por opção de trabalho.
2. Considerando-se os instrumentos de coleta que foram utilizados, era necessário que a pesquisadora dispusesse de conhecimentos específicos e trânsito suficiente nas áreas sob investigação de forma a poder contestar dados e contrapor respostas dos entrevistados. Este conhecimento, por parte do investigador, do assunto sob investigação tem sido descrito como fundamental até mesmo como variável controladora da disponibilidade do entrevistado para oferecer respostas. Uma discussão destas questões pode ser encontrada em Luna (1983).

Para garantir as razões apontadas nos itens 1 e 2, foram gastos alguns meses, no início do curso de doutoramento, em uma fase preliminar em que foram realizadas atividades do seguinte tipo:

- levantamento da legislação que rege as universidades federais, estaduais, particulares e instituições isoladas, no que diz respeito às condições contratuais dos professores;
- entrevistas com sete professores de diferentes instituições para verificar como os compromissos contratuais se expressam na realidade do dia-a-dia universitário;
- levantamento de material sobre os objetivos, diretrizes e regras das principais agências de financiamento à pesquisa no Brasil.

3. Finalmente, e como decorrência do exposto acima, acredita-se que a ampliação dos conhecimentos e a generalidade dos dados em relação a outras áreas de conhecimento, dependerão de estudos realizados intra-áreas. A medida que tais estudos sejam feitos por pesquisadores de cada área de conhecimento, tornar-se-á possível ir alargando o âmbito das análises e conferindo fidedignidade e generalidade ao conhecimento produzido.

c) Porque 1976 - 1985

Embora o Parecer que delineou a pós-graduação seja de 1965, a institucionalização da pós-graduação data da década de 70, pelo menos nos casos dos cursos de pós-graduação que foram

alvos deste trabalho. Apenas como exemplo, vale citar que em 1970 existiam, no Brasil, quatro cursos de mestrado em educação enquanto em 1976 esse total era de 21 mestrados e 2 doutorados (Castro, 1985a). O ano de 1985 como limite superior deveu-se ao fato de que o projeto foi iniciado em 1986.

Construção do Banco de Titulados

A partir da definição do universo elaborou-se um banco de titulados (não informatizado) com 1.064 nomes de mestres e/ou doutores; 66 dessas pessoas haviam feito o mestrado e o doutorado nas condições estabelecidas pela pesquisa. A construção deste banco foi realizada junto às fontes listadas a seguir.

1. Nos relatórios da produção científica que os programas costumam enviar à CAPES. No caso da Psicologia, foram consultados relatórios de 1981 a 1985 e, para a Educação, de 1982 a 1984. Este material foi gentilmente cedido pela CAPES quando da visita desta pesquisadora à Brasília, para este fim.
2. Volumes de 1 a 5 do Banco de Teses publicados pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC. Estes volumes cobrem os anos anteriores a 1982, e eram os únicos editados até então.
3. Catálogo de pós-graduação da USP.
4. Catálogo de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Volume 3, que abrange as áreas

de Distúrbios da Comunicação, Educação e Filosofia da Educação, e Volume 5, com as áreas de Psicologia, Psicologia Clínica e Psicologia Social.

5. Listagem de teses defendidas no Instituto de Psicologia da USP. Este material foi fornecido pela Secretaria da pós-graduação da USP.

6. Listagem dos titulados (e seus respectivos endereços) pela PUCCAMP, material fornecido pela Secretaria da pós-graduação.

7. Consulta a parte do material utilizado nas teses dos professores Ozella (1992) e Sonzogno (1987).

As informações fichadas no banco de titulados foram:

- nome do mestre e/ou doutor
- nome do orientador
- instituição que forneceu o título
- programa de pós-graduação cursado
- ano da defesa
- nível da titulação (mestrado ou doutorado)

Nem sempre foi possível preencher todas as informações a respeito de cada titulado. Além disso, apesar do extenso número de fontes consultadas não há garantia de que o nome de todos os titulados, de acordo com a definição, tenham sido resgatados. Aliás, o contrário mostrou-se verdadeiro, ou seja, treze titulados que foram incluídos no banco de titulados desta pesquisa tiveram que ser posteriormente retirados quando o questionário respondido foi devolvido. Isto porque dez pessoas haviam se titulado após 1985 e três bem antes de 1976.

Através de consulta às publicações "Catálogo das Instituições de Ensino Superior" e "Pós-graduação - 1978: relação dos cursos de mestrado e doutorado por área de conhecimento; instituição; credenciamento", constatamos que as instituições que ofereciam cursos de mestrado e/ou doutorado no Estado de São Paulo, nas áreas de Educação e/ou Psicologia, no período determinado pela pesquisa, eram:

- Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
- Universidade de São Paulo - USP
- Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP
- Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP
- Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESP
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração de Jesus - FFCLSCJ
- Federação das Escolas Superiores do ABC
- Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP.

Localização dos titulados

Do posse do conhecimento de quais eram as pessoas que faziam parte da população a ser contatada, iniciou-se um trabalho exaustivo de localização de seus endereços atuais. Para tanto, foram utilizados os vários caminhos abaixo relacionados.

1. Consulta ao arquivo *morto* da Secretaria de pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP.
2. Listagem com os endereços dos titulados fornecida pela Secretaria de pós-graduação da PUCCAMP.
3. Lista dos doutorandos matriculados no Programa de Psicologia da Educação da PUC-SP.
4. Lista dos professores da PUC-SP de acordo com sua filiação departamental.
5. Consulta à lista de sócios da Sociedade Brasileira para o Processo da Ciência - SBPC.
6. Informações cedidas informalmente por professores, ex-orientadores e colegas dos titulados.
7. Anais de Congressos (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC, Conferência Brasileira de Educação-CBE e Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto-SPRP)
8. Lista telefônica.

Chegou-se a alguma pista na identificação de aproximadamente 754 endereços, sendo que vários envelopes retornaram ao remetente. Além destas devoluções, não se pode afirmar que todos os questionários que não foram devolvidos preenchidos tenham chegado, de fato, ao seu destinatário porque a veracidade dos endereços conseguidos variou de acordo com a fonte consultada. Por exemplo, os endereços fornecidos pelas Secretarias de Pós-graduação eram, em geral, os indicados pelos titulados quando da época do ingresso na pós-graduação. Já os endereços conseguidos via lista telefônica foram todos confirmados antes do envio do questionário. Porém, mais do que

contar com a sorte do endereço conseguido continuar sendo o mesmo, outro tipo de problema surgiu. Foram recebidas pelo menos dez cartas de pessoas (inclusive dois telegramas) comunicando terem recebido a carta na qual era reiterado o pedido de preenchimento do questionário (ver Contatos com os titulados mais adiante) mas afirmando que não tinham recebido o questionário. Não sabemos dizer se estes fatos ocorreram por deficiência dos correios ou dos protocolos das universidades, uma vez que a segunda correspondência seguiu com o mesmo endereçamento. Não houve possibilidade de conseguir qualquer pista sobre o paradeiro de 310 pessoas.

Ainda para conseguir fazer chegar os questionários aos titulados e considerando que muitos deles estão trabalhando em universidades, foi sendo construído um arquivo com o nome, endereço e departamento de várias universidades do Brasil as quais os titulados estavam ligados.

Contatos com os Titulados

Uma vez localizado o possível endereço do titulado era-lhe enviado o questionário e um envelope para devolução devidamente selado e endereçado.

Decorridos pelo menos dois meses após o envio do questionário era enviada uma carta solicitando a devolução do mesmo preenchido. Em alguns casos chegamos a enviar mais de um

questionário ou de uma carta para a mesma pessoa (algumas vezes para o mesmo endereço e outras para um segundo endereço conseguido). Além disto, quando se tratava de pessoa mais próxima, a solicitação pessoal e via telefone também foram utilizadas.

Quando o questionário voltava preenchido era enviada uma carta de agradecimento pela colaboração. Cópias das cartas (cobrança e agradecimento) podem ser encontradas no Anexo 1.

Instrumentos utilizados

Construção do questionário

Os temas abordados no questionário foram elencados a partir das entrevistas preliminares realizadas (ver item b da Definição do Universo), da literatura disponível que relata o uso de instrumentos semelhantes e de pontos sugeridos por pesquisadores mais experientes.

O conteúdo das questões apresentadas no questionário pode ser agrupado em sete grandes aspectos.

1. Identificação pessoal
2. Trajetória educacional
3. Características da atividade profissional
4. Razões para cursar o pós-graduação

5. Condições materiais para cursar o pós-graduação
6. Condições acadêmicas para cursar o pós-graduação
7. Produção científica

Antes das questões propriamente ditas o questionário continha uma apresentação na qual se colocava o objetivo do questionário, o fato de ser uma pesquisa a ser apresentada como tese de doutoramento e uma explicação da necessidade de identificação do respondente. Ao final da apresentação, constavam a assinatura desta pesquisadora e a do orientador. A decisão de colocar o nome do orientador mostrou-se acertada em seu pressuposto de que sua história no meio acadêmico era um respaldo importante para garantir o envolvimento dos respondentes. Muitos questionários voltaram com recados e lembranças destinadas ao orientador e alguns com falas do seguinte tipo: *Respondi ao presente questionário para colaborar com você mas, também, pela assinatura do meu querido ex-professor e amigo Sérgio Luna. Um abraço a vocês.*

Teste do instrumento

Foi realizado um pré-teste do instrumento com a colaboração de dez pessoas do meio acadêmico que não integravam o grupo de titulados a ser contatado. A análise das respostas do pré-teste mostrou poucos problemas no questionário no que diz respeito à formulação das perguntas. As grandes mudanças ocorridas desta fase para a versão final aconteceram na forma de apresentação - diagramação das questões. Cópia da versão final do questionário

pode ser encontrada no Anexo 2. Por outro lado, quando os questionários começaram a ser devolvidos algumas pessoas comentaram que havia um erro de indicação na questão 16. Esta questão faz referência à questão 17 e não à 14, como deveria ocorrer. O tipo de erro cometido foi consequência de digitação incorreta já no pré-teste, não detectado a tempo de efetuar a correção. Além deste erro, que não prejudicou de fato o entendimento da questão, constatamos um outro que apenas por sorte não teve consequências indesejáveis. Na questão 13 era solicitado ao respondente que saltasse para a questão 19 caso não tivesse participado de alguma pesquisa após ter se tornado mestre e/ou doutor. Ocorre que ao realizar o salto indicado, a questão 16, que resgata a divulgação das pesquisas realizadas, também é pulada. Os titulados que tivessem indicado pesquisa na questão 12 e não tivessem realizado alguma após o mestrado não teriam razão para responder a questão 16. Todavia, foram poucas as ocorrências deste tipo e o que foi mais surpreendente é que as pessoas continuaram lendo o questionário e responderam à questão 16 apesar do erro de elaboração.

Como pode ser observado no Anexo 2, o questionário era extenso uma vez que continha 19 perguntas, muitas com desdobramentos. Embora ele apresentasse muitas questões fechadas - do tipo assinalar itens de um quadro - vários respondentes reclamaram do seu preenchimento, não só por ser longo mas porque eram solicitadas informações que exigiam consulta ao *curriculum vitae* ou, para quem não o tivesse, exercício de memória. Outro tipo de queixa era o fato de que o professor já tem que

responder vários formulários para as agências de fomento que, por serem parecidos com o tipo de informação solicitada no questionário, tinham sua tarefa duplicada ou, até, triplicada (os que fizeram menção a este aspecto alegaram não terem cópia dos formulários).

Entrevista - segunda fase da pesquisa.

Embora tecnicamente o local correto para expor os procedimentos adotados na segunda fase da pesquisa seja no Método, ele será inserido após a apresentação dos resultados da primeira etapa - questionário.

RESULTADOS

O tratamento das respostas fornecidas no questionário não foi o mesmo para todas as perguntas. A maior parte delas, ou seja 12 questões (2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 18), foi categorizada e, a partir daí, foi construído um banco de dados no programa *DBase*. Após o término da elaboração do banco de dados, as informações nele contidas foram processadas no programa *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS*. Entretanto, vários dados, embora tenham sido processados pelo programa SPSS, foram reorganizados de forma a possibilitar redução no número de tabelas e uma visualização mais rápida dos resultados obtidos.

As respostas que não foram colocadas no banco de dados (questões 6, 14, 15, 16 17, e 19) foram transcritas e categorizadas através processamentos manuais porque este procedimento pareceu-nos, na época, mais rápido, dado o número de informações envolvidas. O uso do computador só ocorreu para a digitação das respostas da questão 19 (entraves à produção do conhecimento na universidade, após categorização prévia), e para a confecção final das tabelas relativas a essas questões.

Antes de apresentarmos os resultados obtidos através do questionário, será feita uma avaliação do procedimento de coleta utilizado neste trabalho.

Excluindo-se a correspondência que foi devolvida pelo correio, as pessoas que moravam fora do país ou faleceram e as que não foram localizadas, o total de pessoas para as quais foi enviado pelo menos um questionário foi de 694. Todavia, conforme foi apontado no item *Localização dos titulados*, não se pode ter certeza de que todos os questionários tenham chegado ao seu destinatário.

Vale ressaltar que pelo menos cinco pessoas devolveram o questionário sem preenchê-lo (alguns declararam que não iriam fazê-lo). Três pessoas afirmaram ter enviado o questionário preenchido mas por problemas não detectados os mesmos não foram recebidos.

O total de questionários preenchidos e considerados para análise foi de 257. Se tomarmos por base o número de questionários enviados (694), chegaremos ao índice de 37,0% de retorno. Se incluirmos os treze questionários devolvidos preenchidos mas que não fizeram parte da análise, conforme apontado no Método, o índice de retorno é de 38,9%.

Considerando as dificuldades encontradas para a localização dos egressos, o tamanho e a natureza do questionário, pode-se considerar um sucesso este índice tão próximo aos obtidos por outros pesquisadores em situações um pouco mais favoráveis. Por exemplo, Franco (1987) contatou egressos de três escolas

técnicas agrícolas do Brasil. Os endereços destes ex-alunos foram fornecidos pelas secretarias de escolas; o maior tempo transcorrido desde a formatura era de 3 anos; foi enviado um envelope devolução junto com o questionário; o questionário também era longo; como forma de incentivo à resposta era informada aos egressos a possibilidade de receber um texto sobre assunto de seu interesse; na apresentação do questionário foi informado aos egressos que a pesquisa era desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas, instituição com tradição em pesquisas educacionais. Os índices de retorno dos questionários desta pesquisa variaram entre as escolas e foram de 35%, 26% e 34%.

Já Baptistella Filho, Mazzon e Guagliardi (1980) realizaram um estudo com o objetivo de analisar o retorno de questionários enviados por correio, tentando verificar se o índice de retorno variava em função:

- da fonte emissora da pesquisa (uma Faculdade de Economia e Administração; uma empresa produtora de bens de consumo bastante conhecida; uma empresa de consultoria e pesquisa);
- do acompanhamento ou *follow-up* (envio somente dos questionários; envio do questionário e de um aerograma, 15 dias após, reforçando a importância da resposta e retorno do questionário);
- do uso de incentivos (envio, juntamente com o questionário, de um lençinho perfumado acompanhado de uma mensagem de agradecimento pela colaboração em responder e devolver o

questionário; envio, juntamente com o questionário, de uma nota de Cr\$ 5,00 acompanhada de uma mensagem de agradecimento) (p.28).

O conteúdo dos questionários abordava hábitos de consumo em relação a produtos do lar. O questionário foi impresso em papel timbrado (de acordo com a fonte emissora) e o acompanhava um envelope Carta Resposta Comercial.

De fato, as taxas de retorno variaram em função das diferentes combinações programadas pelo procedimento. A menor taxa observada - 2,4% - foi verificada para as combinações Empresa de bens de consumo/questionário e Empresa de Consultoria e Pesquisa/questionário, enquanto a maior ficou com a Faculdade de Economia e Administração/Cr\$ 5,00 com agradecimento - 32,9%. Além disso, vale apontar que comparadas a partir da entidade emissora do questionário, as taxas de retorno sempre foram maiores para a instituição Faculdade de Economia e Administração, em qualquer combinação de incentivos e acompanhamento.

Estes dois exemplos de pesquisa - uma que utilizou o envio de questionários via correio enquanto procedimento e outra que analisou esta forma de envio como objetivo - mostram que o índice de retorno obtido neste trabalho foi bom.

RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO.

Embora os informantes dessa pesquisa devam ser classificados, enquanto titulação, como mestres ou doutores, todas as tabelas que serão apresentadas foram construídas contemplando um terceiro grupo, qual seja, mestres cursando o doutorado. A separação de dois segmentos dentre os respondentes titulados mestres pareceu ser útil para permitir a identificação de possíveis diferenças que ajudem a delinear o perfil de um pesquisador. Nesse sentido, a expressão *Nível de titulação* será utilizada no decorrer desse trabalho como representando o conjunto dos mestres (M), dos mestres cursando o doutorado (MCD) e dos doutores(D).

Grande parte das tabelas foi construída com o auxílio do programa SPSS, conforme indicado anteriormente, embora as formas de apresentá-las sejam diferentes. Os cálculos apresentados nessas tabelas foram feitos sobre as respostas válidas, ou seja, a ausência de resposta e as respostas que não se aplicavam às perguntas foram excluídas da análise. O total de casos não considerados na construção de cada tabela pode ser visto ao final das mesmas ao lado da indicação *number of missing observations*.

A apresentação dos resultados, a seguir, seguirá a seguinte sistemática: descrição de blocos de resultados (em função das tabelas organizadas) e análise parcial dos dados de cada bloco.

1. CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES DA PESQUISA

A Tabela 1 mostra como os respondentes desta pesquisa se distribuíam quanto ao nível de titulação. Como podemos verificar, o conjunto dos respondentes era composto por 61,9% de mestres e 38,1% de doutores. O resultado da criação de um novo nível de titulação mostrou um equilíbrio maior na distribuição dos respondentes, uma vez que os três níveis apresentaram percentuais em torno de 30,0%, com pequena discrepância para o nível doutorado (38,1%).

A Tabela 2 mostra que 68,6% dos informantes desta pesquisa eram do sexo feminino. A predominância de mulheres se mantém quando comparamos os dados por nível, ou seja, dos titulados mestres 75,3% era do sexo feminino, entre os mestres que estavam cursando o doutorado 69,7% era do sexo feminino e entre os doutores 62,2% era de mulheres. Por outro lado, verificamos que há uma tendência crescente na proporção de homens entre os níveis (25,0% dos mestres, 28,8% dos mestres cursando o doutorado e 46,3% dos doutores), embora não haja tendência clara na proporção de mulheres entre os níveis.

Na Tabela 3 encontra-se a distribuição dos respondentes de acordo com o nível da titulação e idade que tinham na época em que responderam ao questionário. Verificamos que as maiores concentrações de respostas encontram-se, para os totais gerais, nas categorias "41 a 45 anos" (33,3%), "36 a 40 anos" (25,8%)

e "46 a 50 anos" (18,7%). Como pode ser visto, os maiores percentuais de respostas situam-se na categoria "41 a 45 anos" tanto para os totais gerais (conforme acima mencionado), como para os níveis mestrado e doutorado (30,9% e 40,0%, respectivamente). Já para o nível mestres cursando o doutorado, o percentual mais elevado foi observado na categoria "36 a 40 anos" (34,2%). Apenas quatro doutores titularam-se antes dos 35 anos, sendo que um deles o fez com menos de 30 anos.

1.1 Como os mestres que não cursam o doutorado percebem a perspectiva de continuar os estudos ?

As Tabelas 4 e 5 apresentam as respostas dos mestres com relação à intenção de continuar os estudos ao nível de doutorado, e as principais razões para não cursá-lo. Podemos notar que dentre os mestres que não tinham intenção de continuar os estudos (18,5%) as principais razões apontadas foram a falta de interesse (33,3%), não estar profissionalmente ligado à área acadêmica (26,7%) e estar aposentado ou prestes à aposentar-se (20,0%).

Na Tabela 6⁽³⁾ encontram-se as áreas de concentração mencionadas pelos mestres que pretendem cursar o doutorado. Dezessete categorias representam a variedade de indicações oferecidas. As três categorias que apresentam maiores percentuais são psicologia da educação (que engloba também psicologia educacional e do escolar - 26,3%), psicologia clínica (15,8%) e psicologia (7,9%).

1.2 Cursos frequentados na graduação (Instituição, curso e ano de conclusão).

As Tabelas 8, 9 e 10 apresentam informações a respeito dos cursos de graduação realizados pelos respondentes desta pesquisa.

Na Tabela 7 encontram-se as informações sobre as universidades frequentadas na graduação. Podemos verificar que 41 instituições do Brasil foram mencionadas como tendo sido cursadas durante a graduação. Apesar desta grande dispersão, se somarmos os cinco maiores percentuais notamos que a USP

⁽³⁾ Por ocasião do Exame Geral de Qualificação foi colocado, por alguns examinadores, que a junção das áreas de concentração Psicologia da Educação/Educacional com Psicologia do Escolar não era muito apropriada. Embora não tenhamos feito as tabelas com a separação sugerida porque essa alteração implicaria em re-codificar as informações e alterá-las no programa utilizado para tratamento dos dados, apresentaremos os números de cada curso separadamente, por ocasião da descrição de cada tabela onde a informação for relevante. Na Tabela 6, apenas uma pessoa mencionou Psicologia do Escolar.

(25,0%), a PUC-SP (23,4%), a PUCCAMP (12,1%), a UNESP (5,5%) e a UMC (5,5%) representam 71,5% das respostas. A propósito das menções à USP e UNESP, vale registrar que vários *campi* foram mencionados. No caso da PUC-SP, foram incluídas as indicações da Faculdade *Sedes Sapientiae*, ou seja, respostas de pessoas que se formaram na antiga Faculdade *Sedes Sapientiae*.

Analisando a tabela ao longo de cada nível observamos que a PUC-SP apresentou o maior índice tanto para os mestres como para os mestres que estão cursando o doutorado (29,3% e 26,0%, respectivamente), embora no caso do último a diferença em relação à USP seja pequena. Já para o nível doutorado verifica-se que a USP foi a instituição mais cursada na graduação (34,0%).

Como pode ser visto no Anexo 2, no item a da questão 4 do questionário, era perguntado qual a universidade e a faculdade cursadas na(s) graduação(ões). Não havia espaço previsto para curso. Na época da elaboração do questionário, a existência de vários cursos ligados a uma mesma faculdade passou despercebida enquanto necessidade de explicitação, e no pré-teste não foi identificada qualquer pista que sugerisse o detalhamento. Todavia, quando os questionários voltaram respondidos, verificou-se que em muitos casos a menção à faculdade não permitia descobrir qual havia sido o curso realizado; por exemplo: USP, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Por conta desse tipo de ocorrência, a Tabela 8, que mostra os

curso realizado na graduação, apresenta alto número de casos desconsiderados.

As respostas obtidas foram agrupadas em quinze categorias sendo que os cursos de psicologia (47,2%), pedagogia/educação (29,0%) e filosofia (8,3%) foram os mais cursados na graduação, e totalizam 84,5% das respostas válidas. O curso de Psicologia foi o mais cursado pelos mestres e pelos mestres que estavam cursando o doutorado (50,0% e 59,7% , respectivamente) enquanto o curso de pedagogia era o curso de origem de 35,4% dos doutores, apesar da pouca diferença em relação ao curso de psicologia (32,3%).

Dentre os mestres e os mestres cursando o doutorado, 9 pessoas realizaram duas graduações distintas, enquanto entre os doutores, 18 fizeram mais de um curso. Houve outras menções a uma segunda graduação, mas vários casos eram de licenciatura ou especialização. Para efeito dos resultados que foram apresentados, apenas a primeira graduação foi considerada.

Na Tabela 9 encontram-se os anos de conclusão dos cursos de graduação. Podemos verificar que 78,26% dos titulados desta pesquisa graduaram-se entre os anos de 1966 - 1977 (41,90% entre 1966 e 1971 e 36,36% entre 1972 e 1977). Analisando as informações da tabela por nível de titulação, observamos que os mestres apresentaram os índices mais altos e de valores próximos para as categorias 1966 - 1971 (37,5%) e 1972 - 1977

(38,75%), os mestres que estavam cursando o doutorado se graduaram principalmente entre 1972 - 1977 (50,65%) e 1966 - 1971 (32,47%), enquanto os doutores apresentaram o maior índice percentual para a classe 1966 - 1971 (53,13%) seguida da 1972 - 1977 (22,92%).

1.3 Análise dos resultados apresentados nas Tabelas de 1 a 9.

Pelos resultados apresentados pudemos constatar a predominância de mulheres em cursos da área de Educação e Psicologia. A média de idade das respondentes (embora não tenhamos o dado separado por sexo) permite supor que se trate de pessoas casadas e com filhos. Esses dados parecem estar indicando que as mulheres têm conseguido êxito na divisão de seu tempo entre as várias atividades que realizam em seus diferentes papéis sociais (estudante, mãe, dona de casa, profissional, etc...). A realização de uma pós-graduação (mesmo que se leve mais tempo que o esperado) é, com certeza, uma atividade que requer boa dose de dedicação.

Apesar desse êxito das mulheres, os dados mostraram que a proporção de homens entre os níveis cresceu à medida que a titulação aumentou. Esse dado pode estar indicando que os homens dispõem, ainda, de um arranjo de condições melhor do que o das mulheres, já que eles conseguem cursar o doutorado em maior proporção.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DOS RESPONDENTES

2.1 Atividades de pesquisa

A Tabela 10 mostra a distribuição dos respondentes em relação ao desenvolvimento de pesquisas em três momentos diferentes: antes da dissertação de Mestrado, após o Mestrado/Doutorado e na época em que responderam ao questionário. A distribuição dos respondentes que participaram de alguma pesquisa antes da dissertação mostra que os percentuais ficaram em torno de 70%. Já o desenvolvimento de pesquisas após o Mestrado/Doutorado e na época em que responderam ao questionário mostra uma ordem crescente nos percentuais à medida que muda o nível da titulação ou seja, Mestrado, Mestres cursando doutorado e Doutorado (após M/D - M=41,5%, MCD=75,3% e D=89,8%; quando responderam ao questionário - M=30,5%, MCD=72,7% e D=80,6%). É preciso registrar, entretanto, que as diferenças entre os índices do nível Mestrado para o Mestres cursando o doutorado são muito maiores do que as diferenças entre o Mestres cursando o doutorado e o Doutorado. Essa diferença entre os mestres e os mestres que estavam cursando o doutorado pode ser devida aos próprios trabalhos de tese. No caso dos doutores, as pesquisas significam produção acadêmica propriamente dita, no sentido de que não estavam vinculadas à titulação acadêmica.

As Tabelas 11, 12 e 13 apresentam, para cada nível de titulação, a distribuição dos respondentes que realizaram

pesquisa antes da dissertação de mestrado, em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares.

Nas três tabelas podemos verificar, na coluna de total, que para todos os níveis de titulação, o maior percentual obtido foi sempre para a participação em duas pesquisas, seguido do desenvolvimento de apenas uma pesquisa.

A Tabela 11 apresenta os dados sobre os mestres. Verificamos que em cursos regulares o maior percentual observado foi para a realização de duas pesquisas (54,2%); em atividades extra-curriculares o maior percentual foi para uma pesquisa (61,5%), e para a combinação dos dois tipos de atividade os maiores percentuais (iguais em 35,3%) foram para "03" e "04 ou +" pesquisas.

As tabelas dos mestres que estavam cursando o doutorado (Tabela 12) e dos doutores (Tabela 13) apresentaram tendências semelhantes (embora com índices percentuais diferentes), ou seja, em cursos regulares os maiores percentuais foram para o desenvolvimento de "01" pesquisa (MCD=69,2% e D=52,0%), em atividades extra-curriculares os maiores percentuais foram para "02" pesquisas (MCD=47,0% e D=68,7%) enquanto para a combinação de ambos, os maiores percentuais foram observados para "04 ou +" pesquisas (MCD=54,2% e D=51,9%).

A Tabela 14 mostra a distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisas antes da dissertação, de acordo com o tipo de participação que tiveram. Vários foram os tipos de inserção nas atividades de pesquisa, sendo que o engajamento como aluno colaborador (26,9%) e principal pesquisador (21,5%) foram, respectivamente, os que apresentaram maiores percentuais. Essa constatação é verdadeira para os três níveis de titulação.

Apesar da variedade de respostas obtidas, é possível perceber quatro tipos distintos de inserção: aluno, pesquisador, orientador e especialista. Estes grupos dão pistas de diferentes níveis de responsabilidade nas pesquisas. Se considerarmos os dados das Tabelas 11, 12 e 13 (todas relativas a pesquisas desenvolvidas antes do Mestrado), podemos supor que o tipo de inserção em pesquisa versus a situação em que ela ocorreu foram:

Como aluno

- em cursos regulares durante a graduação
- em atividades extra-curriculares durante a graduação.

Como pesquisador

- em cursos regulares do mestrado
- atividades extra-curriculares durante o curso de mestrado.

Como especialista

- atividades extra-curriculares durante o curso de Mestrado.

Como orientador

- enquanto cursou o mestrado a atividade docente continuou ocorrendo e a orientação/coordenação aconteceu com os alunos da graduação.

Na Tabela 15 encontramos a distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisas antes da dissertação de mestrado de acordo com as fases das pesquisas em que tiveram participação. A participação em "todas as fases da pesquisa" foi a que apresentou o maior índice de respostas (40,0%), seguida da fase "coleta de dados" (23,6%). Os resultados por nível de titulação apresentam a mesma tendência dos obtidos para o conjunto dos respondentes.

As Tabelas 16 e 17 apresentam o número de pesquisas de que os respondentes participaram após a titulação (no caso dos doutores, após o mestrado e o doutorado).

A Tabela 16 mostra que o maior percentual foi verificado para a realização de "02" pesquisas (44,8%), seguido de "01" pesquisa (34,1%), de "04 ou +" pesquisas (12,9%) e, por último, de "03" pesquisas (8,2%). A mesma tendência (embora com percentuais diferentes) foi observada para os mestres e para os mestres que estavam cursando o doutorado.

Na Tabela 17 podemos notar que 54,8% dos doutores desenvolveram "4 ou +" pesquisas após a obtenção de pelo menos um dos títulos

acadêmicos obtidos (Mestre ou Doutor). Analisando as colunas apresentadas na Tabela verificamos que os maiores percentuais foram: após a dissertação a realização de "01" pesquisa (54,5%), após a tese a realização de "03" pesquisas (30,4%) e de ambas as formas, "4 ou +" pesquisas (76,0%).

A análise comparativa dos resultados mostrados nas tabelas indica que o número de pesquisas desenvolvidas antes da dissertação foi igual para os respondentes de todos os níveis de titulação (=2; Tabelas 11, 12 e 13). Após a dissertação/tese houve uma igualdade entre os mestres e os MCD (desenvolveram 2 pesquisas; Tabela 16), enquanto os doutores haviam desenvolvido pelo menos o dobro de pesquisas (4 e + pesquisas; Tabela 17). Nesse sentido, poderíamos afirmar que a passagem pelo doutorado provoca mudanças no envolvimento e realização de pesquisas.

2.2 Financiamento às pesquisas

A Tabela 18 mostra a distribuição das respostas dos titulados a respeito do financiamento ao desenvolvimento das pesquisas por eles realizadas. Nota-se que 51,4% dos titulados indicou ter tido algum tipo de financiamento. O percentual de respostas afirmativas aumentou entre os níveis de titulação (M = 39,7%, MCD = 45,3% e D = 64,0%), como era de se esperar.

Vários foram os tipos de instituição mencionadas como financiadoras das pesquisas desenvolvidas pelos titulados. O nível de explicitação variou muito. Por exemplo, em alguns casos só houve menção ao Ministério (da Educação); em outras, houve indicação de Programas de ação ou órgãos ligados a ele. O mesmo tipo de problema ocorreu em relação às universidades: foram mencionados setores, ou o setor especificamente responsável pelo financiamento à pesquisa, ou ainda, apenas o nome da universidade.

Os tipos de fontes financiadoras mencionadas nos questionários foram:

Sindicatos

Secretarias Estaduais da Educação

Fundações

Conselhos Regionais e Federais

UNESCO

Banco Mundial

Ministérios

Agências de Financiamento

Universidades (inclusive estrangeiras)

Empresas privadas

Escolas

2.3 Divulgação das pesquisas realizadas

A distribuição das pesquisas realizadas pelos respondentes, de acordo com o veículo utilizado para a divulgação das mesmas pode ser vista na Tabela 19. Através de sua análise podemos constatar que a categoria Comunicação de pesquisas em eventos nacionais foi, em todos os níveis de titulação, a forma de divulgação mais utilizada (28,1%), seguida de Artigos em periódicos nacionais (19,0%). O percentual geral para Livros publicados no Brasil foi de 8,6%. As Comunicações em eventos internacionais foi de 8,1%.

Verifica-se nessa tabela que, para todos os veículos utilizados para divulgação de pesquisas, houve aumento entre os níveis de titulação, ou seja, os menores percentuais foram observados para o nível M, os intermediários para MCD e os maiores para D. A categoria Outros veículos de divulgação foi indicada por 10,7% dos respondentes e dizia respeito a relatórios, dissertação/tese, publicações internas das instituições, anais de congressos, manuais e revistas não periódicas. A não divulgação dos resultados das pesquisas realizadas, no caso dos mestres, apresentou um índice percentual de 33,7%, superior à categoria onde o percentual foi maior, ou seja, Comunicação em eventos nacionais (27,0%).

Nas Tabelas 20, 21 e 22 encontram-se as distribuições das pesquisas realizadas pelos respondentes (cada tabela é para um

nível de titulação), de acordo com o número de pesquisas divulgadas, por tipo de veículo utilizado.

Podemos notar que os mestres e os mestres que estavam cursando o doutorado divulgaram, com maior frequência, uma pesquisa em eventos nacionais (Tabelas 20 e 21). Os doutores também utilizaram a Comunicação em eventos nacionais com maior frequência (Tabela 22 - 29,7%), e 40,4% dos casos relativos à essa categoria foram para a divulgação de mais de 4 pesquisas.

Outra informação interessante que as tabelas mostram é que a comunicação oral é bem maior do que a divulgação via publicações (artigos, capítulos de livros e livros). Esse ponto suscita alguns questionamentos:

- é mais fácil falar do que escrever?
- é difícil receber aceite de artigos para publicação ou há insuficiência de veículos?
- o diálogo possível em exposições orais é mais estimulante?

É provável que tudo isso ocorra. Preparar material para expor oralmente demanda menos tempo e não há a necessidade de escrever, na íntegra, tudo o que será dito. Além disso, a oportunidade do diálogo quando da apresentação oral traz a possibilidade de rever posições, aceitar novos argumentos, enfim, trocar opiniões e informações. Preparar material para divulgação escrita demanda mais tempo de produção do texto (o leitor está distante e é "desconhecido") e o tempo entre o seu envio e eventual publicação pode ser longo. Além disso, não se

pode deixar de cogitar o maior risco envolvido em uma publicação, já que o registro é permanente.

2.4 Análise dos resultados apresentados a respeito das atividades de pesquisa dos respondentes.

É pouco comum encontrarmos na literatura sobre o ensino superior (e suas áreas afins) dados quantitativos sobre diferentes aspectos da atividade de pesquisa. O que se encontra mais frequentemente são informações quantitativas sobre produção científica já divulgada tais como livros, artigos, teses, congressos etc... (Conforme, por exemplo, Castro, 1985b, Schwartzman e Balbachevsky, 1992). Nesse sentido, os resultados aqui apresentados vão além do usual na medida em que permitem outros recortes do processo de pesquisar.

Pelos resultados apresentados nas tabelas pudemos constatar que a dissertação não foi necessariamente a primeira pesquisa para muitos dos respondentes (realizaram pesquisas na graduação ou durante o curso de mestrado).

A ocorrência de pesquisas antes da dissertação e em atividades extra-curriculares mostra que o pesquisar extrapola a exigência formal dos cursos (curricular). As pesquisas realizadas durante a graduação iniciam o aluno com o produzir conhecimento, atividade esperada na pós-graduação. A realização de pesquisas

durante o mestrado possibilita o exercício de atividades que deverão ser realizadas para a elaboração da dissertação. De qualquer modo, se na graduação ou após o ingresso na pós-graduação, a constatação é que o processo de formação desses pesquisadores foi realizado em condições adicionais às oficialmente previstas o que, segundo nosso ponto de vista, é positivo uma vez que houve mais possibilidades de engajamento efetivo em atividades de pesquisa.

A ocorrência de pesquisa pós-titulação (até para os mestres) possibilita afirmar que o titulado dispõe de condições para sua manutenção na atividade de pesquisa. Dentre os resultados apresentados podemos identificar a existência de financiamento às pesquisas como uma das condições que pode ter facilitado a ocorrência de pelo menos parte das pesquisas realizadas.

O que esses resultados indicam é que ao se ter como objetivo a formação de pesquisadores é preciso garantir o engajamento efetivo em várias pesquisas, até como forma de evitar:

- uma pesquisa muito longa que aumente o custo da resposta tornando o pesquisar aversivo (principalmente no Mestrado);
- que o pesquisar seja encarado apenas como mais uma etapa de trabalho a ser cumprido para que se obtenha o título necessário para galgar a carreira acadêmica;
- a falta de divulgação dos resultados decorrente da "saturação" do pesquisador, ou seu isolamento, quando envolvido com projetos com longa duração.

As informações apresentadas sobre o financiamento às pesquisas indicam que têm sido exploradas várias outras possibilidades de financiamento, que não as tradicionais agências de fomento à pesquisa. Esse resultado remete a uma questão recorrente a respeito da pesquisa realizada pela universidade, ou seja, receber financiamento preservando a autonomia acadêmico-científica. Figueiredo e Sobral (1991) discutem possibilidades de "articulação entre a produção universitária e as demandas de outros setores da sociedade" (p.68). Os dados obtidos nesta pesquisa parecem apontar que essa articulação está ocorrendo.

Os respondentes desta pesquisa tiveram um maior envolvimento com pesquisas do que o encontrado por Monteiro de Castro (1981) e Luna (1983).

E verdade, porém, que as pessoas que responderam ao questionário o fizeram sabendo que ele tinha como objetivo caracterizar as atividades de pesquisa de mestres e doutores titulados em Psicologia ou Educação. Nesse sentido, e ao que tudo indica, o conjunto dos questionários recebidos pode representar um grupo de pessoas mais próximas do pesquisar, ou seja, um conjunto enviesado de respostas.

De qualquer forma, dado o interesse desse estudo, se a tendência apontada acima for de fato verdadeira, ela não prejudica as análises aqui apresentadas.

Exatamente porque os dados dessa pesquisa mostram um panorama mais alentador, vale a pena conhecer um pouco do contexto em que ocorreu a formação pós-graduada dos respondentes desta pesquisa.

3. CONTEXTO EM QUE SE DEU A FORMAÇÃO POS-GRADUADA

3.1 Razões apontadas pelos respondentes para cursar a pós-graduação

As razões apresentadas pelos mestres para procurar a pós-graduação podem ser vistas na Tabela 23. Capacitar-se como professor (26,51%) e Aprofundar os conteúdos do curso de graduação (24,65%) foram as razões que apresentaram maior frequência. A Titulação e a Formação como pesquisador são razões que foram apontadas por 14,42% dos mestres, enquanto 11,16% respondeu ser uma Exigência da instituição em que trabalhava.

Os mestres que estavam cursando o doutorado indicaram como razões para procurar a pós-graduação ao nível de mestrado e de doutorado, as apresentadas na Tabela 24. Para cursar o mestrado as razões que apresentaram maiores índices percentuais foram Capacitação como professor (25,6%), Formação como pesquisador (25,1%) e Aprofundamento dos conteúdos da graduação (19,1%). As principais razões para ter continuado os estudos de doutorado foram Formação como pesquisador (25,1%), Aprofundamento dos conteúdos do mestrado (18,4%) e Capacitação como professor (17,9%). A Titulação foi buscada por 12,1% dos respondentes quando ingressaram no mestrado e 16,4% quando entraram no doutorado.

Na Tabela 25 podemos verificar quais foram as razões indicadas pelos doutores para procurar a pós-graduação. Podemos observar que para cursar o mestrado 25,9% das respostas foram para a razão Capacitação como professor, 23,9% para a Formação como pesquisador e, 20,8% para Aprofundamento dos conteúdos da graduação, e 15,7% para a Titulação. Dentre as razões indicadas para cursar o doutorado verificamos que 26,2% foi para Formação como pesquisador, 21,7% para Titulação, 17,8% para Capacitação como professor, 13,6% para Aprofundamento dos conteúdos do mestrado e 5,6% para Aprofundamento dos conteúdos da graduação.

Quando agrupamos o conjunto de respostas indicadas pelos titulados chegamos à Tabela 26. Verifica-se que para cursar o mestrado as principais razões fornecidas foram: Capacitação como professor (26,1%), Aprofundamento dos conteúdos da graduação (21,6%), Formação como pesquisador (21,3%) e Titulação (14,2%). Já para ter continuado os estudos de pós-graduação no doutorado as razões mais afirmadas foram: Formação como pesquisador (25,8%), Titulação (19,5%), Capacitação como professor (17,8%) e Aprofundamento dos conteúdos do mestrado (15,6%).

O quadro constante da questão 7 do questionário perguntava sobre as razões para cursar a pós-graduação e permitia assinalar diretamente as respostas apresentadas ou indicar alguma outra. Em cada tabela apresentada, os percentuais

obtidos para respostas diferentes das previstas podem ser verificados na categoria OUTRAS. As diferentes razões indicadas podem ser resumidas nos treze pontos abaixo listados:

- 1) gosto pelo estudo
- 2) gosto pela pesquisa
- 3) gosto pela carreira universitária
- 4) incentivo da instituição em que trabalhava
- 5) incentivo do grupo de trabalho / do orientador
- 6) atualização de conhecimentos
- 7) aperfeiçoamento profissional
- 8) mudança de área de estudo
- 9) intercâmbio entre pessoas / com profissionais
- 10) aprofundamento de conhecimentos / conteúdos específicos
- 11) aprofundamento de conhecimentos científicos
- 12) desenvolvimento de senso crítico.
- 13) melhoria das oportunidades de emprego.

A título de ilustração, apresentamos a seguir vários exemplos de respostas obtidas.

Exemplos:

Doutores

q. 17 - Atualização de conhecimentos, contato com profissionais da área, possibilidades de trocar idéias com pessoas diferentes daquelas da instituição em que trabalhava.

q. 47 - A razão fundamental é que estudar e fazer pesquisa são atividades que exerço com enorme prazer.

- q. 84 - Desenvolvimento de senso crítico da habilidade de pensar. Estímulo da faculdade onde trabalhava.
- q. 145 - Aprofundar o conhecimento sobre história da escola pública e acesso do povo à escola.
- q. 191 - Oportunidade de conhecer melhor alguns conteúdos que me interessavam mais.
- q. 216 - Vontade de continuar pesquisando.

Mestres cursando o doutorado

- q. 18 - Constante atualização e contato com profissionais da área.
- q. 32 - Maiores conhecimentos e atualização que possibilitasse melhor atendimento clínico.
- q. 126 - Capacitação como especialista em educação.
- q. 175 - Mestrado: melhorar o desempenho como responsável pela administração escolar em Prefeitura Municipal.
- q. 210 - Busquei a pesquisa por puro prazer, pois nem era professora universitária.
- q. 226 - Aprofundamento profissional.

Mestres

- q. 20 - Aprofundamento de conhecimentos científicos.
- q. 58 - Automaticamente a realização da pós-graduação abre um leque maior de oportunidades de emprego dando maior segurança no próprio emprego.
- q. 142 - Eu estava no meio (e empenhada em) de uma carreira universitária.

q. 157 - Mudar de área de atuação.

q. 195 - Interesse em sistematizar o meu trabalho. Incentivo por parte da equipe com quem trabalhava na época, embora nenhum incentivo por parte das instituições.

3.1.1 Análise das razões apresentadas para procurar a pós-graduação. Tabelas de 23 a 26.

Antes de discutir as respostas obtidas é necessário apresentar uma crítica à forma como a pergunta foi formulada. Por um lado, era interessante incorporar o conhecimento já construído (Questionário da CAPES "O que fazem nossos mestres e doutores" e Monteiro de Castro, 1981), o que possibilitaria uma pergunta mais fechada, fácil de ser respondida porque dependia de assinalar respostas, e fácil de analisar porque já categorizada. Por outro lado, ao verificar os resultados sistematizados constatamos algumas dificuldades uma vez que ficou claro que houve diferença no entendimento do que cada categoria poderia representar. Embora tenha ocorrido esse tipo de problema entre as próprias categorias apresentadas para o respondente, ele é mais visível na comparação entre as respostas que apareceram na categoria Outras e as apresentadas na formulação da pergunta.

Por exemplo, gostar de fazer pesquisa e pretender um aprofundamento de conhecimentos científicos não poderiam ser

vistos como razões para buscar a formação do pesquisador? Gosto e interesse pela carreira acadêmica poderiam estar contidos na categoria busca pela titulação?

Como exemplo da dificuldade observada entre as categorias apresentadas no questionário, apontaremos as categorias Titulação versus Exigência da instituição em que trabalhava.

Buscar a titulação é sempre uma razão esperada uma vez que esta é uma exigência formal para quem pretende galgar na carreira acadêmica, e tem como consequências não só garantir um novo tipo de inserção na estrutura universitária mas também (e talvez principalmente) obter ganho salarial. A razão Exigência da instituição em que trabalhava também foi oferecida aos respondentes como opção para ser assinalada. A diferença entre essas duas possibilidades apresentadas - Titulação e Exigência da instituição - é sutil e pode ter ocasionado certa confusão, até porque ela não foi corretamente explicitada pelo pesquisador. Ao apresentar essas duas razões estava sendo levada em consideração uma *nuance* de encaminhamento institucional que poderia ser importante.

A carreira acadêmica inicia-se institucionalmente por uma categoria funcional que prevê que o professor detenha o título de mestre. O professor graduado faz parte de uma categoria que tem, estatutariamente, um caráter probatório e provisório no

sentido de passageiro, já que as titulações acadêmicas obtidas através da pós-graduação são condições contratuais de admissão.

Nesse sentido, a colocação das duas possibilidades buscava apreender o movimento que levava as pessoas à pós-graduação: o cumprimento de uma exigência ou uma maneira de buscar outro tipo de inserção?

Mesmo considerando que a diferença pode ter estado mais na cabeça de quem perguntou do que de quem respondeu, é curioso verificar que a Titulação foi mais indicada do que a Exigência da instituição. Além disso, a Titulação foi mais apontada para a busca do doutorado.

Os dados mostraram que a capacitação como professor é uma das principais razões para a procura da formação pós-graduada, principalmente no mestrado.

Luna (1983) apontou que a capacitação como professor era um dos objetivos da pós-graduação que necessitava de maior estudo. Reiterando as preocupações apontadas por ele, acrescentamos mais alguns questionamentos: capacitar-se como professor é refletir sobre os recursos didáticos mais adequados? é aprofundar-se em conhecimentos específicos da graduação? é aumentar a compreensão do processo de construção do conhecimento? De que forma essas ações devem ser realizadas:

atuando praticamente e refletindo sobre essa prática ou isso depende de cada área e programa de pós-graduação?

Os resultados também mostraram que a Formação do pesquisador foi a razão mais apontada para procurar um programa de doutorado. Esse dado aponta uma expectativa de que o doutorado assegure a formação enquanto pesquisador. Contrapondo os resultados obtidos para a razão Capacitação como professor com os da razão Formação como pesquisador podemos verificar que o Mestrado e o Doutorado são, de fato, percebidos como dois níveis diferenciados. Fica, entretanto, a indagação se na prática as tarefas exigidas e as atividades desenvolvidas em cada nível consolidam o que se espera de cada um. Na nossa percepção (baseada em experiência própria, conversas informais e leituras), a "vocação" diferenciada entre Mestrado e Doutorado não se consolida na prática. O máximo que se pode dizer é que por conta da redução do número de créditos que deve ser cursado para integralizar parte das exigências do doutorado (o número de disciplinas obrigatórias e o total de disciplinas são menores no doutorado), permite ao aluno buscar uma melhor combinação entre o tema e as atividades da tese, com as disciplinas a serem cursadas (o aluno já está mais treinado e familiarizado com o sistema da pós-graduação).

Vimos quais foram as razões que levaram os respondentes a buscar um curso de pós-graduação. A seguir veremos em quais universidades, programas de pós-graduação, sob quais condições

profissionais e com qual tipo de ajuda a realização da pós-graduação foi possível. Esses dados podem ajudar a entender sob quais condições é possível concluir um curso de pós-graduação *stricto sensu*.

3.2 Alguns dados sobre a formação educacional pós-graduada.

No item anterior vimos quais foram as razões apresentadas pelos titulados para buscar uma formação pós-graduada. Agora vamos conhecer um pouco onde e em quais áreas ocorreu essa formação.

3.2.1 Instituições e áreas de concentração cursadas no mestrado, e o ano de conclusão do curso.

A Tabela 27 mostra que 14 instituições do Brasil foram frequentadas no mestrado sendo que 8 delas têm sede no Estado de São Paulo (PUC-SP, USP, PUCCAMP, UNESP, UNICAMP, UNIMEP, Fundação Escola de Sociologia e Política e UFSCar) e representam 93,7% das respostas válidas. No exterior, 6 doutores obtiveram o título de mestre, ou seja, 2,4% das respostas. Dois doutores não cursaram o mestrado.

As cinco instituições mais frequentadas no mestrado foram:

PUC-SP = 37,6%

USP = 30,2%

UNICAMP = 10,6%

PUCCAMP = 7,8%

UFSCar = 4,3%

e representam 90,5% das respostas. Dentre os níveis, verifica-se que a PUC-SP foi a mais frequentada no mestrado tanto pelos que interromperam seus estudos após esta titulação (41,5%) quanto pelos que ingressaram no doutorado (45,5%). Já a USP foi a instituição mais cursada pelos hoje doutores (43,8%). A USP e a PUC-SP titularam 67,8% dos mestres desta pesquisa.

As áreas de concentração cursadas pelos respondentes deste trabalho podem ser vistas na Tabela 28⁽⁴⁾. Podemos notar que as cinco áreas com maior contingente de alunos foram:

Psicologia da Educação (28,2%)

Psicologia Experimental (17,3%)

Psicologia Clínica (12,9%)

Filosofia e História da Educação (11,8%)

Psicologia Social (6,7%).

A Psicologia da Educação foi a área de concentração mais cursada no mestrado pelas pessoas dos três níveis de titulação (mestrado - 30,5%, MCD - 23,4% e doutorado - 30,2%). A Psicologia Experimental aparece como tendo sido a segunda área mais escolhida pelos mestres que estavam cursando o doutorado e pelos que já eram doutores (16,9% e 25,0%, respectivamente). No

⁽⁴⁾ Tabela 28 - Dois mestres, dois mestres que estavam cursando o doutorado e doze doutores indicaram o Programa de Psicologia do Escolar como tendo sido cursado no Mestrado.

Nível mestrado, observa-se que foi a Psicologia Clínica a segunda área de concentração mais frequentada (24,4%).

Analisando o que aconteceu, em termos de continuidade dos estudos, com as pessoas que obtiveram o título de mestre nas áreas de Filosofia e História da Educação, Psicologia Experimental e Psicologia da Educação, podemos constatar que, na mesma ordem, 60,0%, 54,5% e 40,3% já obtiveram o título de doutor, e 26,7%, 29,5% e 25,0% dos respondentes que se titularam mestres nos cursos apontados estavam cursando o doutorado. Entre as pessoas que realizaram o mestrado em Programas de Psicologia Clínica, 33,3% havia ingressado em curso de doutorado enquanto 6,1% havia se doutorado. Já dentre os que concluíram o mestrado em Psicologia Social, 47,1% havia ingressado no doutorado.

A Tabela 29 mostra que 54% dos respondentes titularam-se mestre entre 1978 - 1983. Quando observamos os dados obtidos em cada nível de titulação, verificamos que 92,6% dos mestres e 96,1% dos mestres que estavam cursando o doutorado obtiveram seus títulos entre 1978 - 1989 (M: 1978 - 1983 = 60,5% e 1984 - 1989 = 32,1% ; MCD: 1978 - 1983 = 55,8% e 1984 - 1989 = 40,3%). Já entre os doutores 91,5% obteve o título de mestre entre os anos de 1972 a 1983 (1972 - 1977 = 44,7% e 1978 - 1983 = 46,8%). Vale registrar que embora a última categoria apresentada na tabela compreenda os anos de 1984 a 1989, a obtenção do título de mestre para as duas primeiras colunas

(mestre e mestre cursando doutorado) só ocorreu até o ano de 1986, conforme definido na elaboração da pesquisa.

3.2.2 Instituições e áreas de concentração que estavam sendo cursadas no doutorado, pelos mestres que estavam cursando o doutorado.

Os mestres que estavam cursando o doutorado o faziam em três grandes instituições do Estado de São Paulo: USP (59,1%), PUC-SP (31,8%) e UNICAMP (9,1%) conforme pode ser visto na Tabela 30.

As áreas de concentração que representam as escolhas feitas pelos mestres que ingressaram no doutorado podem ser vistas na Tabela 31^(*). Os quatro programas que mostraram percentuais mais expressivos foram: Psicologia da Educação (25,0%), Psicologia Experimental (21,1%), Psicologia Social (11,8%) e Psicologia Clínica (10,5%), que juntas representam 68,4% das respostas válidas.

(*) Tabela 31 - seis mestres que estavam cursando o doutorado o faziam em Psicologia do Escolar.

3.2.3 Instituições e áreas de concentração cursadas pelos doutores no doutorado, e o ano de conclusão do curso.

As informações sobre as instituições frequentadas no curso de doutorado pelos doutores que participaram desta fase da pesquisa pode ser encontrada na Tabela 32. Quatro instituições do Estado de São Paulo foram frequentadas no doutorado: USP (62,2%), PUC-SP (24,5%), UNICAMP (10,2%) e Fundação Escola de Sociologia e Política (2,0%). Uma pessoa doutorou-se no exterior (1,0%).

Na Tabela 33⁽⁴⁾ encontram-se as áreas de concentração cursadas pelos doutores quando realizaram o curso de doutorado. Através de sua análise verificamos que 78,6% das respostas estão restritas a três programas, ou seja, Psicologia da Educação (32,7%), Psicologia Experimental (28,6%) e Filosofia e História da Educação (17,3%).

Na Tabela 34 encontramos os anos de obtenção do título de doutor. Podemos notar que os índices percentuais são crescentes entre os intervalos de anos mostrados na tabela, até o ano de 1986. O intervalo compreendido pelos anos de 1987 - 1989 (24,5% dos titulados) extrapola o período definido pela pesquisa para levantamento de informações e, por isso, representa respondentes que foram contatados porque obtiveram o título de mestre no período estipulado, ou seja, entre 1975 e 1986.

⁽⁴⁾ Tabela 33 - dezenove doutores indicaram ter cursado, no doutorado, o programa de Psicologia do Escolar.

3.2.4 Análise dos resultados obtidos quanto à formação educacional pós-graduada dos respondentes (Tabela 27 a 34).

Como pudemos verificar ao longo das descrições das tabelas, as instituições que sempre despontaram nos primeiros lugares como formadoras de mestres e doutores foram a USP e a PUC-SP. Nesse sentido, a primazia dessas duas universidades (pelo menos nas áreas estudadas), no cenário composto pelas instituições de ensino superior do Estado de São Paulo, foi aqui constatada. Vale ressaltar, entretanto, que a USP foi a Instituição mais escolhida para a realização dos cursos de doutorado (tanto pelos que já se doutoraram quanto pelos que estão cursando o doutorado), enquanto a PUC-SP foi a mais frequentada no mestrado.

Os dados apresentados na Tabela 28 indicam que quem cursou os Programas de Psicologia Experimental, Filosofia e História da Educação e Psicologia da Educação, na grande maioria dos casos, continuou na pós-graduação, sendo que muitos obtiveram o título de doutor. Dentre as pessoas que se titularam mestre pelos programas de Psicologia Clínica e Psicologia Social, poucos se doutoraram. Como não foi feito cruzamento considerando o tempo transcorrido desde a última titulação, porque os questionários foram devolvidos em épocas muito distintas (até um ano de diferença), não é possível fazer muitas considerações a

respeito. Por outro lado, esses dados suscitam a indagação: o que foi verificado não seria uma indicação de que os mestrados em Psicologia Clínica e Social estariam sendo vistos como terminais? Será que o Mestrado nessas áreas está sendo buscado mais como uma possibilidade de atualização? Uma outra hipótese é que esses cursos seriam mais recentes, mas essa não nos parece a explicação mais provável dado que os cursos de doutorado mais recentes (Cf. Della Senta, 1978) foram os de Filosofia e História da Educação (PUC-SP, 1977 e USP, 1978).

3.3 Aspectos das condições profissionais dos respondentes durante a realização da pós-graduação

3.3.1 Condições profissionais

Na questão 9a do questionário foi solicitada uma estimativa do tempo gasto semanalmente em atividades profissionais na época em que o respondente cursou o mestrado e o doutorado. A formulação da questão indagava, também, se a atividade desenvolvida o era inteiramente no ensino superior, inteiramente fora do ensino superior ou uma combinação das duas alternativas anteriores. Os resultados da análise dessa questão encontram-se nas Tabelas 35, 36, 37 e 38.

A Tabela 35 mostra que durante o curso de mestrado 39,3% dos titulados trabalhavam apenas no ensino superior enquanto 32,7%

atuava no ensino superior e fora dele simultaneamente. Dentre os doutores, 54,1% indicou que, durante o curso de doutorado, trabalhava apenas no ensino superior, enquanto 24,5% exercia atividades dentro e fora do ensino superior.

Nas Tabelas 36 e 37 encontram-se as estimativas de horas trabalhadas durante o mestrado e o doutorado, respectivamente. As respostas obtidas mostram que poucas pessoas trabalharam menos de 10 horas semanais tanto no mestrado (2,8%) quanto no doutorado (6,0%). Para a classe "+ de 10 horas e - de 20 horas" os índices percentuais ficaram em torno de 14% (Mestrado = 15,2% e Doutorado = 14,5%). As outras três classes, nos índices totais, ficaram entre 24,2% e 29,4%, para os dois níveis de pós-graduação. Analisando a tabela de horas trabalhadas durante o mestrado, de acordo com o nível de titulação do respondente, verificamos que os maiores índices percentuais foram:

- 36,4% dos mestres trabalhavam + de 40 horas
- 37,1% dos mestres cursando o doutorado trabalhavam entre 30 e 40 horas semanais
- 30,7% dos doutores trabalhavam entre 20 e 30 horas semanais.

Com o objetivo de verificar se os resultados obtidos sobre a estimativa de horas trabalhadas durante a realização dos cursos de pós-graduação apresentariam resultados diferentes para o pessoal que atuava apenas no ensino superior, foi construída a Tabela 38. A análise dos dados mostra, a exemplo das tabelas

anteriores, que poucos respondentes trabalhavam menos de 10 horas semanais. Tanto durante o mestrado quanto no doutorado, as classes "+ de 10 - de 20 horas" e "+ de 20 - de 30 horas" apresentaram índices percentuais entre 21,8% e 26,4%. Para as outras duas classes, os valores para o mestrado foram semelhantes às classes acima descritas, enquanto no doutorado a classe "+ de 30 - de 40 horas" ficou em 32,1% e a classe "+ de 40 horas", 11,3%. Essa diferenças de percentuais verificados para o doutorado podem ser devidas à reduções contratuais durante o curso de doutorado.

3.3.2 Análise dos resultados apresentados nas Tabelas de 35 a 38.

Os resultados apresentados sobre a atividade profissional dos respondentes quando cursavam a pós-graduação sugerem que:

- 1 - a continuação dos estudos no nível do doutorado era mais frequente para quem estava atuando no ensino superior.
- 2 - embora seja do senso comum que uma maior disponibilidade de tempo para dedicação ao cumprimento das exigências dos cursos de pós-graduação é uma condição favorável e desejável, os dados obtidos não dão indícios de que essa seja uma variável tão determinante para a conclusão dos cursos, já que as respostas obtidas nesta pesquisa mostram que a carga horária de atividades dos titulados, durante os cursos de pós-graduação, estavam, em mais de 50% dos casos, acima de 30 horas semanais

(exceto para os dados apresentados sobre os respondentes que atuavam só no ensino superior - Tabela 38 - cujos índices ficaram abaixo de 50%). Por outro lado, é provável que o efeito de dispor de mais ou menos tempo de dedicação à pós-graduação seja refletido no tempo gasto entre o início e término do curso, do que propriamente no fato de concluí-lo. Todavia, essa hipótese não pode ser verificada por este estudo porque o questionário utilizado não solicitava a informação do ano de ingresso na pós-graduação.

3.4 Bolsas de estudos e outros tipos de ajuda recebidos durante a formação pós-graduada.

3.4.1 Bolsas de estudos recebidas pelos respondentes

Solicitados a informar se haviam recebido bolsa de estudos em algum momento de sua formação educacional 67,5% dos titulados responderam afirmativamente, conforme pode ser visto na Tabela 39. Dentre as pessoas que receberam bolsa 24,1% era mestre, 34,3% estava cursando o doutorado e 41,6% era doutor.

Na Tabela 40 encontra-se a distribuição do total de bolsas de estudos concedidas aos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o nível da bolsa recebida. Notamos que 44,2% das bolsas foram concedidas no mestrado, 39,7% no doutorado e 8,7% na graduação. Apenas 0,8% das bolsas foram de aperfeiçoamento e

6,6% de pós-doutorado. Entre os mestres, apenas 5,1% das bolsas foram recebidas na graduação, o restante, no mestrado (94,9%). Para os mestres que estavam cursando o doutorado 56,3% das bolsas foram concedidas para o doutorado (que estavam cursando), 32,5% durante o curso de mestrado, 10,0% durante a graduação e 1,3% foi bolsa de aperfeiçoamento. Os doutores receberam 41,5% das bolsas no doutorado, 35,8% no mestrado, 13,0% no pós-doutorado, 8,9% na graduação e 0,8% para aperfeiçoamento.

A Tabela 41 mostra a distribuição das bolsas concedidas aos respondentes, de acordo com o nível de ensino em que usufruíram delas e conforme a instituição que as forneceram. Podemos verificar que a CAPES foi a instituição de fomento com maior participação nas concessões de bolsas para os respondentes desta pesquisa (46,7%), seguida do CNPq (23,6%) e da FAPESP (11,6%). A categoria Outras respostas apresentou um índice de 18,2% e engloba dois tipos básicos de situações:

a) uma instituição diferente das apresentadas no quadro da questão 8 do questionário; por exemplo, Universidade de Brasília, Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, no âmbito nacional, e Fundação Fulbright no internacional, e

b) duas ou mais instituições fornecendo a bolsa, seja através de convênio firmado entre elas ou dadas em momentos diferentes. Como o número de menções que se encaixavam nessa segunda possibilidade não era expressivo, dada a diversidade dos casos encontrados para a possibilidade a), e em comparação com as

instituições de fomento apresentadas no quadro do questionário na pergunta 8, optou-se pela apresentação delas na categoria Outras.

Ao analisarmos as instituições de fomento fornecedoras das bolsas, de acordo com o nível de ensino em que elas foram concedidas, verificamos que na graduação a FAPESP apresentou o maior índice (28,6%), no Mestrado e Doutorado a CAPES teve os maiores índices (M = 61,7% e D = 46,9%). No pós-doutorado o CNPq foi o que mais bolsas forneceu (68,8%).

Comparando-se as Tabelas 39 com as 40 e 41 podemos notar que várias pessoas receberam bolsa em mais de um nível de sua trajetória educacional. Isso pode ser verificado através da constatação de que 166 titulados indicaram ter recebido bolsa em algum momento de suas trajetórias educacionais, enquanto o número de respostas sobre os tipos de bolsa e instituições fornecedoras das mesmas totaliza 242 respostas.

As Tabelas 42, 43 e 44 mostram, respectivamente, a distribuição das bolsas concedidas aos respondentes na Graduação, Mestrado e Doutorado, de acordo com a duração (em meses) da mesma e a instituição que a forneceu. Verificamos que na graduação (Tabela 42), o maior índice percentual de duração da bolsa foi obtido para o intervalo 13-24 meses, para bolsas fornecidas por Outras instituições que não CNPq, FAPESP e CAPES. Na Tabela 43 notamos que os dois maiores índices foram 72,7% para o

intervalo 25-36 meses e 64,0% para o intervalo 13-24 meses, ambos para bolsas fornecidas pela CAPES. No doutorado (Tabela 44) também foram as bolsas concedidas pela CAPES que apresentaram maiores índices percentuais, ou seja, bolsas com mais de 36 meses de duração (59,3%) e bolsas com duração entre 13 e 24 meses (57,9%). O CNPq concedeu 45,8% das bolsas com duração de até 12 meses.

O número de bolsas recebidas na graduação (21) é pouco expressivo se comparado com o mestrado e o doutorado. O contraste entre o número de bolsas na graduação e pós-graduação reforça a idéia de que pesquisa se faz na pós-graduação. A concessão de bolsas de iniciação é uma forma de incentivar à pesquisa ainda na graduação. E, inclusive, um bom momento de reflexão do aluno para perceber se gosta da atividade de pesquisar, e, em caso contrário, quando for buscar uma pós-graduação terá mais elementos para optar entre a pós-graduação *sensu stricto* ou *lato sensu*.

3.4.2 Tipos de ajuda recebidos pelos respondentes, ao longo de sua formação pós-graduada.

Na Tabela 45 estão apresentadas as respostas obtidas sobre outros tipos de ajuda recebidas pelos informantes ao longo de suas trajetórias acadêmicas, que não na forma de bolsas de estudos. Constatamos que 45,5% afirmou ter obtido outra forma

de ajuda, sendo que dentre esses 23,1% era Mestre, 36,8 estava cursando o doutorado e 40,2% era Doutor.

Na Tabela 46 podemos verificar qual foi o tipo de ajuda recebido de acordo com a titulação do beneficiado na época em que respondeu ao questionário. Dentre os vários tipos de ajuda recebidos pelos respondentes 42,2% foi Liberação parcial da jornada de trabalho, enquanto 20,0% foi Liberação total (licença com vencimentos), e 15,7% para Bolsa deslocamento. Analisando a tabela em cada nível de titulação percebemos que a Liberação parcial foi a ajuda mais frequente para os três níveis de titulação (M=36,7%, MCD=40,9% e D=44,9%). O segundo tipo de ajuda mais frequente foi a Liberação total para os mestres e para os doutores e a Bolsa deslocamento para os MCD. As outras categorias constantes do quadro, liberação de infraestrutura, redução de anuidade escolar, remanejamentos de horário de docência e outras, apresentaram percentuais inferiores a 10,8%, para o conjunto dos respondentes.

A Tabela 47 apresenta a distribuição dos respondentes que receberam algum tipo de ajuda em algum momento da trajetória acadêmica, de acordo com o tipo de ajuda recebido e o nível de estudo em que a recebeu. Na graduação os tipos de ajuda mais frequentes foram Liberação total e Redução da anuidade, ambos com índice percentual de 40,0%. No mestrado e doutorado a Liberação parcial foi o tipo de ajuda que apresentou maior índice percentual (M=43,5% e D=47,6%). O segundo tipo de ajuda

mais recebido foi a Liberação total no mestrado (17,6%) e Bolsa deslocamento no doutorado (17,1%). No pós-doutorado os doutores receberam, com maior frequência, a Liberação total (62,5%), seguida da Bolsa deslocamento (25,0%). Na categoria OUTRAS as respostas ficaram em torno de financiamento para a pesquisa, auxílios para participação em eventos científicos e auxílio para montagem da dissertação/tese.

3.4.3 Análise dos resultados apresentados nas Tabelas de 39 a 47

A análise das bolsas concedidas versus as instituições que as forneceram mostra que a CAPES foi a agência que mais bolsas forneceu no mestrado e doutorado. Se lembrarmos que a CAPES vem há mais tempo trabalhando no sistema de cotas de bolsa de Mestrado e Doutorado fornecidas aos programas de Pós-graduação, os resultados apresentados na Tabela 41 são apenas confirmatórios da realidade.

O desempenho observado para a FAPESP, em todos os tipos de bolsa foi baixo, se considerarmos que ela é a Fundação Estadual de maior tradição do país. Fica evidente que dentre as principais agências de fomento do país e embora a FAPESP seja a única que só atende ao Estado de São Paulo, os respondentes dessa pesquisa pouco recorreram a ela ou, se recorreram, não obtiveram sucesso nos pedidos. É provável que isso ocorra tanto

porque a CAPES e o CNPq trabalham com cotas institucionais como porque sabidamente as exigências da FAPESP são maiores (relatórios detalhados, dedicação exclusiva é mais acompanhada etc...).

A pouca menção à redução ou gratuidade da anuidade do curso enquanto ajuda recebida também merece registro. Vimos que muitos titulados cursaram instituições particulares no mestrado/doutorado. Se esses docentes fizeram os esses cursos nas instituições particulares que trabalhavam, é muito possível que tenham feito o curso gratuitamente. Os dados apresentados sobre as instituições em que os cursos de pós-graduação foram frequentados pelos respondentes (Tabelas 27 e 32) versus as instituições em que trabalhavam quando responderam ao questionário (Tabela 50, a ser apresentada no próximo item) sugerem que isso pode ter ocorrido.

3.5 Retomando alguns resultados sobre o contexto da formação pós-graduada dos respondentes

Pelos resultados apresentados sobre a formação pós-graduada dos respondentes podemos destacar que :

- o doutorado foi buscado como o nível de ensino que assegura a formação do pesquisador;

- a grande maioria dos titulados trabalhava no ensino superior (mesmo que não exclusivamente) enquanto cursava o mestrado e/ou doutorado;
- a carga horária de trabalho dos titulados durante o mestrado e o doutorado foi, em torno de 50% dos casos, superior a 30 horas semanais;
- a maior parte dos titulados teve pelo menos uma bolsa de estudos em algum momento da trajetória educacional;
- e, pouco menos da metade dos respondentes recebeu algum tipo de ajuda, que não bolsa de estudos, ao longo de suas trajetórias educacionais.

A definição de qual é a "vocação" do mestrado parece ser uma questão importante. Saviani (1991) está entre os estudiosos que acreditam que o mestrado deve assegurar a iniciação do aluno enquanto pesquisador, já que a pós-graduação *stricto sensu* tem como elemento definidor a pesquisa (o elemento definidor dos cursos *lato sensu* seria o ensino).

Os resultados apresentados até aqui mostram, de um lado, que o mestrado está mais associado à capacitação como professor (ver razões para buscar a pós-graduação e o fato de que a maioria dos respondentes atuava no ensino superior), de outro, indicam que a formação em pesquisa extrapola as atividades de pesquisa previstas curricularmente (ver item 2).

A carga horária de trabalho que os respondentes tinham quando cursaram a pós-graduação está longe de poder ser considerada ideal, principalmente se lembrarmos que mais da metade deles teve bolsa, o que "implicava" dedicação integral à pós-graduação (na realidade, muitos bolsistas, por questões financeiras, acabam assumindo algumas aulas). E verdade que como não apresentamos cruzamento de respostas para situação profissional versus recebimento de bolsas, existe a possibilidade de que os bolsistas não tenham trabalhado durante o curso.

Uma constatação que contribui significativamente para a compreensão das condições em que se dá a formação do pesquisador é a de que as bolsas, e outras ajudas, recebidas durante a pós-graduação foram sempre condições facilitadoras para a realização do curso.

Os resultados apresentados até aqui caracterizaram os titulados, as atividades de pesquisa por eles desenvolvidas e apresentaram vários aspectos do contexto no qual a formação pós-graduada foi realizada. Agora vamos conhecer algumas características da atividade profissional destas pessoas quando responderam ao questionário.

4. CARACTERÍSTICAS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS RESPONDENTES QUANDO RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO.

A Tabela 48 apresenta a principal atividade profissional exercida pelos respondentes. Dezesete categorias de análise foram criadas para dar conta da variedade das respostas. É preciso registrar que a pergunta do questionário que abordava este assunto foi assim formulada: *Considerando o tempo dispendido semanalmente como critério, indique qual é a sua principal atividade profissional.* Apesar da clareza da formulação da pergunta, muitas pessoas indicaram mais de uma atividade. Em um primeiro momento, pode parecer que quem mencionou mais de uma atividade o fez porque divide igualmente a jornada de trabalho. Mas, uma outra explicação possível é que apesar da diferença do tempo gasto entre elas, o grau de importância de cada uma seja equivalente para o profissional. É claro que uma terceira possibilidade também existe, ou seja, a questão não foi lida com a atenção devida. Todavia, o importante é mencionar que, nos casos em que isso ocorreu, a resposta como um todo foi considerada, até porque não teríamos condição de adotar qualquer critério de seleção a não ser eliminar as respostas, o que não contribuiria para a análise.

O maior percentual de respostas foi obtido para a categoria "professor universitário" (64,6%). Dentre as pessoas que mencionaram que ser professor universitário era sua principal

atividade, destaca-se que 28,3% era mestre, 28,9% estava cursando o doutorado e 42,8% era doutor. Se verificarmos os dados ao longo das categorias, podemos notar que 60,0% dos mestres, 62,2% dos mestres que estavam cursando o doutorado e 70,1% dos doutores indicaram a docência no ensino superior como principal atividade.

A segunda categoria mais mencionada foi "professor universitário e pesquisador" (8,9%), seguida da categoria "psicólogo clínico/psicoterapeuta/ psicanalista" (6,1%). A menção à atividade clínica em psicologia também apareceu na categoria "professor universitário e psicólogo clínico" (3,7%) o que totaliza um percentual de 9,8% de pessoas engajadas nessa atividade. Além disso, se analisarmos a distribuição dessa atividade em cada nível de titulação verificaremos que sua presença era maior entre as diversas atividades desenvolvidas pelos mestres e pelos que estavam cursando o doutorado (psicólogo clínico =9,3% mestres e 9,5% MCD; professor universitário e psicólogo clínico =10,7% mestres) enquanto era bem pequena entre os doutores (1,0% para ambas as categorias).

Nas categorias 3 (professor universitário e pesquisador), 4 (pesquisador) e 8 (professor universitário, pesquisador e uma terceira atividade) houve menção específica às atividades de pesquisa e os percentuais observados foram, respectivamente, 8,9%, 2,8% e 1,2% para o conjunto dos respondentes. Essas atividades eram realizadas quase exclusivamente pelos mestres

que estavam cursando o doutorado e pelos doutores (categoria 3 =5,4% MCD, 18,6% D; categoria 4 =2,7% M e MCD, 3,1% D e categoria 8 =2,7% MCD e 1,0%D).

A pergunta que deu origem a Tabela 49 referia-se ao exercício da atividade docente. Através da análise da tabela podemos constatar que 84,8% dos respondentes desta pesquisa exerciam atividade docente, mesmo que não exclusivamente (ver Tabela 48). Podemos verificar, ainda, que entre os três níveis de titulação o percentual de docentes aumentou (M =75,6%, MCD =83,1% e D =93,9%).

A Tabela 50 mostra as instituições de ensino onde os respondentes atuavam quando responderam ao questionário. Os quatro maiores percentuais foram observados para as seguintes instituições: PUC-SP =16,2%, USP =15,7%, UNESP =8,8% e UNICAMP =7,9%. Em quinto lugar encontramos a PUCCAMP, a UFSCar e a UEL com 4,2% de docentes a elas vinculados. Estas sete instituições empregavam 61,2% dos respondentes da pesquisa.

Se observarmos como se dava a distribuição dos docentes por nível e pelas sete instituições mencionadas verificaremos a seguinte ordem:

Mestrado

PUC-SP =14,8%

PUCCAMP e UEL =6,6%

UNESP =3,3%

UFSCar e USP =1,6%.

UNICAMP =sem resposta.

Mestres cursando o doutorado

PUC-SP =18,8%.

UNESP =15,6%.

USP =14,1%.

UNICAMP =7,8%.

UFSCar e PUCCAMP =4,7%.

UEL =1,6%.

Doutorado

USP =26,4%.

PUC-SP =15,4%.

UNICAMP =13,2%.

UNESP =7,7%.

UFSCar =5,5%.

UEL =4,4%.

PUCCAMP =2,2%.

Portanto, a PUC-SP era a principal empregadora dos mestres e MCD e a USP, dos doutores.

E interessante notar que 21 instituições de outros Estados que não São Paulo empregavam 52 pessoas (24,1%) tituladas pelo Estado de São Paulo - categorias⁽⁷⁾: 7 - UEL, 11 - UFRN, 12 - UFPb, 16 - UFC, 18 - UnB, 19 - UFMG, 24 - UFPe, - 25 - UFU, 27

⁽⁷⁾ No Volume II encontra-se a relação das categorias com o nome por extenso das instituições.

- UPF, 28 - UFSC, 37 - UFPa, 43 - UFPr, 44 - UFRGS, 46 - FGV-RJ, 53 - UFES, 54 - UFV, 64 - UFMS, 70 - FURB, 71 - UFG, 76 - FUEM e 77 - UFMT.

A Tabela 51 mostra os níveis educacionais nos quais os docentes desta pesquisa atuavam. Pode-se notar que 95,3% estava no terceiro grau, sendo que 61,0% atuava só na graduação, 25,8% trabalhava na graduação e pós-graduação e 8,5% só estava na pós-graduação. Nota-se que alguns mestres e mestres cursando o doutorado mencionaram atuar na pós-graduação. É preciso registrar que o questionário não solicitava indicação sobre o tipo de pós-graduação em que os docentes ensinavam. Nesse sentido, dentre as respostas observadas, tanto pode existir pessoas atuando nos cursos *stricto sensu* como nos *lato sensu*. No nível dos doutores, registre-se que 40,4% exercia atividade na graduação e 42,7% atuava tanto na graduação quanto na pós-graduação.

No quadro referente à questão 11 do questionário (Anexo 2), era solicitado que os respondentes, se docentes, indicassem o nome da instituição e o nível de ensino em que atuavam, bem como a carga horária contratual, regime de trabalho e a carga horária semanal de aulas. O objetivo, ao solicitar as condições contratuais, era poder perceber diferenças entre os vários tipos de instituição aos quais os docentes estavam ligados, no que diz respeito às características contratuais, previstas versus a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas.

Ao organizarmos as respostas a estes itens, notamos alguns problemas que dificultavam uma boa análise destas informações. Por exemplo, algumas pessoas mencionavam o total de horas contratuais sem mencionar qual era o regime de trabalho. Outro exemplo foi a menção ao regime de trabalho como sendo de tempo parcial-TP sem a menção das horas contratuais. Também foi encontrada resposta mencionando o número de horas no item carga horária e a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT como regime de trabalho. Um quarto tipo de problema foi a menção ao regime de dedicação integral à docência e pesquisa -RDIDP- como regime de trabalho e dois cursos por semestre como a carga horária semanal de aulas.

Além da falta de homogeneidade das respostas, constatamos que uma análise comparativa das cargas horárias versus carga horária contratual versus instituição não poderia ser feita em função de não haver sido solicitada, por exemplo, a dedicação de horas contratuais em orientação de alunos de pós-graduação ou à pesquisa. Para ilustrar este ponto, apresentaremos seis exemplos:

Inst.	Nível de ensino	Carga horária contratual	Regime de trabalho	Aulas semanais
X	PG	40	TI	20
X	PG	30	TP	4
X	PG	20	CLT	4
X	PG	40	-	4
Y	3/PG	40	RDIDP	7
Y	3/PG	40	-	8 a 12

Várias hipóteses podem ser levantadas a respeito dos exemplos apontados sobre uma mesma instituição: os professores têm número de horas diferente dedicadas à orientação, um professor se dedica à pesquisa enquanto o outro não o faz, a diferença pode estar na combinação entre aulas na graduação e pós-graduação, alguns exercem atividade administrativa etc.

As considerações feitas indicam que nas Tabelas 52, 53 e 54, apresentadas a seguir, o alto índice de casos desprezados tem origem nessas ocorrências.

Na Tabela 52 podemos verificar que 64,9% dos respondentes trabalhavam em regime de dedicação exclusiva, 11,7% em regime de tempo integral e 15,6% em regime de tempo parcial. Apenas 5,2% trabalhava em regime de hora-aula e 2,6% não mantinha

Vínculo empregatício com a instituição (colaborador, visitante etc...). Dentre os titulados que não mantinham vínculo empregatício não se encontravam doutores. Se olharmos como a categoria regime de dedicação exclusiva distribui-se ao longo dos níveis de titulação, verificaremos que há um aumento nos percentuais do nível mestrado para o doutorado (M =12,0%, MCD =32,0% e D =56,0%). Para as categorias regime de tempo integral e parcial, os maiores valores são observados para os doutores, seguidos dos mestres e mestres que estão cursando o doutorado (RTI: M =33,3%, MCD =22,2% e D =44,4%; RTP: M =29,2%, MCD =25,0% e D =45,8%).

As Tabelas 53 e 54 apresentam, respectivamente, a carga horária contratual e a carga horária semanal de aulas. Nota-se que 76,0% tinha carga contratual superior a 36 horas e 9,1% tinha entre 16 e 20 horas, o que representa 85,1% das respostas válidas (Tabela 53). Entre as classes das cargas horárias semanais de aulas (Tabela 54) observa-se que a maior incidência de respostas ocorreu para a classe "6 a 10 aulas" (47,5%), seguida das classes "11 a 15 aulas" (22,4%), "0 a 5 aulas" (14,8%) e "16 a 20 aulas" (10,9%), que juntas totalizam 95,6% das respostas. Esta tendência se mantém dentro de cada nível, exceto por uma inversão entre as classes "16 a 20 aulas" e "0 a 5 aulas" no nível mestrado.

A questão 11 (já comentada anteriormente) apresentava espaço para indicação de informações de até três instituições de

trabalho. Apenas quatro mestres informaram atuar em três instituições. Em vista disso, os dados foram sistematizados apenas para as duas primeiras instituições sendo que já apresentamos os resultados da primeira.

As Tabelas de 55 a 59, em termos de estrutura, são idênticas às Tabelas de 50 a 54, e apresentam as características contratuais da segunda instituição a que alguns titulados se vinculavam e sobre as quais apresentaremos apenas uma síntese dos resultados.

Tabela 55 - Instituição

- 35 pessoas lecionavam em uma segunda instituição de ensino.
- 25 instituições diferentes, de terceiro grau, foram mencionadas, além da categoria primeiro e segundo graus.

Tabela 56 - Níveis educacionais de atuação

- quase todas as pessoas (91,2%) atuavam no terceiro grau e/ou pós-graduação.

Tabela 57 - Regime de trabalho

- treze respostas foram válidas, sendo que três de doutores.
- só um doutor trabalhava em regime de tempo integral.
- três pessoas trabalhavam em regime de tempo parcial (dois mestres e um doutor).
- cinco pessoas trabalhavam em regime de hora-aula, sendo uma delas doutor.

- quatro pessoas não mantinham vínculo empregatício com a segunda instituição.

Tabela 58 - Carga horária contratual

- quinze pessoas responderam a este item.
- houve uma grande dispersão das respostas; a classe com maior número de respostas - quatro - foi a de "16 a 20 horas" contratuais.

Tabela 59 - Carga horária semanal de aulas

- as dezessete respostas dos mestres se distribuíram nas quatro primeiras classes da seguinte forma: "0 a 5 aulas" - quatro respostas, "6 a 10 aulas" - nove respostas, "11 a 15 aulas" - uma resposta e "16 a 20 aulas" - três respostas.
- quatro mestres que estavam cursando o doutorado lecionavam de "0 a 5 aulas" na segunda instituição.
- cinco doutores lecionavam de "0 a 5 aulas" semanais e dois o faziam de "6 a 10 aulas".

Para completar a caracterização das atividades profissionais desenvolvidas pelos titulados, resta-nos apresentar as informações solicitadas na questão 11 b do questionário (Anexo 1) e constantes das Tabelas de 60 a 70.

Como pode ser visto no questionário, a questão 11 b era composta de três partes: indicação da instituição escolhida para as respostas, razão da escolha realizada e indicação do

tempo medio semanal gasto em outras atividades na instituição, além do ensino. Os itens Instituição e Razão da escolha não foram preenchidos pela maioria das pessoas. Todavia, com o intuito de resgatar o maior número de informações, recorreremos a respostas de outras questões. Por exemplo, consultando a questão 11 verificamos que só uma Instituição havia sido mencionada como local de trabalho docente. Diante disso, consideramos que as respostas da questão 11 *b* diziam respeito à instituição mencionada no início da questão 11. Por outro lado, mesmo considerando a instituição, não era possível identificar a razão. A única possibilidade que vislumbramos, ao considerar os casos em que a falta de respostas ocorreu, foi criar duas categorias que englobassem a maior parte das ocorrências deste tipo. As categorias criadas, como será visto na Tabela 61, foram "Tem dedicação exclusiva" e "Trabalha 40 horas". Este ponto será melhor compreendido quando formos descrever a Tabela 61 como um todo.

A Tabela 60 mostra as instituições que foram mencionadas. Como podemos notar, apesar da semelhança das instituições que a Tabela 60 apresenta com a Tabela 50, há diferenças na ordem das mesmas em termos de índices percentuais.

A USP aparece em primeiro lugar (17,8%), a PUCSP em segundo (16,8%), seguidas da UNESP e UNICAMP (9,4%), UEL (4,7%), UFSCar e PUCCAMP (3,7%) e UFMG, UFU e UFSC (2,6%). Considerando os resultados em cada nível de titulação e

registrando as quatro instituições mais expressivas teremos o seguinte:

Mestrado	MCD	Doutorado
PUCSP =18,0%;	UNESP =17,0%	USP =28,4%
PUCCAMP e UEL =8,0%	PUCSP e USP =15,1%	PUCSP =17,0%
UFRN =6,0%;	UNICAMP =11,3%	UNICAMP =13,6%
		UNESP =8,0%

Na Tabela 61 encontram-se as razões apresentadas pelos titulados para ter eleito uma determinada instituição de trabalho ao indicar as atividades nela desenvolvidas. Conforme comentamos anteriormente, as categorias 6 - tem dedicação exclusiva - e 7 - tem 40 horas - foram computadas a partir da questão 11. A inclusão dessas categorias evitou que 56 informações deixassem de aparecer.

A análise da tabela mostra que 86,4% das respostas se distribuem em três categorias:

- Única instituição em que trabalha = 56,2%
- tem dedicação exclusiva = 23,2%
- tem 40 horas = 7,0%

A categoria "Única instituição em que trabalha" foi a que apresentou maior índice percentual para os níveis mestrado e mestres cursando o doutorado (78,3% e 83,3%, respectivamente).

No nível doutorado, as respostas se distribuíram principalmente nas três categorias mencionadas anteriormente, ou seja:

- tem dedicação exclusiva = 50,6%
- única instituição em que trabalha = 27,1%
- tem 40 horas = 14,1%

Através da análise da Tabela 62 podemos verificar que, dentre as atividades desenvolvidas pelos titulados na instituição em que trabalhavam, as que apresentaram os maiores percentuais foram: reuniões (22,8%), pesquisa (19,4%) e orientação de alunos de graduação (16,1%). A categoria "outros" apareceu em 9,4% das respostas e engloba atividades variadas como por exemplo, associações de docentes; seminários de pesquisa; palestras e conferências; assessorias internas; supervisão de estágio, residência médica e cursos especiais; participação em bancas; elaboração de pareceres de artigos, projetos etc...; atendimento psicológico; coordenações de curso e grupos de estudo; e projetos especiais.

Entre os níveis de titulação, os maiores percentuais também foram observados para as categorias mencionadas acima, embora com pequenas inversões de ordem. Note-se que há uma pequena tendência de queda nos índices observados para a atividade "orientação de alunos da graduação" a medida que cresce o nível da titulação (M =20,0%), MCD =16,3% e D =14,6%). Por outro lado, é curioso notar que 2,1% das respostas dos mestres e 2,3% dos que estavam cursando o doutorado foram para a atividade de "orientação de teses e dissertações", atividades

oficialmente de responsabilidade de doutores; a propósito, 13,3% das respostas dos doutores foram exatamente para essa categoria. Outro dado interessante pode ser observado para a categoria "assessorias externas" que apresentou um salto significativo dos índices entre o nível mestre (2,8%) e mestre cursando o doutorado e doutores (10,4% e 9,5%, respectivamente). Um último ponto que merece destaque é que a atividade de pesquisa não apresentou índices muito variados entre os níveis (M=16,5%, MCD =20,4% e D =19,9%).

As Tabelas de 63 a 70 apresentam as atividades desenvolvidas por nível de titulação e tempo médio semanal gasto com elas, segundo a indicação dos titulados. Os principais resultados observados estão resumidos abaixo:

Tabela 63 - Orientação de alunos da graduação.

- as classes de respostas de "0 a 3 h" e de "+3 a 6 h" representam 74,8% das respostas válidas (42,3% e 32,5% respectivamente).

- os mestres e os doutores afirmaram gastar entre 0 e 3 horas nessa atividade (M =44,8% e D =48,3%) enquanto os mestres cursando o doutorado gastavam entre 3 a 6 horas (41,7%).

Tabela 64 - Orientação de Dissertação e Teses.

- as classes de respostas com índices percentuais mais expressivos foram "+3 a 6 h" (37,7%), "0 a 3 h" (24,6%) e "+6 a 9 h" (21,3%) e representam 83,6% do total.
- os mestres e os que estavam cursando o doutorado indicaram não dispender nessa atividade mais do que 6 horas semanais.
- o maior índice observado para os doutores foi para a classe "3 a 6 h" (35,8%).

Tabela 65 - Reuniões

- as duas classes de respostas que apresentaram as maiores porcentagens foram "0 a 3 h" (48,3%) e "+3 a 6 h" (33,3%), que juntas totalizam 81,6%. Essa ordem nos resultados mantém-se em cada nível de titulação.

Tabela 66 - Pesquisa

- a atividade de pesquisar foi a que apresentou maior dispersão das respostas pelas diferentes classes.
- as três classes com maiores valores percentuais (embora com pequena variação entre elas e as seguintes) foram "+9 a 12h" (18,9%), "+6 a 9h" (17,6%) e "+12 a 15h" (15,5%) e englobam 52,0% das respostas.
- os mestres gastavam, na maior parte dos casos, entre "0 a 3h" (29,2%) enquanto os que estavam cursando o doutorado o faziam entre 9 e 12 horas (20,0%). Já os doutores costumavam gastar entre 6 a 15 horas semanais com pesquisa (20,3% para as três classes, ou seja, "+6 a 9", "+9 a 12" e "+12 a 15").

Tabela 67 - Cargos Administrativos

- as classes de respostas com maiores percentuais foram "0 a 3h" (28,4%) e "+3 a 6h" (26,9%) e dão conta de 55,3% das respostas.
- a classe mais indicada pelos mestres foi "+3 a 6h" (38,5%); os mestres que estavam cursando o doutorado indicaram igualmente as classes "0 a 3h" e "+3 a 6h" (40,0%), enquanto os doutores o fizeram para "0 a 3h" (26,5%).

Tabela 68 - Assessorias externas

- os titulados gastavam entre 0 e 6 horas em assessorias externas ("0 a 3h" =38,5% e "+3 a 6h" =26,2%).
- quase não foi realizada por mestres (apenas 4 mestres indicaram essa atividade).
- os mestres que estavam cursando o doutorado e os doutores gastavam entre "0 a 3h" (MCD=34,8% e D=44,7%) nessa atividade.

Tabela 69 - Extensão Universitária

- 87,1% dos casos estão distribuídos entre as classes "0 a 3h" e "+3 a 6h" (31,5% cada) e "+6 a 9h" (24,1%).
- os mestres costumavam gastar mais tempo que os que estavam cursando o doutorado, que por sua vez gastavam mais tempo que os doutores (M =35,7% entre "+6 a 9h"; MCD =35,0% entre "+3 a 6h" e D =45,0% entre "0 a 3h").

Tabela 70 - Outras atividades

- as classes mais indicadas foram "0 a 3h" (31,9%) e "+3 a 6h" (20,8%).

- entre os mestres, a classe com maior percentual foi "+3 a 6h" (37,5%); entre os mestres que estavam cursando o doutorado, os percentuais ficaram bem distribuídos (quatro classes de seis indicadas ficaram com 19,0%, o maior índice), enquanto entre os doutores a maior frequência foi observada para a classe "0 a 3h" (42,9%).

Em todas as tabelas originadas da questão 11 e com indicação de horas, a distribuição das respostas de acordo com o nível de titulação mostrou uma tendência crescente a partir dos mestres até os doutores (exceto na Tabela 69 para MCD e D, que foram iguais). Por exemplo, na Tabela 66 verifica-se que dentre as pessoas que indicaram realizar pesquisa 16,2% era mestre, 30,4% estava cursando o doutorado e 53,4% era doutor.

4.1 Análise dos resultados das características da atividade profissional dos respondentes (Tabelas de 48 a 70).

Pelos resultados apresentados, podemos constatar que a grande maioria dos respondentes deste trabalho são docentes do terceiro grau de ensino que trabalham por jornada (dedicação

parcial, integral ou em dedicação exclusiva). Mais do que isso, mais de 50% dos titulados trabalhava em regime de dedicação exclusiva.

O baixo índice de professores que trabalham em regime de hora-aula é subproduto de duas razões principais, decorrentes de políticas institucionais: os docentes são titulados e atuam principalmente em universidades estaduais, federais ou particulares que praticamente não contemplam o regime de hora/aula. Isto significa que os respondentes desta pesquisa representam parte do contingente de docentes do ensino superior que usufruem das melhores (embora muito longe das ideais) condições contratuais de trabalho.

Foi interessante notar que vários respondentes que se titularam nas principais universidades do Estado de São Paulo estão trabalhando fora do Estado. Na verdade, é possível (e provável) que estas pessoas tenham vindo a se titular através de Programas Institucionais de Capacitação Docente (PICD - CAPES) e voltaram para as instituições de origem.

Outro ponto importante foi verificar que boa parte dos doutores atuavam tanto na graduação como na pós-graduação. Mesmo sem conhecer as razões que levavam a isso, se por fatores determinantes da instituição (diretos ou não) ou iniciativa do docente, o fato é que a graduação só tem a ganhar com a presença dos professores mais qualificados.

O aparecimento das categorias "professor universitário e pesquisador" e "professor universitário, pesquisador e uma terceira atividade ligada ao ensino" (Tabela 48) esbarra em uma questão provocativa. Se o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa fosse uma realidade concreta nos meios universitários, conforme reza a legislação oficial (Federal, Estadual e institucional), provavelmente esta categoria não teria surgido ou, pelo menos, teria ficado restrita a poucas pessoas que eventualmente tivessem essas atividades em duas instituições distintas. Por exemplo, docência em uma instituição isolada que não oferecesse qualquer condição para o desenvolvimento de pesquisas versus atuação como pesquisador em uma instituição especialmente ocupada com esse fim.

Por outro lado, e dada essa questão tão controvertida, não é possível afirmar que as pessoas que só mencionaram a atividade de professor universitário não realizassem pesquisas. Tanto este lembrete é importante que se voltarmos à Tabela 62 verificaremos que 148 pessoas indicaram o fazer pesquisa como uma das atividades desenvolvidas na, pela instituição ou em decorrência da sua atividade na instituição em que lecionavam. Só para completar, vale registrar que 148 pessoas representam 57,6% do total de respondentes.

Por falar em pesquisa, merece destaque o fato que dentre as atividades exercidas pelos titulados (além da docência), a

atividade de pesquisar apresentou índices inferiores a participação em reuniões!

Os dados sobre as pessoas que atuavam como psicólogos clínicos vão na mesma direção dos resultados encontrados na formação educacional, ou melhor, parecem indicar que as pessoas ligadas à área de psicologia clínica não tendem a continuar os estudos ao nível de doutorado (Tabela 48).

Os resultados obtidos mostram que o envolvimento em atividades na instituição e/ou pela instituição era maior entre os doutores. Como exemplo, podemos apontar o exercício em cargos administrativos (embora em alguns casos este dado seja decorrente de regras estatutárias, eles não são sempre a regra) e a participação em assessorias externas.

O conjunto dos resultados apresentados não retrata as condições de trabalho ideais, mas, por outro lado, indica que os respondentes dessa pesquisa dispunham, na maior parte dos casos, de um conjunto de aspectos mais favoráveis que podem ter permitido o desenvolvimento de pesquisas (conforme item 1), ou seja:

- trabalhavam em universidades de tradição (inclusive em termos de produção de conhecimento), portanto, com maiores possibilidades de conquistar melhores condições para pesquisa (Tabela 50);

- trabalhavam em regime de jornada (principalmente dedicação exclusiva), portanto, recebiam por outras atividades além da carga didática (Tabela 52);
- e, tinham carga didática, em mais de 50% dos casos, inferiores a 10 aulas semanais (Tabela 54).

Vejamos a seguir, qual a opinião dos titulados a respeito dos entraves à pesquisa na universidade.

5. OS ENTRAVES A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE, SEGUNDO OS RESPONDENTES

As duas últimas questões do questionário utilizado solicitavam a opinião do respondente a respeito dos fatores que entravam a produção de conhecimento na universidade, com a indicação daqueles que o atingiam diretamente.

A partir das respostas, foram criadas 7 categorias de análise: Contrato de Trabalho, Compromisso com pesquisa, Verbas, Recursos Humanos, Recursos Materiais, Canais de Divulgação e Outros, conforme descrito abaixo. Depois da apresentação das categorias serão mostrados dados quantitativos sobre os entraves. Para ilustrar a descrição das categorias serão descritas falas de alguns respondentes. Após o término da fala está indicada a instituição onde o respondente trabalhava e qual era seu nível de titulação, na medida em que estas informações fornecem contexto importante para a compreensão das respostas.

1) CONTRATO DE TRABALHO

A categoria Contrato de Trabalho engloba vários aspectos, muitos deles com ocorrência simultânea ou como consequência de determinado aspecto. Por exemplo, falta de tempo para pesquisa

em função de um desequilíbrio entre ensino e pesquisa e/ou muitas atividades além da docência (comissões, reuniões, encargos administrativos etc...). Outro tipo de exemplo é constituído pela situação do docente que, em função do baixo salário, procura um segundo emprego e acaba sem tempo para a pesquisa. O tipo de regime de trabalho do docente e a carga horária de aulas também foram mencionados como fatores que prejudicam o desenvolvimento de pesquisas.

Exemplos de respostas:

q. 24 - Baixa remuneração que obriga a vários empregos, faltando disponibilidade de tempo e recursos financeiros.

(IMES - M)

q. 67 - Regime de trabalho (Ex.: horista - pagam para você lecionar e não para pesquisar). (PUCCAMP - M)

q. 30 - Excesso de carga horária de trabalho, por atividades outras além das aulas. (UNESP - M)

q. 173 - Falta de remuneração condizente ao professor, que traz como consequência:

1 - professores demotivados

2 - professores desatualizados

3 - necessidade de assumir novos trabalhos e falta de dedicação exclusiva. (UniTau - M)

q. 207 - Número de horas-aulas semanais elevado. (UEL - M)

q. 51 - Tipo de contrato que privilegia concretamente a docência e não a pesquisa. (PUC-SP - MCD)

q. 172 - Inexistência de critérios explícitos de progressão na carreira que valorizem a pesquisa e a produção acadêmica. (UFG - MCD)

q. 265 - A busca de atividades fora da universidade como forma de complementar o salário. (UNICAMP - MCD)

q. 89 - Falta de tempo disponível para pesquisa. (PUC-SP - D)

2) FALTA DE COMPROMISSO COM A PESQUISA

A categoria Falta de compromisso com a pesquisa agrega respostas que refletem uma percepção de ausência de políticas claras sobre pesquisa, seja no âmbito da esfera federal, regional seja da instituição à qual o docente estava vinculado. A falta de compromisso individual, seja em decorrência de fatores pessoais seja geradas pelas condições institucionais, também apareceram.

Exemplos de respostas:

q. 38 - Na universidade em que trabalho, em geral, a produção de conhecimento é realizada individualmente, não havendo "linhas de pesquisa" que poderiam integrar professores diferentes. (PUC-SP - M)

q. 72 - Necessidade de reformular o conceito de universidade e a concomitante definição de Centros de Excelência em ensino e pesquisa, que facilitassem a concentração de recursos humanos e materiais. (UEL - M)

- q. 155 - Falta, na maioria das universidades, um sistema que proporcione condições e cobre resultados. Algumas dão os meios e nada cobram. Outras cobram, sem nada oferecer. Finalmente, há as que não dão e nem cobram. (PUCCAMP - M)
- q. 248 - Falta de vontade política de amparo à pesquisa, pelo Estado. (FSM - M)
- q. 9 - Ausência de programas de incentivo à pesquisa nas Instituições de Ensino Superior. (UFPr - MCD)
- q. 23 - Departamentalização: mesmo nos departamentos não há o costume de discutir projetos como a frequência necessária. (UNICAMP - MCD)
- q. 100 - Pouco compromisso, de boa parte dos professores, com a produção de conhecimento (pouco compromisso ou falta de percepção da importância). (Não é docente - MCD)
- q. 116 - O fato da pesquisa se resumir, na maioria dos casos, à obtenção de títulos acadêmicos. (USP - D)
- q. 166 - Não valorização da pesquisa por parte da universidade, ou seja: há uma valorização apenas formal para efeito de avaliação externa. (USP - D)
- q. 178 - Falta de incentivo das instituições e dos órgãos financiadores. (UFSCar - D)
- q. 255 - Falta de um sistema de avaliação e valorização do trabalho de pesquisa. Falta de políticas de desenvolvimento científico tanto a nível local (instituição) como a nível nacional. (UnB - D)

3) VERBAS

A categoria Verbas foi subdividida em cinco assuntos, conforme apresentado abaixo.

a) Falta de verbas. Este assunto gerou tanto respostas globais quanto mais específicas.

Exemplos de falas mais globais

q. 4 - Falta de verbas internas e externas. (UNICAMP - D)

q. 9 - Verbas para pesquisa são insuficientes. (UFPr - MCD)

q. 22 - Falta de financiamento para projetos de pesquisa. (UNESP - MCD)

q. 52 - Financeiras; o professor precisa recorrer a agências de financiamento para obter recursos elementares para a atividade de pesquisa. (UNESP - M)

q. 162 - A falta de recursos orçamentários para pesquisa (tudo é sempre feito através de financiamento externo). (USP - D)

q. 266 - Falta constante de recursos para qualquer iniciativa de trabalho. (não é docente - MCD)

Exemplos de falas mais específicas

q. 27 - Falta de verbas seja para a realização dos trabalhos seja para a participação em encontros e congressos nacionais e internacionais. (UNICAMP - MCD)

q. 55 - Dificuldades de obtenção de verbas para equipamentos. (USP - MCD)

q. 163 - Falta de apoio financeiro para execução das teses
_ o pesquisador tem que arcar com todas as despesas. (USP
-D)

q. 229 - Ausência de financiamento para produção de
conhecimento destinado a trabalhos de titulação acadêmica.
(PUC-SP - M)

q. 243 - Falta de apoio financeiro para divulgação dos
trabalhos em eventos científicos. (UNESP - M)

b) Falta de informações sobre financiamentos. Exemplos:

q. 17 - Falta de divulgação entre os professores a
respeito de meios para recorrer a órgãos financiadores.
(UNESP - D)

q. 36 - Ausência de mecanismos ágeis de acesso às fontes
de apoio à pesquisa. (PUC-SP - MCD)

q. 41 - A falta de uma comunicação e estruturas
administrativas que facilitem o acesso aos poucos recursos
financeiros disponíveis, da Instituição e/ou fontes
financiadoras. (EPM - MCD)

q. 82 - A falta de acesso às regulamentações de verbas e
incentivos à pesquisa. (UFU - D)

q. 96 - Desconhecimento das possibilidades de conseguir
auxílio junto às entidades mantenedoras. (PUC-SP - D)

q. 135 - Falta de informação objetiva e correta sobre
recursos financeiros. (USP - MCD)

q. 228 - Ineficiência dos canais de comunicação sobre possibilidades de apoio de algumas agências financiadoras (informes não circulam para todos os pesquisadores). (UFPr -D)

c) Burocracia e demora na tramitação dos projetos e algumas consequências (orçamento solicitado versus liberado ficam defasados, prazos não cumpridos etc...).

Exemplos:

q. 7 - Excessiva burocracia na tramitação dos processos para obtenção de aprovação e de dotação de recursos (internos e externos à instituição). (UEL - D)

q. 123 - Dificuldade e burocracia na obtenção de financiamentos. (USP - D)

q. 129 - Processos administrativos mal estabelecidos e/ou ineficientes. (UFSCar - D)

q. 155 - Os órgãos de fomento deveriam desenvolver uma ação mais atuante, menos burocrática e mais justa na distribuição de recursos. (PUCCAMP - M)

q. 204 - Burocratização na aprovação de projetos e na liberação de recursos financeiros (na própria instituição). (UEL - D)

q. 247 - Irregularidade de financiamento, não cumprimento dos prazos pelas agências. (UFRN -MCD)

q. 260 - O excesso de burocracia por parte da Universidade, principalmente, no que se refere à liberação

de verbas e prestação de contas dos convênios.

- Dificuldades de verbas para a pesquisa. Mesmo quando conseguida, o orçamento solicitado não é atendido plenamente. (UNICAMP - D)

d) Bolsas. Exemplos:

q. 9 - Bolsas-auxílios para estudantes insuficientes e difíceis de serem conseguidas. (UFPr - MCD)

q. 21 - Poucas bolsas de estudo para alunos de pós-graduação. (UNICAMP - D)

q. 51 - O requisito das agências financiadoras de bolsas não permite o trabalho dos bolsistas, fornecendo uma ajuda muito aquém das necessidades de sobrevivência. (PUC-SP - MCD)

q. 248 - Dificuldade de obtenção de bolsas, no caso de professores que não fazem da docência seu principal meio de subsistência. (FSM - M)

q. 267 - Falta de concessão de bolsas CAPES\CNPq etc... (UFC - M)

e) Critérios de distribuição de verbas. Exemplos:

q. 15 - Os auxílios são obtidos com dificuldades, seus valores são baixos e há uma seleção por área/temas nos órgãos financiadores. (UFSC - MCD)

- q. 21 - Dificuldade de financiamento na área de Ciências Humanas. (UNICAMP - D)
- q. 83 - Falta de uma política clara de financiamento de pesquisa que atenda às áreas de Ciências Humanas e incentive novos pesquisadores. (UFES -MCD)
- q. 129 - Carência de recursos e má distribuição destes. (UFSCar - D)
- q. 174 - Priorização de verbas para áreas de aplicação tecnológica e, portanto, carência de verbas para as áreas do conhecimento humano. (USP - MCD)
- q. 180 - Política de investimento de verbas na universidade. (UMC -M)
- q. 211 - Auxílios financeiros distribuídos segundo critérios questionáveis. (UNESP - MCD)

4) RECURSOS HUMANOS

A categoria Recursos Humanos foi subdividida em dois grupos: formação e "clima".

a) Formação

A sub-categoria Formação agrega respostas mais relacionadas às deficiências da formação em pesquisa seja na graduação seja na pós-graduação.

Exemplos de respostas:

- q. 66 - Falta de treino em pesquisa. (UFPb - MCD)

q. 113 - Descuido na formação do pesquisador; não há essa preocupação nos cursos de graduação e mesmo nos de pós-graduação (especificamente no mestrado). A expressão "não há" é forte; mais adequado seria dizer que essa preocupação é secundarizada. (PUC-SP -MCD)

q. 172 - Deficiência na formação acadêmica dos docentes; despreparo profissional para realização de pesquisa, produção de monografias, artigos etc... (UFG - MCD)

q. 79 - Inexistência quase que total de esforços no sentido de interessar e capacitar o aluno nessa direção.
(Não é docente - M)

q. 17 - Desconhecimento de metodologia de pesquisa. (UNESP - D)

q. 89 - Falta de formação como pesquisador. (PUC-SP - D)

q. 119 - Pouca disponibilidade de tempo do orientador.
(USP -M)

b) "Clima"

A sub-categoria "clima" engloba respostas que indicam aspectos que geram um ambiente desfavorável para o pesquisar. Alguns exemplos desses aspectos são: falta de interlocutores, pouca comunicação entre pesquisadores, solidão do pesquisar, falta de pessoal para auxiliar nas pesquisas, dificuldade em manter equipe de trabalho, muita competição nos departamentos.

Exemplos de respostas:

q. 210 - Falta de ambiente de troca de experiência de pesquisa. (USP - MCD)

- q. 89 - Falta de oportunidade de pesquisar em equipe. (PUC-SP - D)
- q. 115 - Falta de equipes interdisciplinares em projetos de grupo. (PUC-SP - D)
- q. 166 - Trabalho isolado (individual e não institucional). (USP - D)
- q. 233 - Presença de grupos competitivos. (Não é docente - D)
- q. 254 - Competição produzindo entraves burocráticos ao nível dos Departamentos. (USP - D)
- q. 255 - Falta de grupos de pesquisa. (UnB - D)
- q. 101 - O trabalho solitário em que se transforma a pesquisa. Falta grupo de discussão para dinamizar o trabalho do pesquisador. (PUC-SP - MCD)
- q. 86 - Falta de pessoal técnico auxiliar qualificado para pesquisa. (USP - MCD)

5) RECURSOS MATERIAIS

A categoria Recursos Materiais abrange dois grandes conjuntos de respostas que foram agrupados da seguinte maneira.

a) Entraves relacionados a disponibilidade de infra-estrutura: material de consumo, xerox, datilografia, gráfica, serviços de secretaria, telefone, correio, papel, laboratórios mal equipados etc...

Exemplos:

q. 17 - Administração arcaica, atrasada, não oferecendo infra-estrutura para o professor trabalhar racionalmente (o professor faz tudo, desde bater a máquina até ter que procurar meios para agilizar sua pesquisa ou estudo). (UNESP - D)

q. 95 - Infra-estrutura operacional: datilografia, impressão etc... (UFSCar - D)

q. 115 - Falta de infra-estrutura universitária (secretaria, telefone, xerox, computador, laboratórios etc...) à disposição. (PUC-SP - D)

q. 152 - Inacessibilidade efetiva e concreta ao uso do computador (só a poucos é dado tal privilégio). (UFPe - M)

q. 257 - Os equipamentos existentes, em sua maioria, são obsoletos, o que torna a pesquisa pouco competitiva. (Trabalhava no segundo grau - MCD)

q. 264 - Inadequação e exiguidade de espaço físico, dois ou mais professores ocupando uma mesma sala, ocasiona constantes interrupções no trabalho. (UFSCar - MCD)

b) Entraves relacionados a problemas de acesso a bibliografia atualizada.

Exemplos:

q. 96 - Desconhecimento das possibilidades de acesso às pesquisas em andamento. (PUC-SP - D)

- q. 112 - A pouca disponibilidade de informação científica e tecnológica, estrutura e agilidade de biblioteca, atualização de acervo etc... (PUCCAMP - D)
- q. 146 - Falta de informação sobre trabalhos realizados na área e acesso difícil aos relatórios produzidos. (IESAE - FGV - D)
- q. 172 - Falta de circulação de bibliografia atualizada (livros, revistas, teses etc...; bibliografia fica restrita a São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro: os professores não solicitam títulos porque os desconhecem, ou por falta de interesse, as livrarias não estocam, as faculdades não assinam revistas etc...). (UFG - MCD)
- q. 183 - Falta de um sistema mais rápido e definido para realização de levantamentos bibliográficos ou de obtenção de textos não existentes na biblioteca da própria universidade. (USP - D)
- q. 251 - Dificuldade de acesso à bibliografia estrangeira - recursos/informações. (PUC-SP - D)
- q. 255 - Falta de material bibliográfico atualizado; falta de banco de dados e de sistema para acesso rápido e pouco custoso (em respostas e dinheiro) às publicações recentes. (UnB - D)

6) CANAIS DE DIVULGAÇÃO

As respostas agrupadas nesta categoria referem-se à falta de recursos para participação em eventos científicos, dificuldade de acesso às possibilidades de publicação etc...

Esta categoria foi criada (e mantida), apesar do número de respostas ser pequeno comparativamente às outras categorias (ver Tabela 71), por conta da especificidade que ela apresenta. De fato, as respostas aqui agrupadas não refletem propriamente entraves para a produção de conhecimento e sim dificuldades para divulgar produtos parciais ou finais de pesquisa.

Por outro lado, o aparecimento dessas respostas indica que a divulgação das pesquisas pode exercer importante papel entre os aspectos que favorecem a manutenção do pesquisador na atividade de pesquisar.

Exemplos de respostas

q. 190 - Falta de incentivo e recursos na divulgação dos trabalhos em andamento e/ou realizados (despesas com viagens e eventualmente publicações). (Não é docente - MCD)

q. 237 - Não há divulgação interna e instrumentos para maior divulgação externa. (UNESP - MCD)

q. 10 - Falta de local para divulgação dos trabalhos (motivos: preço dos congressos e desinteresse de editoras ou revistas por temas específicos). (UNESP - MCD)

- q. 142 - Ausência de estrutura de divulgação e de irradiação do saber. (FCSSC - M)
- q. 194 - Falta de oportunidade para os autores estudantes publicarem suas obras. (UEL - D)

7) OUTRAS RESPOSTAS

A categoria Outras respostas contém vários assuntos diferentes: problemas gerados pela localização geográfica das universidades, distância percebida entre o que se faz na universidade versus o que a sociedade precisa, alguns problemas existentes no meio acadêmico etc...

Exemplos de respostas:

- q. 20 - Falta de comprometimento com a sociedade no equacionamento de problemas que lhe são próprios. (UFPb - M)
- q. 186 - Falta de maior ligação entre a universidade e a sociedade. (Trabalhava no segundo grau - M)
- q. 213 - A estrutura de poder calcada em títulos cria um certo corporativismo entre "os doutores", que não têm interesse em ver seu grupo de pares aumentado. (PUC-SP - MCD)
- q. 151 - Até a obtenção dos títulos de mestre e doutor o pós-graduando está totalmente voltado para o cumprimento dos programas de pós. Muitos desistem antes mesmo de concluir a dissertação de mestrado ou a tese de doutorado, por falta de disponibilidade de tempo para realizar as

pesquisas ou por falta de perspectiva profissional. (USP - MCD)

q. 163 - Quanto à pós-graduação, fazer cursos que não tem nada a ver com a tese. (USP - D)

q. 244 - Na universidade do interior, acrescente-se o "ISOLAMENTO" geral. (UNESP - D)

No início da descrição dos entraves à pesquisa na universidade, segundo a visão dos titulados, mencionamos que três categorias de análise foram sub-divididas. Nas Tabelas 71, 72 e 73 encontram-se as sub-divisões mencionadas para cada categoria.

As Tabelas 74, 75 e 76 apresentam dados quantitativos das respostas obtidas para a questão que solicitava a indicação dos principais entraves à produção do conhecimento na universidade.

A Tabela 71 apresenta, quantitativamente, como as respostas da categoria Verbas se distribuem pelos diversos temas. Podemos verificar que a falta de verbas aparece como o entrave que aglutinou o maior número de indicações (globais =56,3% e específicas =18,2%), seguida da Burocracia e Demora na tramitação do processo e algumas consequências (26,2%), Critérios para distribuição de verbas (9,5%), Falta de informações sobre financiamentos (8,7%) e Bolsas (5,5%). A ordem dos percentuais para a categoria Falta de informações sobre financiamento foi crescente entre os níveis de titulação, o menor índice foi observado para os mestres e o maior para os

doutores, embora os valores não tenham sido altos. Uma hipótese para explicar esse dado seria a de que os mestres não tiveram necessidade de obter financiamentos e, em consequência, não tiveram contato com as dificuldades encontradas nessas ocasiões.

Os dados apresentados na Tabela 72 referem-se a categoria Recursos Humanos. Podemos verificar que 45,9% das respostas foram para problemas de formação e 54,1% para a sub-categoria "clima". No nível dos doutores, a indicação do "clima" como entrave correspondeu a 61,8% das respostas, sendo este o maior índice verificado na tabela.

A Tabela 73 mostra os dois grupos de respostas que compõem a categoria Recursos Materiais. Os problemas sobre bibliografia corresponderam a 44,1% das respostas e os aspectos relacionados à infra-estrutura a 55,9%. Entre os níveis de titulação, os resultados apresentaram a mesma tendência descrita para os totais.

A Tabela 74 mostra a distribuição das respostas dos titulados a respeito dos entraves à pesquisa na universidade. Conforme foi descrito anteriormente, sete categorias de análise foram utilizadas. Na coluna dos totais notamos que os maiores índices percentuais obtidos foram para as categorias: Contrato de Trabalho =20,2% e Compromisso com a pesquisa =18,4%.

Na Tabela 75 encontra-se a distribuição dos respondentes de acordo com as categorias referentes aos entraves à pesquisa na universidade e do número de respondentes cujas respostas permitiram a construção da tabela. Para cada nível de titulação (M - MCD - D) existem duas colunas. A primeira refere-se ao número de respostas obtidas para cada categoria de análise (conforme tabela anterior); a segunda apresenta o número de respondentes que se manifestaram sobre aquela categoria. Por exemplo, 40 mestres assinalaram 56 entraves sobre Contrato de trabalho. Para a descrição dessa tabela e da seguinte utilizaremos a relação da segunda coluna sobre a primeira (no exemplo acima, 40/56). Isto foi feito porque o uso de percentuais provocaria distorções (como, por exemplo, na Categoria Canais de Divulgação que teve um pequeno número de indicações, mas apresentaria um percentuais muito altos). (Tabelas 75 e 76)

A estrutura da Tabela 76 é idêntica à da Tabela 75. O que difere é a segunda coluna de cada nível que apresenta o número de entraves que os respondentes indicaram aplicar-se aos seus próprios casos. Por exemplo, dos 56 entraves indicados na Categoria Contrato de Trabalho, 44 se aplicavam aos respondentes (44/56).

A análise das Tabelas 75 e 76 mostra que a proporção de respondentes que indicou entraves em cada categoria foi alta

(Tabela 75) e que a proporção de aplicabilidade dos entraves foi bastante expressiva (Tabela 76).

5.2 Análise dos entraves à produção do conhecimento na universidade

Como vimos, as queixas a respeito de contrato de trabalho foram as mais frequentes, assinaladas pelo maior número de respondentes, e, ainda segundo eles, com alto grau de aplicabilidade aos seus próprios casos. Vimos, também, que a maior parte dos respondentes dispõe de condições contratuais que estão longe de poderem ser consideradas muito adversas.

As respostas que foram englobadas na categoria Falta de compromisso com a pesquisa apontam um problema sério do ponto de vista da possibilidade de desenvolver pesquisas. A falta de percepção de quais são as políticas institucionais (em qualquer nível), e em qual medida elas valorizam o pesquisar devem gerar situações do tipo: para que vou batalhar para pesquisar se não há consequências diferentes para quem busca condições e pesquisa de quem não pesquisa? Só se tem trabalho a mais sem nenhuma vantagem funcional ou econômica.

Essa falta de políticas ou, quando ela existe, a falta de consequências diferenciais para as várias possibilidades de atuação do docente, acabam gerando um quadro que foi descrito por Marques, Formiga, Franco e Carneiro (1985).

Mas, apesar dos professores perceberem que não existe uma opção política por parte da universidade com relação à institucionalização da pesquisa, eles desempenham esta prática como um trabalho cotidiano fundamental... as pesquisas desenvolvidas (na universidade analisada) resultam ainda, de maneira geral, do esforço e preferência individual dos pesquisadores, que realizam suas pesquisas subvencionadas ou não por convênios e contratos, muitas vezes ocasionais e não sistemáticos, com agências de fomento existentes. Não há um apoio institucional efetivo (p.167).

A respeito das queixas sobre a falta de verbas, nossa impressão é que esta fala é tantas vezes reproduzida mais por hábito do que de fato pela escassez de recursos. E do domínio público que algumas agências de fomento à pesquisa, por exemplo CNPq e FAPESP, não empenharam toda a verba destinada para as Ciências Humanas, em determinados anos, por falta de demanda de projetos (de qualidade). O CNPq, no Relatório da Reunião do Comitê Assessor de Educação a respeito da 1ª reunião de julgamento de processos do ano de 1988, publicado pela ANPEd (1988, p.57) no mesmo ano, apontou que "houve uma significativa retração da demanda de solicitações nas várias modalidades em julgamento" e indicou que uma possível explicação para a diminuição do número de pedidos tenha sido o pouco tempo transcorrido entre a divulgação do Calendário e a data limite de recebimento dos pedidos (dez/87 e 30/01/88, respectivamente). Por outro lado, conforme vimos na caracterização das atividades de pesquisa dos

titulados, várias formas de financiamento foram obtidas por eles.

O surgimento tão frequente dessa queixa pode estar mais ligado às restrições à burocracia na tramitação dos processos de solicitação de financiamento e às críticas a respeito dos critérios de distribuição de verbas que desanimam as pessoas a solicitar o financiamento, e não propriamente à falta de verbas.

Em oposição a essa análise é preciso registrar estranheza ao fato de que a categoria Falta de informações sobre financiamento tenha sido mencionada como entrave à produção do conhecimento dado que foram pessoas tituladas que indicaram esse entrave, exatamente aquelas pessoas que deveriam estar habilitadas a recorrer a esses financiamentos, principalmente os doutores. É verdade que, formalmente, a pós-graduação não costuma preparar o aluno no manejo das informações sobre os diferentes tipos de agências e suas linhas de atuação, mas a convivência nos programas de pós-graduação deve possibilitar o contato com esse tipo de informação, que posteriormente deve ser buscado pelo próprio aluno.

O pequeno número de queixas a respeito de bolsas também merece registro. É provável que a explicação para essa ocorrência esteja ligada ao fato de que muitos dos respondentes terem recebido bolsa ao longo de sua trajetória acadêmica (ou ainda

usufruam de bolsa) e ou ao fato de a escassez de bolsas ou as condições a que os bolsistas são submetidos ("dedicação exclusiva", valores das bolsas insatisfatórias etc...) não serem problemas vivenciados pela maior parte dos respondentes, dadas as suas situações de titulados.

A categoria Recursos Humanos agrega dois aspectos importantes. As respostas agrupadas na sub-categoria Formação indicam que os respondentes veem problemas na formação que é dada na pós-graduação, no que diz respeito à formação do pesquisador. As respostas assinalam, também, que as condições efetivas de treino em pesquisa podem não estar sendo suficientes para que o aluno se sinta seguro em realizar novas pesquisas. Nesse sentido, os entraves apontados reforçam as análises apresentadas na Caracterização das atividades de pesquisa (ver Contexto da formação pós-graduada), ou seja, que a formação do pesquisador tem dependido de situações adicionais às previstas curricularmente.

Parece necessário que os Programas de pós-graduação procedam ao confronto entre a formação do pesquisador enquanto objetivo versus as condições concretas de engajamento em atividades que propiciam essa formação. Caso contrário, continuaremos lidando com a idéia de que as condições oferecidas pela estrutura atual de pós-graduação são suficientes para garantir a formação do pesquisador.

O "clima" de pesquisa sugere que além dele exercer um importante papel enquanto condição para a formação do pesquisador, ele parece ser fundamental para que o pesquisador se mantenha pesquisando. Essa colocação fica mais clara a partir de um exemplo hipotético:

- a realização da pesquisa não implica ganho salarial ou qualquer consequência contratual para o professor (talvez, dependendo da inserção dele na comunidade acadêmica possa ter consequências relacionadas à prestígio, além, é claro, da satisfação pessoal que o pesquisador tem na atividade);
- as condições de infra-estrutura não são minimamente satisfatórias (o pesquisador tem de lutar por espaço físico, conquistar verbas para equipamentos - ou equivalente - e auxiliares, ainda que na forma de bolsas para alunos).

Pelas respostas, e sem precisar entrar em questões de política departamental e institucional, é possível perceber que o esforço para tentar realizar a pesquisa é grande e depende quase essencialmente da disposição e disponibilidade pessoal do pesquisador. Do grau de dificuldade para conseguir as condições necessárias para a realização da pesquisa dependerá a iniciativa para uma segunda pesquisa e assim por diante. O exemplo é extremamente simples mas ajuda a perceber que a identificação de condições adversas pode ser mais rapidamente percebida e servir, para o pesquisador, como obstáculos que não justificam tentativas de superação.

Os resultados apresentados nas Tabelas 74, 75 e 76 retratam uma situação de múltiplos problemas, segundo a visão dos respondentes da pesquisa. A partir desses resultados podemos afirmar que para que haja significativa melhoria das condições de forma que elas se tornem mais facilitadoras para a produção de conhecimento, será necessário que mudanças ocorram em vários fatores, simultaneamente. Por exemplo, não basta um excelente contrato se não houver infra-estrutura necessária para o desenvolvimento de projetos. A importância de adequação dos vários fatores é bastante evidenciado pela dispersão dos índices da Tabela 74, pelo considerável número de respondentes que assinalaram cada entrave (Tabela 75) e pelos altos valores de aplicabilidade dos problemas aos respondentes (Tabela 76).

As reclamações sobre Recursos materiais são aquelas cujas soluções dependem menos dos docentes. É verdade que muitos dos itens indicados como entraves podem ser conseguidos através de pedidos de financiamento e, nesse sentido, essa seria a maneira do próprio pesquisador sanar as dificuldades. Mas, será que todas as condições devem depender dele? Com certeza não! Por outro lado, há uma série de serviços nas universidades, por exemplo entre bibliotecas (empréstimos, COMUT etc...), que muitas vezes nem são conhecidos pelos potenciais usuários. Parece-nos que existe pouca exploração das reais possibilidades das instituições, em que pesem as dificuldades reais existentes.

As respostas englobadas na categoria Canais de Divulgação mostram que as etapas de divulgação de resultados (congressos, seminários, versões preliminares de textos etc...) caminham em paralelo com as dificuldades para a realização de pesquisas. A possibilidade de divulgação é muito mais um fator de estímulo à manutenção do pesquisador na atividade do que propriamente um entrave à produção. De todo modo, é um aspecto muito importante para a reflexão das condições do pesquisar já que não tem qualquer sentido o pesquisar pelo pesquisar, se não houver ressonância do trabalho produzido. Até porque, a crítica externa é um fator de extrema importância para ajustes de projetos e para o balizamento de políticas.

E curioso, e talvez até estranho, constatar que as opiniões sobre os entraves foram, de maneira geral, comuns a todos os titulados, independentemente da titulação e da instituição de ensino superior em que eles atuavam. Por exemplo, a queixa sobre falta de informações a respeito das possibilidades existentes de financiamento foi indicada por mestres que estavam cursando odoutorado e por doutores de várias universidades (USP, UNESP, PUC-SP etc...). Outro exemplo pode ser visto nos problemas de acesso à bibliografia que foi apontado por titulados que atuavam em universidades particulares e estaduais do Estado de São Paulo e em universidades mantidas pela Federação.

Os resultados apresentados na Tabela 76 possibilitam perceber que é alto o número de razões que foram indicadas como aplicáveis ao caso dos respondentes. A estranheza frente a opinião dos respondentes sobre os entraves deve-se ao fato de que, com certeza, as condições nas diversas instituições são muito diferentes e as queixas bastante semelhantes. O que esses dados pode estar indicando é que a tendência das pessoas é sempre pontuar o que falta. Parece que elas não reconhecem condições para a pesquisa e sim que o fazem apesar de condições tão adversas. Sem dúvida alguma o questionamento das condições existentes é um ponto importante para a definição de estratégias adequadas para a busca de melhorá-las mas, por outro lado, reconhecer as conquistas já conseguidas nessa direção pode ser um alerta de que vale a pena continuar lutando por condições mais favoráveis.

Parece que um ponto a ser investigado por outro estudo é qual é a concepção do que seja a condição ideal para o desenvolvimento de pesquisas e em quais situações ela deve ocorrer.

Retomando, a quantidade de respostas obtidas sobre os problemas que dificultam o pesquisar na universidade foi muito grande e mostra, no mínimo, uma acentuada percepção crítica sobre a realidade nas quais os titulados estão inseridos. Por outro lado, a despeito desse quadro tão pessimista e considerando as diferenças existentes entre as várias instituições de Ensino

Superior, muitos titulados (conforme já apontado anteriormente) têm desenvolvido pesquisas ao longo de suas trajetórias acadêmicas-profissionais, e com condições melhores do que eles mesmo identificam.

6. INVESTIGANDO ASPECTOS PROFISSIONAIS DE QUEM INDICOU SEMPRE TER DESENVOLVIDO PESQUISA

Apresentamos ate aqui, os resultados gerais sobre as informações solicitadas no questionário. Neste item apresentaremos os resultados de um grupo selecionado entre os respondentes da pesquisa.

Conforme já tivemos oportunidade de explicitar (ver Introdução), acreditamos que quanto antes a formação do pesquisador for iniciada maior a chance de seu sucesso. Partindo desse pressuposto e considerando as possibilidades que o questionário utilizado permitia, realizamos um cruzamento de forma que pudéssemos verificar quantos respondentes desenvolveram pesquisas antes da dissertação, após a dissertação / tese e que desenvolviam pesquisas quando responderam ao questionário. A hipótese a ser verificada através da criação desse grupo era se o fato dessas pessoas terem tido mais oportunidades de engajamento em pesquisas (maior chance de treino) era refletida, de alguma forma, em suas situações profissionais quando responderam ao questionário.

O resultado desse cruzamento pode ser visto na Tabela 77. Podemos verificar que dentre o total de respondentes 40,1% teve oportunidade de realizar pesquisa antes da dissertação, após mestrado/doutorado e quando respondeu ao questionário. Os

percentuais verificados para os níveis foram crescentes: M =15,8%, MCD =48,0% e D =55,0%.

A partir desse grupo que resgata os titulados que tiveram engajados em atividades de pesquisa em três momentos diferentes, procedemos a alguns cruzamentos entre dados para melhor conhecer o contexto profissional dessas pessoas, dado que as condições profissionais são aspectos dos quais o pesquisar depende.

Na Tabela 78 encontramos a distribuição dos respondentes que desenvolveram pesquisas nos três momentos analisados nesse item, de acordo com a principal atividade profissional que exerciam quando responderam ao questionário. Notamos que 67,3% dos respondentes que compõem esse grupo informaram que eram professores universitários e 16,3% eram professores universitários e pesquisadores. Nos três níveis de titulação os índices da categoria Professor universitário foram sempre os maiores. Quando comparamos essa categoria entre os três níveis verificamos que os índices diminuem a medida que aumenta a titulação, ou seja, M=84,6%, MCD=67,6% e D=62,9%. A categoria Professor universitário e pesquisador apresentou índices de 10,8% para os MCD e 24,0% para os doutores.

Se compararmos os resultados verificados para esse grupo com os apresentados na Tabela 48 para o conjunto dos respondentes

verificamos que os dados aqui analisados não distoam, em linhas gerais, dos dados globais dos respondentes.

A Tabela 79 mostra a distribuição dos respondentes que realizaram pesquisa nos três momentos anteriormente indicados, de acordo com a instituição em que trabalhavam quando responderam ao questionário. Pode-se verificar que a variedade de instituições que empregavam os titulados foi grande e as respostas estão muito distribuídas. Através da coluna Total verificamos que apenas para três instituições o percentual de docentes que lá estavam ficou acima de 10%.

USP = 23,1%

PUC-SP = 11,5%

UEL = 10,6%

Seguindo o mesmo raciocínio para os níveis de titulação encontramos o seguinte:

Mestres - UEL = 15,3%

MCD - USP = 21,7%

UNESP = 16,2%

Doutores - USP = 27,7%

UNICAMP e PUC-SP = 14,7%

Esse dados devem ser olhados com ressalvas, na medida em que eles retratam apenas as informações dos respondentes desta pesquisa.

Comparando esses resultados com os gerais apresentados na Tabela 50 constatamos que as cinco instituições destacadas aqui (USP, UNESP, UNICAMP, PUC-SP e UEL) fazem parte das sete instituições que empregavam 61,2% dos respondentes da pesquisa. Portanto, o tipo de instituição era muito semelhante tanto para o conjunto dos titulados quanto para o grupo de titulados que desenvolveu pesquisa nos três momentos destacados neste item.

Na Tabela 80 encontramos a distribuição dos respondentes que indicaram ter desenvolvido pesquisas antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com o nível de ensino em que atuavam. Verificamos que 91,3% dos respondentes estavam atuando no ensino superior formal (graduação e pós-graduação) e 1% em curso de extensão universitária; 7,7% não respondeu a questão. Na coluna total da tabela observamos que 49,0% atuava no 3º grau, 31,7% no 3º grau/pós-graduação e 10,6% na pós-graduação.

Comparando-se esta tabela com a de número 51 que apresenta o mesmo tipo de dado para o conjunto dos respondentes verificamos que os resultados aqui obtidos têm a mesma tendência dos apresentados na Tabela 51, por exemplo:

- percentual total de titulados que atuavam no 3º grau

Tabela 51 = 95,3%

Tabela 80 = 91,3%

- níveis educacionais nos quais os titulados atuavam

Tabela 51

Tabela 80

3º grau	61,0%	49,0%
3º grau/PG	25,8%	31,7%
POs-graduação	8,5%	10,6%

Portanto, não verificamos diferenças acentuadas entre o conjunto dos respondentes e o grupo selecionado nessa análise.

A Tabela 81 mostra a distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a carga horária contratual que tinham na instituição de ensino em que atuavam. Podemos notar que 76,0% dos respondentes tinham carga horária contratual superior a 36 horas, 5,8% entre "16h a 20h", 3,8% entre "21a 25h" e 1,9% entre "26 a 30h"; 12,5% não respondeu a questão formulada. Entre os níveis de titulação o que mais chamou a atenção foi que os índices percentuais para cargas horárias contratuais entre "16 a 20h" diminuíram a medida que aumentou o nível da titulação (M = 15,4%, MCD = 5,4% e D = 3,7%); o contrário aconteceu para a carga horária contratual "+ de 36h", ou seja, os percentuais obtidos foram maiores a medida que o nível da titulação era maior (M = 61,5%, MCD = 70,3% e D = 83,3%).

A comparação desta tabela com a de número 53 mostra que também lá o maior índice percentual obtido foi para a condição carga horária contratual superior a 36 horas , e com o mesmo índice percentual, ou seja, 76,0%. Mais uma vez os resultados verificados para esse grupo não mostraram muitas diferenças entre os dois conjuntos de respondentes.

6.1 Análise dos resultados apresentados nas de Tabelas 77 a 81

Conforme apontamos anteriormente, o grupo cujas respostas foram apresentadas nesse item foi o de respondentes que haviam desenvolvido pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário. O objetivo era verificar se os respondentes dispunham de condições diferenciadas do conjunto dos respondentes da pesquisa.

Pelos resultados descritos nas Tabelas de 77 a 81 pudemos perceber que as condições profissionais desse grupo não distoavam do conjunto dos titulados. Dessa forma, não é possível dizer que eles dispunham de condições profissionais mais facilitadoras para o pesquisar, quando responderam ao questionário.

7. DISCUSSÃO DO CONJUNTO DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO.

Os dados até aqui apresentados e discutidos foram obtidos através do questionário respondido pelos titulados, mestres e doutores, nas áreas de Psicologia e Educação. No seu conjunto, esses dados permitem uma visão panorâmica das várias dimensões cobertas pelo instrumento de pesquisa, relativas ao percurso educacional e profissional dos respondentes; suas atividades de pesquisa, contexto em que realizaram suas formações de pesquisadores, fatores que consideram entraves para seu trabalho de pesquisa e outros.

Neste item do estudo apresentamos uma discussão sumarizada sobre aqueles dados de maneira a permitir uma visão mais global dos mesmos, bem como destacar as principais contribuições que eles oferecem ao tema central do estudo.

Há que se destacar, primeiramente, como constatação positiva, que os dados indicaram um nível de atividade de pesquisa, nas áreas estudadas, superior aos relatados em estudos anteriores, pelo menos no período de tempo aqui compreendido.

Entretanto, um ponto precisa ser lembrado e diz respeito às condições acadêmicas (inclusive anteriores à pós-graduação), não necessariamente curriculares, às quais muitos dos

respondentes experienciaram. A participação em várias pesquisas parece ser, de fato, uma condição importante no processo de formação de um pesquisador. Conforme tivemos oportunidade de apontar, esse é um ponto que precisa ser reavaliado pelos responsáveis pelos programas de pós-graduação e, na nossa opinião, também pelos responsáveis pelos cursos de graduação.

Outra constatação é a razoável utilização de financiamentos pelos respondentes, tanto para a sua formação como para a realização das pesquisas.

Quanto às condições gerais que permeiam a atividade de pesquisa na universidade, já que é lá que trabalha a maioria dos respondentes, há um abundante rosário de queixas e lamúrias, que contradiz a razoável produção científica dos respondentes e as facilitadoras condições funcionais que grande parte deles possui, mesmo não sendo as ideais.

A aparente contradição apontada acima pode ser atribuída a uma certa falta de prática dos pesquisadores no trato com as questões administrativas da atividade científica. A natureza burocrática das organizações, que não excetua a universidade, cria toda uma gama de procedimentos que exigem a formalização das ações. E a aprovação e autorização dos superiores hierárquicos para o uso dos recursos da organização, é a elaboração de projetos para serem previamente analisados e aprovados pelos órgãos internos e externos, é a celebração de

contratos que impõem condições restritivas ao uso de recursos financeiros e criam prazos para a conclusão das pesquisas, e muitos outros procedimentos que atingem coisas miúdas do cotidiano da pesquisa, que são percebidas como entraves ao trabalho de pesquisa.

Não sendo tais entraves superáveis a não ser pela transformação mais profunda da forma de organização da sociedade e das instituições, o trato com os mesmos tem que fazer parte da formação do pesquisador, não acriticamente como aceitação passiva, mas como instrumento de minimização de seus efeitos sobre a atividade de pesquisa, senão para uma luta pela sua superação.

Outra vertente importante que deriva dessa mesma discussão é a questão de como os pesquisadores se percebem acolhidos pelas políticas institucionais da universidade, já que o comportamento de pesquisar, que como já vimos tem um razoável custo pessoal, para sua manutenção, só difusamente é reforçado através daquelas políticas. Parece que institucionalmente basta que o professor se titule. A partir daí quase nada será cobrado dele em termos de produção de pesquisa a não ser a docência e outras atribuições estatutárias distantes do pesquisar.

Em outras palavras, apesar da valorização da pesquisa presente nos textos legais sobre a universidade, e nos próprios estatutos e regimentos desta, a prática indica muito pouca

valorização dos que pesquisam, com certos custos, comparativamente com os que se dedicam exclusivamente às atividades docentes. E através das ações concretas, de consequências claramente explicitadas, que podemos avaliar o nível de compromisso de uma instituição com os objetivos que ela se coloca. A falta de clareza quanto à valorização da pesquisa nas políticas institucionais parece, entretanto, ser superada, em muitos casos, pela motivação pessoal que se manifesta sob a forma de um compromisso com o saber e com a produção do conhecimento.

Por outro lado, sabemos que a pesquisa é hoje, na universidade, uma atividade prevista institucionalmente a partir de uma carreira hierarquizada com níveis claramente definidos e exigências estabelecidas para ingresso e progressão. Em tais circunstâncias, é perfeitamente compreensível que muitos pesquisadores procedam tendo como motivação principal para seu trabalho muito mais o acesso a níveis superiores da carreira, do que um verdadeiro compromisso com a produção do conhecimento científico, marca indispensável na composição do perfil de um cientista. Mesmo reconhecendo como lícita a busca da melhoria das condições de subsistência e reconhecimento social, acreditamos ser imprescindível o compromisso com a construção do conhecimento como requisito para se manter na atividade de pesquisa e desenvolver atitude de resistência e superação dos entraves que dificultam, e até mesmo impedem, a realização de pesquisa por quem não tem esse compromisso.

Nesta retomada dos resultados vimos que a realização de pesquisas por parte dos respondentes e os financiamentos obtidos para realizá-las mostraram-se mais positivos do que o que vinha sendo relatado na literatura da área. Por outro lado, vimos, também, que as queixas sobre as dificuldades para o pesquisar são muitas e, em geral, atribuídas à problemas gerados pelas políticas institucionais (ou ausência delas). Sugerimos que a falta de "treino burocrático" por parte dos pesquisadores pode ser uma das origens de dificuldades para que os docentes pesquisem. Apontamos, também, que a necessidade de titulação como forma de garantir promoção funcional parece estar afastando a pesquisa enquanto possibilidade de construção de conhecimento e tornando-a mais uma tarefa a ser cumprida.

Por fim, os resultados também mostraram que se de fato o pesquisar for uma atividade importante de ser exercida na universidade é preciso fazer ajustes nas condições em que vêm ocorrendo a formação do pesquisador e nas consequências previstas aos pesquisadores.

Os problemas gerados por ausência ou falta de recursos materiais e financeiros parecem ser fatores mais contornáveis do ponto de vista da realização de pesquisas do que os gerados por deficiências de formação ou ausência de consequências que

mantenham o pesquisador na atividade. Estes ultimos são fatores que comprometem a realização de pesquisa, seja por não saber como realizá-la seja por não identificar razão para fazê-la.

Vejamos, a seguir, como as entrevistas realizadas com alguns titulados podem ajudar a compreender melhor esse quadro.

ENTREVISTAS

Como segunda fase da pesquisa estavam previstas entrevistas que tinham como objetivo aprofundar o leque de aspectos abordados no questionário

Dado o objetivo da pesquisa de identificar as condições que facilitam o pesquisar na universidade, a escolha dos entrevistados deu-se intencionalmente. Inicialmente, foram definidos dois grupos de pessoas a serem entrevistadas: o dos que pesquisavam (Grupo 1) e o dos que não pesquisavam (Grupo 2) quando responderam ao questionário.

Grupo 1 - Pesquisavam quando responderam ao questionário.

Dentre os respondentes que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário foram adotados os critérios abaixo indicados, tendo sido garantidos os três níveis de titulação. Os entrevistados atendiam a todos os critérios.

- 1) terem desenvolvido pesquisa antes da realização da dissertação;
 - 2) terem desenvolvido pesquisa após a dissertação/tese;
 - 3) terem indicado a formação do pesquisador como razão para terem ingressado nos programas de mestrado e doutorado.
- Obviamente, no caso dos mestres foi considerado só o mestrado;

4) trabalharem em alguma instituição de ensino superior do Estado de São Paulo;

5) terem relacionado Produção Científica oral e/ou escrita, ou seja, terem apresentado algum trabalho em encontros científicos e/ou publicado, algum artigo em periódico, capítulo de livro etc...

Essas decisões levaram em conta que dentre as perguntas apresentadas no questionário estas eram as que melhor permitiam buscar a trajetória de formação de um pesquisador.

O grupo 1 ficou, após a aplicação dos critérios, composto por 36 pessoas, conforme mostrado abaixo.

Grupo 1 - Mestre - 02

Mestres Cursando o Doutorado - 10

Doutores - 23

Total = 36

Grupo 2 - Não pesquisavam quando responderam ao questionário.

Inicialmente pensou-se em manter os mesmos critérios do grupo 1 exceto para a condição não estar pesquisando quando responderam ao questionário. Entretanto, quase não encontramos respondentes que atendessem a todas essas condições. Em função disso, optou-se por outro procedimento, ou seja, fez-se um

levantamento dos respondentes que haviam indicado não estar pesquisando quando responderam ao questionário. A partir desse levantamento, foram separados os respondentes que atuavam em alguma instituição de ensino superior do Estado de São Paulo. O número de pessoas que compõem o grupo 2 é igual a 16, segundo a distribuição abaixo indicada.

Grupo 2 - Mestres - 06

Mestres Cursando Doutorado - 03

Doutores - 07

Total = 16

A escolha das pessoas do grupo 2 a serem entrevistadas continuou se pautando, no que foi possível, pelos critérios do grupo 1.

Um último fator que contribuiu na escolha dos entrevistados de ambos os grupos foi a facilidade do pesquisador para abordar e encontrar o entrevistado.

Realização das entrevistas

Os docentes foram contatados pessoalmente ou via telefone. Nessa conversa a pesquisadora lembrava ao docente sua colaboração ao responder ao questionário e indagava se ele se dispunha a conceder a entrevista. Todos os professores

contatados se dispuseram prontamente a colaborar e as entrevistas foram agendadas.

Antes da entrevista era perguntado ao entrevistando se havia alguma restrição a que a conversa fosse gravada. Todos os entrevistados permitiram o uso do gravador.

No início de cada conversa a entrevistadora retomava as duas etapas da presente pesquisa: a aplicação do questionário de caracterização das atividades de pesquisa dos titulados em Educação e Psicologia e a condução da entrevista para elucidar alguns pontos e permitir conhecer outros. Invariavelmente os entrevistados questionaram a razão do porque foram escolhidos e, então, lhes eram informados, em linhas gerais, os critérios que nortearam as escolhas em ambos os grupos (1 e 2).

As entrevistas, num total de 6, duraram, em média, 40 minutos. As fitas gravadas foram transcritas e a partir de várias leituras o conteúdo do material transcrito foi englobado nos seguintes itens para análise: envolvimento com pesquisa, a pós-graduação e visão que os entrevistados tinham da universidade enquanto instituição que propicia condições para o desenvolvimento de pesquisas.

No anexo 3 encontra-se o roteiro utilizado na entrevista. Pode-se perceber que as perguntas eram bastante genéricas de forma a que o entrevistado tivesse oportunidade de indicar o que

julgasse importante como tendo contribuído para que ele desenvolvesse pesquisa. Só após o entrevistado ter mencionado tudo o que quisesse é que lhe era pedido que lembrasse contribuições em cursos, atividade profissional etc...

Na época que os critérios para a entrevista foram elaborados, optou-se pela formação de dois grupos, sendo que o aspecto mais determinante para essa separação era o docente estar ou não realizando pesquisas. Depois que 6 entrevistas foram realizadas e transcritas verificamos que parte dos docentes do grupo que não realizava pesquisa quando respondeu ao questionário, estava pesquisando na época da entrevista. Além disso, a leitura das transcrições das entrevistas mostrou que embora os docentes estivessem inicialmente em grupos distintos, seus relatos não mostravam diferenças de experiências que justificassem a manutenção dessa separação. Ficou claro que quem (apenas uma pessoa) não estava pesquisando, pelo menos nos casos em questão, não o fazia em função de uma característica profissional transitória que não permitia tempo hábil para pesquisa.

Em função desses aspectos, a análise das entrevistas serão apresentadas conjuntamente.

No Anexo 4, apresentamos um pequeno resumo das respostas fornecidas, no questionário, pelos entrevistados na 2ª fase da pesquisa.

RESULTADOS OBTIDOS ATRAVES DAS ENTREVISTAS

Envolvimento com a pesquisa

Todos os depoimentos mostram que o reconhecimento da pesquisa enquanto atividade possível de ser desenvolvida e o despertar para a pesquisa no sentido de realizá-la e reconhecê-la como tal ocorreu antes do ingresso na pós-graduação (para alguns entrevistados já no curso de graduação ou após o término da graduação).

Os depoimentos mostram, também, que atividades extra-disciplinas desempenham um papel importante no interesse por pesquisa. Os exemplos citados dessas atividades foram monitorias, auxílio em tarefas da dissertação/tese de professores e auxílio em pesquisas avulsas de professores. O engajamento nessas atividades, de maneira geral, deu-se através de convites formulados pelos professores responsáveis por elas.

... e foi minha primeira experiência como auxiliar de pesquisa, era o ano que eu estava concluindo o bacharelado, foi esse ano como auxiliar de pesquisa que me fez decidir pelo mestrado em educação (q.268).

... na graduação, eu acho que muito mais coisas fora do curso. Das monitorias, eu me lembro que o pessoal do laboratório fazia um monte de cursos paralelos, e a gente ia fazer. Isso para mim chamou mais para esse tipo de atividade [pesquisa] (q.117).

A primeira pessoa que me despertou para a pesquisa foi v. Primeiro dia de aula, uma doida varrida, todo mundo perguntado o que iria fazer e v. respondeu 'pesquisa'. Essa foi a primeira

vez que eu alertei para uma coisa dessa. A segunda pessoa importante foi a Z., porque me chamou para ser monitor de laboratório e como consequência de ser monitor o SL que tinha um grupo de pesquisa, e do SL à T. que ele me apresentou para eu fazer a pesquisa com animais, que eu queria. Depois disso, para manter o grupo de novo v. e a R. foram pessoas importantes. Paralelamente a tudo isso, existia um grupo meio diferente, o SB com todos os monitores que eram pessoas também envolvidas com pesquisa e que eu tinha um contato bom (q.13).

Pelas falas apresentadas é possível perceber que a atividade de monitoria parece ser uma atividade acadêmica importante não só porque ela amplia a vivência do aluno (através de leituras, discussões, contato com alunos de anos anteriores etc...) mas também porque parece servir de passo intermediário na trilha que leva à pesquisa, na medida em que leva ao conviver mais proximamente com pessoas envolvidas em pesquisa e de interessar-se por essa atividade.

Acima, apontamos falas que mostravam a descoberta da pesquisa. Agora vamos mostrar, a partir do relato dos entrevistados, como foi o envolvimento deles com pesquisa.

Então, antes do mestrado, a condição que eu tinha era ter o grupo de referência dos professores que davam uma disciplina e discutiam o curso, isso levava a gente a ter algumas condições, necessidade, desafio, não tinha texto para os alunos, a gente gostaria de escrever e acabamos fazendo. Embora as condições físicas, tempo para fazer fosse sempre precário. De noite, até de madrugada, reunião na casa de alguém (q.117).

Vim como docente. Uma das exigências implícitas que tinha era a necessidade de fazer pós-graduação, e foi tranquilo. Então, era isso que eu estava tentando dizer, a necessidade de pesquisa. Isso foi se delineando para mim, eu diria que eu me tornei mesmo um pesquisador a partir do momento que eu estava desenvolvendo minha dissertação de mestrado, muito embora questões de pesquisa já tivessem nascido antes (q.187).

E difícil caracterizar historicamente tudo o que contribuiu. Eu acho que basicamente, historicamente, acho que para eu desenvolver um trabalho de pesquisa, para me interessar pela

pesquisa, foi minha formação. Eu tive uma formação muito centrada. Toda disciplina que eu tinha, tinha um trabalho de pesquisa a ser desenvolvido (q. 18).

Eu acho que a minha formação básica, pelo menos até o quarto ano, e depois na pós-graduação, eu acho que foram muito importantes, ou seja, eu aprendi que é possível você, que a ciência tem uma contribuição a dar, em que é uma leitura que você faz, ela tem um papel fundamental e é uma forma de você estar olhando os fatos e descrevendo e analisando o que você vê. Ela é um meio e não um fim, quer dizer, é um meio para o homem no mundo, para o indivíduo ser no mundo (q.05).

Em primeiro lugar, a primeira coisa que contribuiu para que eu fizesse pesquisa foi a abertura de possibilidade, quando os professores se aproximaram e demonstraram que era possível fazer pesquisa próximo deles, com orientação deles e tudo o mais. Então, essa eu acho que foi a primeira coisa que possibilitou. A segunda coisa foi receber pelo trabalho que eu fazia. A terceira coisa, a curiosidade que eu tinha a respeito de alguns temas. A quarta coisa que eu acho que contribuiu muito foi ter um grupo. O fato de ver outras pessoas fazendo, outras pessoas discutindo, isso também ajudou a fazer. Apresentação em congresso era uma coisa gostosa, estar preparando a apresentação. Depois disso acabou a graduação e aí veio a história da pós-graduação (q.13).

Podemos elencar, a partir dos depoimentos, as seguintes razões como importantes para o envolvimento em pesquisa:

- convite formulado
- receber pelo trabalho
- curiosidade
- ter um grupo de referência
- exigência da instituição
- a prática apresentando alguns desafios
- influências da formação acadêmica recebida.
- exposição à crítica

Vejamos o que cada uma dessas razões pode significar.

A influência da formação acadêmica recebida é uma razão que aparece mais como resultado de um trabalho que desperta o aluno para a importância da pesquisa enquanto metodologia de desenvolvimento do conhecimento.

O convite formulado é o surgimento da possibilidade de iniciar uma atividade, e um momento em que o aluno sai do "anonimato", é reconhecido como alguém que tem algo a contribuir, tem potencial. Funciona como uma forte motivação.

A exigência da instituição é uma condição estabelecida que pode ser cumprida ou não. Mas, mesmo seu cumprimento pode se dar de uma forma burocrática ou comprometida. No caso do nosso entrevistado ela deu-se comprometidamente uma vez que segundo ele, a partir do envolvimento com a pesquisa derivado da exigência, transformou-se em pesquisador.

A curiosidade e a prática apresentando alguns desafios são razões mais próximas do ter um problema de pesquisa, um assunto a investigar. Sidman (1976) já as apontava enquanto razões para realizar pesquisa.

Três razões, entre as listadas, estão ligadas à manutenção na atividade de pesquisa, embora sejam qualitativamente diferentes. São elas: receber pelo trabalho, ter um grupo de referência e exposição à crítica.

O receber pelo trabalho é parte das condições de subsistência para que o indivíduo possa engajar-se em pesquisa. É preciso que a pesquisa seja percebida, também, como atividade profissional capaz de garantir a subsistência do pesquisador. Mesmo sendo os proventos historicamente pouco atrativos, e por isso mesmo não serem o fator determinante da opção pela pesquisa, há que se superar a mitificação do pesquisador desligado da realidade, a quem só interessa a ciência.

Ter um grupo de referência parece ser um fator extremamente importante não só para o engajamento em atividades de pesquisa mas, principalmente, para a manutenção nessa atividade. O grupo, além de servir como interlocutor, serve de apoio para o enfrentamento do dia a dia do pesquisar que é apontado como árido e árduo.

Eu acho muito importante a formação de grupos com alunos da pós-graduação, há uma troca permanente, mas o grupo com professores é um outro fator decisivo...Sózinho, individualmente, de uma maneira geral, eu não me sinto tão estimulado a produzir (q.187).

O grupo, eu considero um marco na minha vida profissional, intelectual, acadêmica (q.268).

Sempre eu desenvolvo meu trabalho em equipe porque acho que o grupo incentiva o trabalho (q.18).

Para mim o grupo é uma condição muito importante. Ter com quem discutir, ter com quem trocar (q.117).

Eu vou percebendo que o manter de fazer pesquisa, a história de tentar fazer pesquisa é uma coisa que vai muito pelas pessoas que estão do meu lado, mais do que por um problema (q.13).

E depois, na pós-graduação, eu encontrei um grupo, na minha época a pós era muito marcada pelo grupo (q.05).

É preciso destacar que quando as pessoas se referiam a grupos o contexto era sempre de um grupo, no mínimo, com interesses próximos, um grupo que ao mesmo tempo que servia como interlocutor exercia uma função de alento ao cotidiano do pesquisar.

A exposição à crítica aliada às considerações feitas no item 6 a respeito dos canais de divulgação tocam em um ponto que pode representar dois movimentos. De um lado, os efeitos que a troca de informações entre pares pode trazer na disposição e interesse do pesquisador em continuar nessa atividade: o reconhecimento social, o contato com outros pesquisadores etc... De outro lado, o comprometimento com a evolução do conhecimento na medida em que a divulgação de resultados de pesquisa (orais ou textuais) são formas existentes para que o saber adquirido seja socializado. Conforme apontam Marques *et alli* (1985) *é na comunidade de pares que se encontram os grupos de referência que permitem ao indivíduo sua identificação profissional, ou avaliação de seu desempenho e que determinam seu status dentro do meio (p.43).*

Dentre as razões identificadas nas entrevistas não é possível apontar quais têm maior ou menor interferência porque, com certeza, elas dependem do contexto em que ocorrem.

A pós-graduação

O ingresso na pós-graduação , quando o aluno já está motivado para a atividade de pesquisa ou até já envolvido com ela, parece ser um prolongamento natural da graduação.

Eu diria que havia uma expectativa que você fosse fazer mestrado, porque não se concebia outra coisa. Estava todo mundo começando a carreira acadêmica (q.117).

Eu não consigo ver, de repente, se houve alguma coisa que me incentivou mais à pesquisa depois que eu já estava na linha de pesquisador, e quando entrei na pós-graduação foi também pensando nisso. Eu entrei na pós-graduação para pesquisar um assunto que me interessava (q.18).

... e tinha uma proposta de fazer a pós-graduação com bolsa de pesquisa, e aí eu fui fazer a minha dissertação de mestrado...(q.13).

Quando eu saí de lá (graduação) eu já estava com a perspectiva de fazer pós...acho que em função de todo o clima que havia de uma perspectiva de construção de uma ciência chamada Psicologia (q.05).

Pelas entrevistas que realizamos, há um ponto a respeito da formação em Psicologia que merece destaque. Os docentes entrevistados que se graduaram em Psicologia (é o caso dos autores das falas acima destacadas) seguiram a pós-graduação em algum programa dessa área, tendo alguns mudado de programa entre o mestrado e o doutorado (mas ainda dentro da Psicologia). O que parece significativo é que os entrevistados indicaram mais pontualmente que o despertar para a pesquisa ocorreu durante o curso de graduação, provocados por algumas disciplinas e determinados professores.

Não foram feitas perguntas diretas sobre contribuições da pós-graduação mas sim solicitada a identificação de todos os fatores que contribuíram para que os entrevistados realizassem pesquisa. Talvez por isso, as considerações sobre as contribuições da pós-graduação não tenham sido muitas.

Eu considero que a minha pesquisa do mestrado foi uma pesquisa super interessante, teve muita coisa, mas agora eu estou me vendo mais cara a cara com essa situação (transformar em pesquisa o trabalho que realiza como extensão) (q.268).

As aulas da pós-graduação eram interessantes e me mantinham estudando... O mestrado me ensinou a fazer uma pesquisa direito, me ensinou a refletir um pouco sobre os resultados que tinha... O doutorado me ensinou bastante a fazer uma relação teórica com o que eu tinha de dados (q.13).

O mestrado (cursos) para mim foi uma coisa muito pesada, não foi agradável de fazer⁽⁷⁾. Agora, a dissertação eu gostei de ter feito, era o trabalho que eu mesmo escolhi... Então, se isso contribuiu para minha formação foi em termos de disciplina mesmo. De ter que estudar, de ter que ficar ali, mas não pelo prazer, mais por uma coisa de exigência mesmo... Daí, fazer o doutorado foi uma opção muito mais consciente, digamos assim, que no mestrado, o mestrado acho que foi muito em função do grupo... O doutorado eu acho que foi uma coisa mais querida, opção mesmo. Demorei muito tempo para decidir se iria fazer ou não (q.117).

Entre as falas sobre a pós-graduação destacam-se o hábito de orientação individual e o momento crítico de fazer a tese.

Você não tem espaço para uma discussão mais acadêmica, é raro você encontrar o aluno dentro de um projeto de orientação para pesquisa mais coletivo, mais diversificado. Você tem a coisa feita individualmente (q.268).

⁽⁷⁾Foi bastante contundente entre os formados em psicologia a menção das disciplinas experimentais, com maior rigor metodológico, como tendo desenvolvido uma postura interessante de analisar problemas. Apesar de terem sido cursos custosos do ponto de vista do número de tarefas e de difícil envolvimento pessoal (era chato, cansativo etc...), os entrevistados reconhecem o mérito dessas disciplinas em suas formações.

Vai chegar uma hora que, por mais agradável que seja, por mais que as condições (profissionais) estejam boas (elas ainda não são hoje em termos de remuneração e tempo), que o peso do trabalho, a responsabilidade, tem que acabar, tem que escrever, tem que entregar, tem que defender, quer dizer, isto é uma coisa angustiante (q.117).

A crítica sobre o hábito da orientação individual reforça a importância de um grupo de referência que permita maiores trocas. No momento que o aluno se encontra apenas em orientação individual é porque ele está desenvolvendo os projetos e já terminou os cursos. Aí ele acaba, frequentemente, tendo só o orientador como interlocutor. Por mais que a relação orientando-orientador seja agradável, o tempo disponível do orientador e o tipo de apoio que o aluno pode precisar não têm sido compatíveis com esse tipo de orientação, ou não são usualmente entendidos como elementos dessa relação.

O segundo comentário destacado foi a respeito da finalização de um trabalho de tese e ilustra que o final do curso de pós-graduação, por melhor que tenham sido e sejam as condições disponíveis para o aluno, acaba gerando ansiedade. Esse tipo de desdobramento parece, portanto, estar muito mais ligado à cultura estabelecida a respeito do que seja, ou se espera, de uma dissertação/tese do que à falta de condições que permitam o desenvolvimento do trabalho.

Viso que os entrevistados tinham da universidade enquanto instituição que propicia condições para o desenvolvimento de pesquisas

Comentamos anteriormente (a propósito da análise dos questionários) o fato dos titulados não identificarem condições facilitadoras para o pesquisar, entre as condições que encontram na universidade. Através das entrevistas constatamos, mais uma vez, esse tipo de posicionamento.

Eu acho que quase nada do que eu conheço. Algumas horas de contrato, uma remuneração precária...você também pode diminuir as horas e pedir bolsa do CNPq, enfim, aquele esquema que é precário (q.117).

Eu considero que hoje a gente tem as piores condições para trabalhar como pesquisador nessa universidade (q.268).

Você só produz dentro de uma instituição de pós-graduação, como aluno ou próximo à grupos de pesquisa que estão desenvolvendo pesquisa. Acho que não tem muito incentivo à pesquisa fora da pós-graduação (q.18).

Pelo contrato da universidade existe uma certa exigência para que se desenvolva atividade de pesquisa, mas, na verdade essas condições, de maneira geral, não são muito favoráveis (q.187).

Uma voz foi discordante a esse respeito: *eu trabalho numa instituição que me dá condições de atuar (q.05)*. O contexto dessa fala pode ser visto mais abaixo.

O papel que a universidade, enquanto instituição propiciadora de condições para o desenvolvimento de pesquisas também se mostra negativo quando os titulados explicitam a falta de consequências diferenciais para quem pesquisa.

Tem a limitação oficial, administrativa, de você correr o risco de ser mandado embora da universidade (porque não se titulou). E eu acho que tem a coisa mais séria para mim que é uma certa parada na produção... Acho que o esforço para dar uma boa aula é maior e talvez com resultado menor se você não pesquisa, não tem esse espírito de pesquisador (q.117).

Eu trabalho em uma instituição onde quem está a fim de fazer pesquisa faz, quem não está a fim não faz e não acontece nada, quer dizer, eu trabalho em uma instituição que me dá condições de atuar (q.05).

Embora a primeira impressão seja, em geral, a de que a universidade dá poucas condições para o pesquisar, pelas entrevistas pudemos identificar dois fatores que podem ser considerados propiciados por ela e que são facilitadores para o pesquisar.

Um primeiro ponto é a existência de funcionários que ajudam no dia a dia do trabalho.

Uma outra coisa que acontece aqui é você ter os funcionários... você pode contar com um funcionário levemente treinado para fazer a coleta de dados, dá para confiar (q.13).

Outro ponto que merece registro é o financiamento às pesquisas realizadas. Os titulados entrevistados dispuseram de vários tipos, ao longo das pesquisas que realizaram:

- verbas advindas de convênios
- verbas internas da instituição para pagamento de terceiros
- verbas fornecidas por agências de fomento para compra de equipamento ou desenvolvimento do projeto.

O professor carrega uma filiação institucional que frequentemente o ajuda (é verdade que em alguns casos pode atrapalhar, dependendo da instituição) no desenvolvimento de suas atividades, mesmo que a atuação da instituição não apareça claramente. Não há como negar que entre as análises feitas por quem avalia pedidos de verbas, em agências de fomento à pesquisa, é feita alguma consideração sobre a instituição que sediará o projeto. Tanto é que existe a exigência de assinaturas de várias instâncias da universidade e, no caso de projetos, a explicitação de contrapartida da instituição. Além desse exemplo, existem outras situações mais veladas onde esse tipo de avaliação é feito mas não explicitado. Por exemplo, ocorrem, com alguma frequência, situações em que um professor que é filiado a várias instituições não faça referência a todas (seja em artigos, palestras etc...). Outro tipo de exemplo, verificado mais informalmente, é quando um aluno descobre que seu professor também dá aula em uma instituição de maior renome do que a dele, sente-se, através de seu professor, compartilhando o prestígio da outra instituição.

Como ponto positivo, é importante registrar que a visão dos titulados sobre as vantagens de ser um pesquisador foram categóricas no sentido de que o pesquisar melhora o desempenho profissional como docente, além de trazer reconhecimento social e crescimento pessoal.

Não há nenhuma vantagem econômica, simplesmente o prazer de conhecer, o prazer de você desenvolver um trabalho e ser reconhecido por ele...(q.18).

Acho que voce se torna um professor melhor, tem mais condições de interagir com o aluno se você está pesquisando. Não porque você está mais informado mas acho que você tem certas habilidades, certos treinos que a pesquisa te dá. E também por causa do nível de informação que acho que aumenta. A segunda, eu acho que é a coisa óbvia da valorização profissional, tanto em termos formais de participação, enfim, produzir, escrever e tal, quanto em termos financeiros (q.117).

Note-se que aqui a resposta sobre o aspecto financeiro está muito ligada à titulação acadêmica.

Eu diria que se eu não tivesse feito pesquisa eu não estaria conseguindo ser docente agora, porque tudo o que eu trabalho em termos de docência, onde eu sirvo de primeira mão à sociedade é através da atividade docente, eu não teria condições de ter (q.05).

A possibilidade de crescimento do ponto de vista pessoal é muito grande, a possibilidade de você enxergar mais amplamente as coisas como um todo. Dizem que viajar amplia muito as coisas, eu nunca saí do país para trabalhar fora, talvez isso seja outro fator (q.187).

Discussão sobre os resultados das entrevistas

Marques *et alli* (1985) realizaram um estudo que teve como objetivo central *analisar o modo como os professores... representam as duas atividades que constituem a base de toda produção científica - o ensino e a pesquisa (p.3)*. O trabalho foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a partir de entrevistas com docentes de quatro Institutos: Física, Biologia, Filosofia e Letras e Ciências Humanas. Entre as conclusões dos autores encontra-se a de que a área de Biomédica distingue-se das demais, inclusive no processo de socialização científica, que tem início na graduação.

Tivemos oportunidade de constatar, neste trabalho, que muitos dos titulados em Psicologia e Educação tiveram sua socialização científica iniciada na graduação. Pelas entrevistas pudemos conhecer quais foram as formas mais usuais em que essa iniciação ocorreu. Através de monitorias ou de estágios os alunos passaram a conviver mais proximamente com professores e acabaram se aproximando daqueles que desenvolviam pesquisas, e com eles começaram a trabalhar.

O mesmo tipo de processo foi relatado por Marques *et alli* a respeito dos professores da área de Biomédica, *a maioria absoluta dos professores entrevistados (70,0%) tiveram sua primeira experiência profissional como monitores e/ou*

estagiários em laboratórios de pesquisa, antes mesmo do término da graduação (p.136).

Outro ponto destacado por aqueles autores é o papel do "tutor".

A relação tutorial entendida como relação mestre/aprendiz aparece como uma característica muito nítida que pode ser apreendida na história pregressa dos chefes de grupo e que se reproduz, podendo ser percebida claramente, sobretudo nos grupos emergentes (p.137).

Em nosso estudo também pudemos constatar que professores desempenharam esse tipo de papel, para vários de nossos entrevistados, mesmo que o "tutor" tenha mudado ao longo do tempo.

Um aspecto importante que a realização das entrevistas permitiu identificar é que quando o aluno foi iniciado em pesquisa durante a graduação, o ingresso na pós-graduação foi percebido como continuidade natural para a formação como pesquisador.

A importância de um grupo próximo que apoie o caminhar em pesquisa mostrou, mais uma vez, ser um ponto muito valorizado. Luna (1983) apontou a colaboração em coleta de dados e a possibilidade de trocas (discutir dúvidas, mostrar resultados e equilibrar as fases de euforia e desânimo) como fatores importantes para a manutenção em pesquisa.

As trajetórias dos entrevistados desta pesquisa corroboram as afirmações daquele autor e indicam que a importância do grupo

se estende para a vida profissional, não se restringe aos períodos da formação educacional (ver, também, o "clima" apontado como entrave à pesquisa).

Conforme tivemos oportunidade de discutir na primeira parte deste trabalho, os respondentes desta pesquisa foram extremamente críticos ao indicarem quais são os entraves à pesquisa na universidade. Nas entrevistas realizadas também verificamos que os docentes não tendem a indicar contribuições da instituição para que ele desenvolva pesquisas. Entretanto, ao longo deste trabalho fomos identificando algumas condições de que os titulados dispuseram em suas trajetórias, e várias delas dependeram (mesmo que indiretamente) da instituição a qual eles estavam vinculados (reduções de contrato ou alteração de horário, respaldo para obtenção de verbas externas, auxílios internos, auxílio viagem etc...).

Com certeza, o papel das instituições no desenvolvimento da pesquisa pode e deve vir a ser muito mais efetivo do que o aqui identificado. Por outro lado, parece que um dos problemas que gera o não reconhecimento da instituição enquanto favorecedora do pesquisar pode estar ligado à não identificação clara de políticas institucionais. Os resultados de outros estudos também apontam nessa direção.

Como a instituição não tem projeto definido de pesquisa, o controle e acompanhamento da produção científica é débil e burocrático. Não há o reconhecimento dos trabalhos realizados e sua incorporação em um plano de carreira docente ainda não se efetivou de todo (Marques et alli, 1985, p.170).

O estudo da representação social de docentes mostra que o espaço para a atividade de pesquisa na Universidade, ao longo de sua história, ainda não foi devidamente conquistado, o que a tem caracterizado como uma atividade individual, solitária e descontinuada, limitada, na maioria das vezes, ao interesse particular do docente e seu desejo de envolver-se nessa atividade, ou seja, surge, quase sempre, à parte de qualquer plano de ação departamental ou institucional.

Tais características, na perspectiva de professores, são engendradas por vários aspectos: a falta de um projeto institucional que, construído no seio da comunidade acadêmica, possa definir os compromissos, prioridades, condições para o exercício competente (política e tecnicamente) do papel social da Instituição; ausência de um trabalho coletivo nos Departamentos, que têm se constituído em espaços meramente burocráticos, dificultando a articulação e interdisciplinaridade das atividades acadêmicas; falta de condições objetivas (ex: recursos financeiros e materiais, política de capacitação docente e incentivo à produtividade), favorecendo a desqualificação das atividades acadêmicas (Seiffert, 1993, p.191).

Seiffert toca na questão de um projeto institucional que deve ser construído no seio da comunidade e aponta a ausência de um trabalho coletivo nos departamentos. Em nossa opinião esse é um contrasenso vivido na universidade. As pessoas costumam discutir e cobrar a explicitação de projetos da universidade, mas por parte dos departamentos (por enquanto unidade básica de agrupamento formal na instituição) não há a discussão de quais aspectos deveriam ser valorizados na vida acadêmica (não se imagina consenso mas clareza entre os diferentes modos de pensar). O que acaba ocorrendo é que as propostas acabam vindo de cima para baixo. Ao adquirir um caráter de orientação externa qualquer proposta fica prejudicada por não contar com o

comprometimento dos que serão responsáveis por sua realização. E o que parece acontecer com o tema que vamos analisar a seguir.

Um último aspecto, mas não menos importante, é a visão dos entrevistados sobre a contribuição que a pesquisa tem nos seus desempenhos como docente. É o chamado princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa. Esta questão tem sido discutida por vários autores, e de diferentes maneiras. Por exemplo, Castro (1981) apontou que a obrigatoriedade de titulação acadêmica como requisito para ascensão na carreira universitária não era, muitas vezes, realista na medida em que nem todos possuem o perfil de pesquisador^(e).

Schwartzmam (1985), que assume uma posição mais extremada, argumenta que *a profissionalização crescente da atividade de pesquisa tende a afastar o pesquisador do ensino* (p.231) e propõe que se acabe com esse princípio. Uma postura mais moderada pode ser encontrada no artigo de Monteiro de Castro (s.d.) quando sugere que *o próprio conceito de investigação, de pesquisa merece ser analisado em maior profundidade...ou, ainda, quando diz que não há provas cabais de que realmente haja indissociabilidade entre docência e pesquisa...*(p.40).

(e) Embora a titulação não seja mais obrigatória nas Universidades Federais ela acelera o processo de promoção vertical.

Cunha (1979) apontou que *a pesquisa que a universidade deve realizar é indissociada do ensino e não apenas da pessoa do professor/pesquisador* (p.86).

As quatro citações feitas mostram como um princípio norteador que veio dos legisladores da esfera federal foi assumido pelas instituições de ensino e apresentou diferentes tipos de desdobramento na análise de sua aplicabilidade. Retomemos os pontos que as quatro citações apresentaram:

- conceito de investigação, de pesquisa que precisa ser analisado;
- pesquisa implica titulação (via pós-graduação), que implica promoção funcional;
- as pessoas não são igualmente aptas (e interessadas em pesquisa);
- a profissionalização em pesquisa tende a afastar o pesquisador do ensino;
- a indissociabilidade não está nos docentes/pesquisadores e sim no conhecimento produzido e sua disseminação através do ensino.

Parece, portanto, que o problema não está no princípio e sim no enfrentamento dos desafios que ele gera em sua prática. Até porque, é muito possível que o próprio entendimento do princípio não esteja claro e bem estabelecido, embora ele seja

"tão assumido" nos discursos. É esse quadro confuso que permite concordar com a seguinte conclusão de Marques et alii (1985).

Se a lei preceitua positivamente a indissociabilidade entre ensino e a pesquisa, no quadro atual das instituições vigentes, esse preceito é apenas uma indicação. A história dessa possível e desejável indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, ainda e por muito tempo, estará sendo escrita em abono ou desafio à Lei no cotidiano de cada um dos docentes-pesquisadores, em cada universidade deste país (p.173).

DISCUSSÃO GERAL

No início deste trabalho indicamos que seu objetivo central era identificar as condições que favorecem o pesquisador como atividade profissional exercida na universidade. Apontamos, também, que, segundo nossa visão, a realização de pesquisas na universidade depende de, pelo menos, quatro dimensões básicas, ou seja: condições funcionais dos docentes; infra estrutura para a pesquisa; disponibilidade de recursos financeiros; e competência técnica do pesquisador.

Nesta etapa final do estudo são apresentados alguns recortes sugeridos pelos dados coletados pelos dois instrumentos utilizados na pesquisa (questionário e entrevistas). Em etapas anteriores deste trabalho, os dados foram analisados e discutidos separadamente segundo o instrumento em que tiveram origem. Não retomando às discussões particularizadas dos dados feitas naqueles momentos, remetemos o leitor àquelas sessões caso seu interesse seja a recuperação de aspectos específicos abrangidos pelos limites do trabalho.

O que se segue é uma síntese daquelas discussões acompanhada de conclusões e indicações que consideramos pertinentes, enquanto posicionamento do pesquisador diante do produto da sua investigação. Não têm essas indicações a pretensão de serem a solução para os problemas da pesquisa na universidade. Não são, também, indicações que se distinguem pela originalidade, já que

aparecem aqui e acolá quando especialistas discutem a importância, o significado, e os limites e possibilidades da pesquisa na universidade. O que as distingue, aqui, é poder serem assumidas com base numa pesquisa empírica cujos dados são a expressão dos sujeitos concretos que vivenciam a aventura da pesquisa em um contexto de país de terceiro mundo.

Os resultados sobre as condições funcionais dos docentes, mais favoráveis do que se supunha inicialmente, indicam que elas devem estar contribuindo para que os respondentes dessa pesquisa se mantenham pesquisando.

Os resultados mostram, também, que várias fontes de financiamento foram exploradas para a realização das pesquisas, ou seja, embora com esforço é possível conseguir recursos orçamentários para pesquisa.

Não foi objeto de investigação desse trabalho os recursos materiais disponíveis nas instituições. Os docentes foram bastante enfáticos ao apresentarem críticas a respeito da falta daqueles recursos. Por outro lado, dado que verificamos a existência de produção de pesquisas, é possível afirmar que mesmo que os recursos físicos sejam insuficientes (e não há porque duvidar disso) eles não são tão escassos a ponto de impedir que pesquisas sejam desenvolvidas.

Também não foi objeto de análise desse trabalho, a discussão sobre a dimensão "competência técnica". O que esse trabalho constatou é que os titulados tiveram, em muitos casos, várias oportunidades de engajamento em pesquisas antes da realização da dissertação, inclusive em atividades extra-curriculares.

Fatores do tipo dos analisados nesse trabalho, com certeza, interferem no desenvolvimento de pesquisas na universidade, mas, como vimos, não a impedem de ocorrer. Sem dúvida alguma, quanto melhor for a combinação entre esses fatores (possibilidade de financiamento, apoio material, contrato etc...) melhores as chances de que as queixas diminuam e a percepção de que é possível realizar pesquisas aumente.

Por outro lado, parece-nos que o maior problema para que a institucionalização da pesquisa na universidade seja consolidada está ligado à questão de COMPROMISSO. Qual compromisso? Compromisso com o saber, com a idéia de que à universidade cabe a função de superação da mera reprodução do saber instituído.

Esta nossa posição encontra apoio em recente reflexão de Luna (1992) sobre as relações entre ensino e pesquisa na prática universitária. Para o autor há "de fato" uma baixa valorização da pesquisa por significativa parcela dos docentes universitários, reforçada pela falta de definição da instituição sobre a relação ensino pesquisa, e por práticas

institucionais que apontam para um quase reconhecimento da dissociação entre eles.

Uma proposição mais geral, mas que contém em seu bojo um princípio que contempla a idéia da pesquisa como centro da atividade acadêmica e indica um caminho a ser perseguido pela prática universitária, é apresentada por Demo (1991). Ao tratar da qualidade e modernidade da educação superior, o autor em questão faz uma contundente crítica à "universidade de ensino", isto é, aquela onde não ocorre nada além da reprodução do conhecimento. Em contrapartida, defende a realização da pesquisa como única via da universidade assumir uma função estratégica no processo de desenvolvimento da sociedade. Para o autor "pesquisa é a função inspiradora de tudo que se faz na universidade" devendo assim ser entendida como "princípio científico e educativo" (p.35).

Baseando sua argumentação nas características do binômio educação e tecnologia como fontes do desenvolvimento e emancipação das sociedades modernas, o autor é enfático na defesa da pesquisa como inspiradora do processo educativo tanto no que diz respeito a competência para produção própria do conhecimento, que o autor chama de qualidade formal (e nós chamamos nesse trabalho de competência técnica), como à competência política para a utilização social desse conhecimento, para o autor "qualidade política". Somente a conjugação dessas duas modalidades, formal e política, que são

lados de uma mesma moeda, pode garantir que a universidade cumpra seu papel de agente de mudanças.

A pesquisa como princípio científico decorre da sua concepção de instrumento de produção do conhecimento. Implica domínio metodológico, na competência técnica. E expressão da qualidade formal. Em geral, é encarada como atividade sofisticada e reservada a poucos. Para o autor, é preciso desmistificar esse esteriótipo.

A pesquisa será princípio educativo quando for assumida como atitude de vida, como estratégia de auto construção, e não como um rito acadêmico. E a atitude básica de questionar, *de não acreditar na primeira impressão, nas ordens vigentes, nos conhecimentos rígidos e envelhecidos, nas teorias comuns e assim por diante* (p.45) que fazem da pesquisa um caminho para a emancipação. Esta só é conseguida quando se assume a coragem de se contrapor. Nas palavras de Demo, *somente quem toma consciência crítica de sua condição histórica, reconhecendo que é possível mudar e que o agente insubstituível de mudança é ele próprio, é capaz de emancipar-se* (p.45).

A pesquisa como princípio educativo vai além da instrumentalização científica e dos seus produtos. E sua atitude de questionamento, crítico e criativo, com a realidade que a aproxima da educação emancipatória. Para tanto, é preciso que se supere a dicotomia que a isola em si mesma e a

transforma em atividade esporádica. A pesquisa como princípio educativo tem que se transformar em prática "curricular" que impeça que a universidade se distancie da realidade social. E expressão da qualidade política e estratégia básica do processo de formação do profissional capaz e do cidadão ativo.

Em outro trabalho desse autor (Demo, 1990), a proposta de pesquisa como princípio científico e educativo é utilizada para fundamentar uma pertinente e aguda crítica ao processo educativo tradicional e para propor uma revisão desse processo que ponha a pesquisa como estratégia fundamental para superar a marca da escola reprodutora, imitadora, pela da escola criadora onde aprender é sinônimo de elaboração própria. Neste sentido, o autor justifica essa mudança como necessária à escola desde a educação básica até a universidade.

As idéias de Demo, acima sumarizadas, compatibilizam-se com aquelas já citadas nesse trabalho de que o desenvolvimento da competência para pesquisar é um processo que deve iniciar-se no começo da vida escolar universitária e depende, sobretudo, de um ambiente favorável, facilitador, à aquisição das capacidades que vão reforçando o comportamento de pesquisar, enquanto vai ocorrendo o amadurecimento teórico-metodológico que, em última instância, constitui o cerne da formação do pesquisador.

Limitando nossa análise ao processo de formação do pesquisador, que se dá no âmbito da universidade, endossamos essas idéias,

na medida em que elas apontam para a valorização dos programas de iniciação científica como forma de criar condições motivadoras e que levam à superação das limitações de grande número de estudantes universitários. É claro que não se trata de simplesmente criar condições materiais e temporais favoráveis. Como aponta Demo, é preciso uma mudança radical na postura didática e pessoal dos professores frente ao processo de formação dos alunos. É preciso que eles próprios sejam criadores de conhecimento para formar indivíduos criadores e autônomos. É preciso, também, e sobretudo, vencer a dissociação entre ensino e pesquisa na prática universitária.

O princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa é, em geral, analisado na perspectiva dos benefícios que o mesmo traz para o incremento da pesquisa. Na perspectiva da pesquisa como princípio educativo, o que se ressalta é a pesquisa como fundamento do ensino. A indissociabilidade é condição para que o ensino não seja "ensinar a copiar", a reproduzir, a imitar. Pesquisar é aprender a aprender.

É óbvio que a indissociabilidade entre ensino e pesquisa traz consequências benéficas para ambas. A razão da tendência de analisá-la como benéfica à pesquisa decorre do fato de que, em geral, quem pesquisa também ensina, mas nem todos que ensinam também pesquisam.

É também necessária, na maioria das universidades brasileiras, uma completa revisão das condições institucionais oferecidas para o processo educativo em geral e para a realização de pesquisa, em particular. É absolutamente impensável uma transformação como a contida na proposta de Demo, da "pesquisa como princípio científico e educativo", com as condições atualmente oferecidas na maioria das universidades brasileiras. São necessários recursos físicos adequados e atualizados; políticas de pessoal, de pesquisa e de qualificação dos docentes que estimulem as mudanças; e, especialmente, uma revolução curricular que abandone velhos dogmas sobre a relação entre teoria e prática. Esta última deve ser curricular e valorizada tanto quanto a teoria que deve ser vista na sua função instrumental.

É certo que as mudanças aqui sugeridas não são simples nem de implementação tranquila. Elas levantam profundos problemas filosóficos e operacionais. São, entretanto, utopia necessária sobre a qual se deve refletir e criar condições que a tornem realidade. O próprio Demo, que para referenciar empiricamente suas teses utiliza-se de vasta quantidade de dados sobre a conjuntura da educação superior brasileira, formula propostas alternativas para superação do quadro atual, mas aponta vários e graves problemas a serem enfrentados para sua implementação. Sobre um desses problemas escreve aquele autor:

Um ... problema está no "professor", que, na verdade, é o maior problema e a maior solução. Embora haja inúmeras queixas cabíveis em termos do despreparo dos alunos, das disfunções

institucionais, dos desacertos da política pública, do aviltamento profissional etc..., a questão da qualidade formal e política na educação depende em primeiro lugar (não exclusivamente), do "professor". A transformação do "professor que dá aulas" em orientador de pesquisa, passando pela produção própria de pesquisa como fundamento inseparável, é na prática a grande questão. (Demo, 1991, p.65)

Como resposta à questão levantada o próprio autor escreve adiante:

Assim colocadas as coisas, não se pode fugir da constatação de que a maioria dos ditos "professores" nunca superou a condição histórica de alunos que só aprendem. Mudar isto é tão essencial quanto tarefa das mais complexas. O primeiro passo será ligar a atividade de professor com a atitude de pesquisador, na teoria e na prática, sob os auspícios do conceito de pesquisa como princípio científico e educativo. Somente um pesquisador poderia - de modo coerente - motivar o interesse pela produção própria no aluno e aí passar de professor a orientador (p.67).

Apesar das dificuldades que admite, apresenta extensamente as estratégias que, acredita, levarão à superação do quadro histórico de uma universidade onde o ensino se baseia na "aula expositiva" e na reprodução do saber. A "aula expositiva" não é em si um mal e nem se propõe sua total abolição. O que é indesejável é que ela seja "o método" ao invés de ser uma estratégia instrumental para repassar a visão geral da disciplina, o domínio teórico-metodológico e as técnicas como fundamentos para uma prática que propicie uma forma de elaboração do conhecimento.

Quando propõe que todo professor seja também um pesquisador é claro que Demo não está imaginando que todos irão criar um conhecimento novo no sentido de fazer avançar as teorias

científicas. Ele está propondo que todo professor seja um criador de seu próprio conhecimento através de uma postura investigativa de reconstrução do conhecimento já existente, o que não impede que ele também contribua para a descoberta inédita. Assim, mesmo que aquele autor não esclareça sua compreensão sobre o que é pesquisa, entendemos que ele adota uma concepção *lato sensu*, ou seja, a de pesquisa não necessariamente voltada para a criação de conhecimento científico novo. Há, entretanto, que se reconhecer que a adoção da pesquisa como princípio educativo vai na direção do favorecimento de criação das qualificações básicas e fundamentais para a formação do pesquisador *stricto sensu*.

Pesquisar como aprender a aprender, como atitude de vida, é o que justifica a afirmação de Sidman (1976) de que *o cientista pode ser definido como a pessoa cuja satisfação da curiosidade também é um meio de vida* (p.16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANPEd. Relatório da Reunião do Comitê Assessor de Educação do CNPq. *Boletim ANPEd*, Niterói, 10, 1, 1988.
- BAPTISTELLA FILHO, H., MAZZON, I. A. e GUAGLIARDI, J. A.
O método de coleta de dados pelo correio: um estudo exploratório. *Revista de Administração (IA-USP)*, São Paulo, 15, 4, 35-43, out-nov 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Conselho Federal de Educação Lei nº. 5.540, 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 231, 29 nov 1968.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Conselho Federal de Educação. Parecer nº 977/65, 3 de dezembro de 1965. Definição dos cursos de pós-graduação. *Documenta*, Brasília, 44, 67, dez 1965.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Conselho Federal de Educação. Parecer nº 77/69, 10 de fevereiro de 1969. Normas de credenciamento dos cursos de pós-graduação. *Documenta*, Brasília, 98, 128, fev 1969.

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Conselho Federal de Educação. Resolução nº 5/83, 10 de março de 1983. Pós-graduação - "Stricto sensu" - Funcionamento - Credenciamento - Normas. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção I - p. 4.736, 23 mar 1983.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Secretaria da Educação Superior. *Catálogo das instituições de ensino superior*. Brasília, 1983.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *III Plano Nacional de Pós-Graduação 1986-1989*. Brasília, 1986.
- CASTRO, C. de M. A pós-graduação brasileira, seu grande salto e os seus sobressaltos. *Educação*, Brasília, 35, 50-52, 1981.
- CASTRO, C. de M. *Ciência e Universidade*. Rio de Janeiro: Zahar 1985a.
- CASTRO, C. de M. Há produção científica no Brasil? *Ciência e Cultura*, São Paulo, 37, 7 (Suplemento), 165-187, jun 1985b.
- CASTRO, C. de M. Quem vai consertar a Universidade? *Educação Brasileira*, Brasília, 8, 16, 25-35, 1º sem 1986.

- CHAGAS, V. Para onde vai a universidade brasileira? In: PEREIRA, A. G. (org.) *Para onde vai a universidade brasileira?* Fortaleza: Edição UFC, 1983. p.47-67.
- CORDOVA, R.A., GUSSO, D, e LUNA, S.V. de. *A pós-graduação na América Latina: o caso brasileiro.* Brasília, MEC/SESU/CAPE, UNESCO, CRESALC, 1986.
- CUNHA, L. A. Ensino e Pesquisa: uma associação problemática. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 16, 82-87, out, 1979.
- DELLA SENTA, I. M. C. Pós-graduação Brasil - 1978: relação dos cursos de mestrado e doutorado por área de conhecimento; instituição; credenciamento - C.F.E. Brasília, CAPES, 1978.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo.* São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.
- DEMO, P. Qualidade e modernidade da educação superior. *Educação Brasileira*, Brasília, 13, 27, 35-80, 2º sem 1991.
- FIGUEIREDO, V. e SOBRAL, F. A. da F. A pesquisa nas universidades brasileiras. In: VELLOSO, J. (org) *Universidade pública: política, desempenho, perspectivas.* Campinas: Papirus, 1991. p.57-76.

- FRANCO, M.L.P.B. O ensino técnico-agrícola do ponto de vista de seus egressos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 60, 15-27, fev 1987.
- GATTI, B. Formar professores ou pesquisadores no mestrado em Educação. *Boletim ANPED*, Rio de Janeiro, 9, 1, 31-34, jan-mar 1987.
- LUNA, S.V. de. Análise de dificuldades na elaboração de tese e de dissertações a partir da identificação de prováveis contingências que controlam essa atividade. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1983.
- LUNA, S.V. de. Pesquisa, docência e produção. In: D'Antola, A. (org) *A prática docente na universidade*, São Paulo, EPU, 1992. p.99-104.
- MAHONEY, A.A. et al. A trajetória dos egressos e a função social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP. Relatório de Pesquisa, PUC-SP, 1991.
- MARQUES, E. A. et al. A indissociabilidade do ensino e da pesquisa - uma questão de visão de mundo ou de preceito legal? Relatório de Pesquisa, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais-NEPES, UERJ, 1985.

- MARTINS, J. Objetivos e estrutura de um curso de pós-graduação para pesquisadores educacionais. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 23, 6, 741-746, dez 1971.
- MONTEIRO DE CASTRO, C.L. Eficácia, eficiência e efetividade dos cursos de mestrado em educação no país. *Forum Educacional*, Rio de Janeiro, 1, 1, 111-142, jan-mar 1977.
- MONTEIRO DE CASTRO, C.L. Mestre - E daí? *Forum Educacional*, Rio de Janeiro, 5, 4, 17-40, out-dez 1981.
- MONTEIRO DE CASTRO, C.L. *Mestrado em educação: é necessário mudar? E compensa?* Mimeo, s.d.
- OZELLA, S. O ensino de Psicologia Social no Brasil: um estudo sobre o pensar e o agir de seus professores. Tese de doutoramento. PUC-SP, 1991.
- PEREIRA, L. C. B. O equívoco dos mestrados. *Isto É Senhor*, nº 1019, 29/03/89.
- REZENDE MARTINS, R. C. de. A pós-graduação no Brasil: uma análise do período 1970 - 90. *Educação Brasileira*, Brasília, 13, 27, 99-119, 2º sem 1991.

ROMEO, P. G. Problemas da fixação dos cientistas nos institutos de pesquisa e universidades. *Administração Paulista*, São Paulo, X, 37-55. jul-dez 1965.

SAMPAIO, R.P. Pesquisa na pós-graduação: como compatibilizar uma exigência. *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, 8, 4, 12-20, out-dez 1984.

SAVIANI, D. Concepção de dissertação de mestrado centrada na idéia de monografia de base. *Educação Brasileira*, Brasília, 13, 27, 159-168, 2º sem 1991.

SCHWARTZMAN, S. Como a universidade brasileira está se pensando? In: PEREIRA, A.G. (org) *Para onde vai a universidade brasileira?* Fortaleza: Edições UFC, 1983. p.29-38.

SCHWARTZMAN, S. O que fazer com a Universidade? *Ciência e Cultura*, 37, 7, (Suplemento), 229-243, jun 1985.

SCHWARTZMAN, S. e BALBACHEVSKY, E. A profissão acadêmica no Brasil. Documento de trabalho 5/92. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior - NUPES, Universidade de São Paulo, 1992.

SEIFFERT, O. M. L. B. Universidade e Pesquisa. A política institucional e a representação social de docentes. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1993.

SIDMAN, M. *Táticas da pesquisa científica*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SILVA, A. C. da. Financiamento da pesquisa na universidade pública. IN: VELLOSO, J. (org) *Universidade pública: política, desempenho, perspectivas*, Campinas: Papirus, 1991. p.161-176.

SONZOGNO, M. C. Aspectos da produção científica da Psicologia da Educação no Brasil no período de 1970-1982. Tese de doutorado. PUC-SP, 1987.

VAZ, J. C. de L. Desafios da universidade brasileira. In: PEREIRA, A.G. (org) *Para onde vai a universidade brasileira?* Fortaleza: Edições UFC, 1983. p.47-67.

ROBERTA GURGEL AZZI

PESQUISA EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA : IDENTIFICAÇÃO DE CONDIÇÕES
QUE FAVORECEM SUA OCORRÊNCIA NA UNIVERSIDADE.

Volume II

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

1993

14000238

ROBERTA GURGEL AZZI

Este exemplar corresponde a redação final
da Tese defendida por ROBERTA GURGEL AZZI e aprovada pela
Comissão Julgadora em

Data:

Assinatura:

PESQUISA EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA : IDENTIFICAÇÃO DE CONDIÇÕES
QUE FAVORECEM SUA OCORRÊNCIA NA UNIVERSIDADE.

Volume II

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

1993

TITULO DAS TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos respondentes de acordo com o nível da titulação.

Tabela 2 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o sexo.

Tabela 3 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com a idade que tinham na época em que responderam ao questionário.

Tabela 4 - Distribuição dos mestres que não cursam o doutorado em relação à possibilidade de continuar os estudos a nível de doutorado.

Tabela 5 - Razões apresentadas pelos mestres que não pretendem continuar seus estudos a nível de doutorado.

Tabela 6 - Áreas de concentração indicadas pelos mestres com interesse em cursar o doutorado como as pretendidas para a realização do curso.

Tabela 7 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com a instituição cursada na graduação.

Tabela 8 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o curso realizado na graduação.

Tabela 9 - Distribuição dos respondentes de acordo com o ano de conclusão do curso de graduação, por nível de titulação.

Tabela 10 - Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da obtenção do título de Mestre, após a obtenção do título de Mestre e/ou Doutor e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário.

Tabela 11 - Distribuição dos mestres que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Tabela 12 - Distribuição dos mestres cursando o doutorado que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Tabela 13 - Distribuição dos doutores que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Tabela 14 - Distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisas antes da dissertação de mestrado, de acordo com o tipo de participação que tiveram.

Tabela 15 - Distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisas antes da dissertação de mestrado, de acordo com as fases das pesquisas em que tiveram participação.

Tabela 16 - Distribuição dos mestres e dos mestres cursando o doutorado, de acordo com o número de pesquisas de que participaram após a obtenção do título de mestre.

Tabela 17 - Distribuição dos doutores que realizaram pesquisas após a dissertação e/ou tese, de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Tabela 18 - Distribuição das respostas dos titulados de acordo com a existência de auxílios financeiros para o desenvolvimento das pesquisas por eles realizadas.

Tabela 19 - Distribuição das pesquisas realizadas pelos respondentes, de acordo com o veículo utilizado para a divulgação das mesmas.

Tabela 20 - Distribuição das pesquisas realizadas pelos mestres, de acordo com o número de pesquisas divulgadas, por tipo de veículo utilizado.

Tabela 21 - Distribuição das pesquisas realizadas pelos mestres que estavam cursando o doutorado, de acordo com o número de pesquisas divulgadas, por tipo de veículo utilizado.

Tabela 22 - Distribuição das pesquisas realizadas pelos doutores, de acordo com o número de pesquisas divulgadas, por tipo de veículo utilizado.

Tabela 23 - Razões apresentadas pelos mestres para procurar a pós-graduação.

Tabela 24 - Razões apresentadas pelos mestres que estavam cursando o doutorado para procurar a pós-graduação.

Tabela 25 - Razões apresentadas pelos doutores para procurar a pós-graduação.

Tabela 26 - Razões apresentadas pelos titulados para procurar a pós-graduação.

Tabela 27 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com a instituição onde o título de mestre foi obtido.

Tabela 28 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com a área de concentração cursada no mestrado.

Tabela 29 - Distribuição dos respondentes de acordo com o ano da obtenção do título de mestre, por nível de titulação.

Tabela 30 - Distribuição dos mestres que estão cursando o doutorado de acordo com a instituição frequentada no doutorado.

Tabela 31 - Distribuição dos mestres que estão cursando o doutorado de acordo com a área escolhida para o doutorado.

Tabela 32 - Distribuição dos doutores de acordo com a instituição cursada no doutorado.

Tabela 33 - Distribuição dos doutores de acordo com a área de concentração cursada no doutorado.

Tabela 34 - Distribuição dos respondentes de acordo com o ano da obtenção do título de Doutor.

Tabela 35 - Distribuição dos respondentes de acordo com a inserção em atividades de ensino enquanto cursavam o mestrado e o doutorado.

Tabela 36 - Distribuição dos respondentes que trabalhavam e que estimaram as horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais durante o curso de mestrado, por nível de titulação.

Tabela 37 - Distribuição dos doutores que trabalhavam e que estimaram as horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais durante o curso de doutorado.

Tabela 38 - Distribuição dos respondentes que atuavam só no ensino superior, de acordo com a estimativa de horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais, durante o curso de pós-graduação.

Tabela 39 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o recebimento de bolsas de estudos.

Tabela 40 - Distribuição do total de bolsas de estudos concedidas aos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o nível da bolsa recebida.

Tabela 41 - Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes, por nível de ensino em que recebeu a bolsa e pela instituição que a forneceu.

Tabela 42 - Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante a GRADUAÇÃO, de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Tabela 43 - Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante o MESTRADO, de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Tabela 44 - Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante o DOUTORADO, de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Tabela 45 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o recebimento de algum tipo de ajuda.

Tabela 46 - Distribuição do tipo de ajuda recebida pelos respondentes em algum momento da trajetória acadêmica, de acordo com o tipo e o nível da titulação dos respondentes.

Tabela 47 - Distribuição do tipo de ajuda recebida pelos respondentes em algum momento da trajetória acadêmica, de acordo com o tipo e o nível de estudo em que a recebeu.

Tabela 48 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a principal atividade profissional que exerciam quando responderam ao questionário.

Tabela 49 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o exercício de atividade docente.

Tabela 50 - Distribuição dos respondentes por nível de titulação, segundo a instituição em que trabalhavam.

Tabela 51 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo os níveis educacionais nos quais os docentes atuavam.

Tabela 52 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo o regime de trabalho que mantinham com a instituição.

Tabela 53 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a carga horária contratual que mantinham com a instituição 1.

Tabela 54 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a carga horária semanal de aulas que lecionavam na instituição 1.

Tabela 55 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a instituição em que trabalhavam (Instituição 2).

Tabela 56 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo os níveis educacionais nos quais os docentes atuavam na instituição 2.

Tabela 57 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo o regime de trabalho que mantinham com a instituição 2.

Tabela 58 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a carga horária contratual que mantinham com a instituição 2.

Tabela 59 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, segundo a carga horária semanal de aulas que lecionavam na instituição 2.

Tabela 60 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com a instituição apontada como sede de diversas atividades nela desenvolvidas.

Tabela 61 - Razões apresentadas pelos titulados, por nível, para ter escolhido determinada instituição como sede de diversas atividades nela desenvolvidas.

Tabela 62 - Distribuição das atividades desenvolvidas na instituição de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Tabela 63 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em orientação de alunos de graduação.

Tabela 64 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em orientação de dissertações e/ou teses.

Tabela 65 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em reuniões.

Tabela 66 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em pesquisa.

Tabela 67 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em cargos administrativos.

Tabela 68 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em assessorias externas.

Tabela 69 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em extensão universitária.

Tabela 70 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, de acordo com o tempo médio semanal gasto em outras atividades.

Tabela 71 - Distribuição das respostas indicativas de Verbas para financiamento como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Tabela 72 - Distribuição das respostas indicativas de Recursos Humanos como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Tabela 73 - Distribuição das respostas indicativas de Recursos Materiais como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível da titulação dos respondentes.

Tabela 74 - Distribuição das respostas obtidas a respeito dos entraves à pesquisa na universidade, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Tabela 75 - Distribuição das categorias referentes aos entraves à pesquisa na universidade e do número de respondentes cujas respostas permitiram organizá-las.

Tabela 76 - Distribuição das categorias referentes aos entraves à pesquisa na universidade e do número de respondentes aos quais elas se aplicavam, segundo a titulação.

Tabela 77 - Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, que indicaram ter tido experiência em pesquisa antes da dissertação, após ter se tornado mestre e/ou doutor, e que estavam desenvolvendo pesquisa na época que responderam aos questionários.

Tabela 78 - Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a principal atividade profissional que exerciam.

Tabela 79 - Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a instituição que trabalhavam.

Tabela 80 - Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com o nível de ensino em que atuavam.

Tabela 81 - Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a carga horária contratual que tinham na instituição.

Relação das categorias/instituições que aparecem nos
Resultados, com os respectivos números.

- 2- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
- 3- Universidade de São Paulo - USP
- 4- Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP
- 5- Universidade Estadual Paulista - UNESP
- 6- Universidade de Mogi das Cruzes - UMC
- 7- Universidade Estadual de Londrina - UEL
- 8- Exterior
- 9- Fundação Educacional de Bauru - FEB
- 10- Universidade Católica de Pernambuco - UCP
- 11- Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
- 12- Universidade Federal da Paraíba - UFPb
- 13- Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
- 14- Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
- 15- Universidade Paulista - UNIP
- 16- Universidade Federal do Ceará - UFC
- 17- Universidade Mackenzie (SP) - UNIMACK
- 18- Universidade de Brasília - UnB
- 19- Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
- 20- Faculdade Nossa Senhora Medianeira (SP) - FNSM
- 21- Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
- 22- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada
Conceição (RS) - FFCLIC
- 23- Faculdades Anchieta (SP)
- 24- Universidade Federal de Pernambuco - UFPe
- 25- Universidade Federal de Uberlândia - UFU

- 26- Faculdades Metropolitanas Unidas (SP) - FMU
- 27- Universidade de Passo Fundo - UPF
- 28- Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
- 29- Universidade de Ijuí - UNIJUI
- 30- Faculdade de Humanidades Pedro II (RJ) - FHP
- 31- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina - FFCLL
- 32- Universidade São Judas Tadeu (SP) - FSJT
- 33- Faculdade Sagrado Coração de Jesus (Bauru) - FSCJ
- 34- Faculdade de Educação e Ciências Humanas Professor Laerte de Carvalho (Santos) - FECHPLC
- 35- Instituto de Educação Salesiana (Lorena) - IES
- 36- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caxias do Sul - FFCLCS
- 37- Universidade Federal do Pará - UFPa
- 38- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Itajubá -FAFI
- 39- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio (Itú) - FFCLNSP
- 40- Fundação Escola de Sociologia e Política (SP) - FESP
- 41- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Uberaba - FFCLU
- 42- Universidade Gama Filho (RJ) - UGF
- 43- Universidade Federal do Paraná - UFPr
- 44- Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
- 45- Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
- 46- Fundação Getúlio Vargas (RJ) - FGV-RJ
- 47- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ
- 48- Faculdade Dom Bosco (São João Del Rei) - FDB
- 49- Universidade Católica da Bahia - UCB
- 50- Faculdade de Tecnologia de São Paulo - FATEC-SP

- 51- Universidade Federal Fluminense - UFF
- 52- 2 grau/ 1 grau
- 53- Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
- 54- Universidade Federal de Viçosa - UFV
- 55- Faculdade de Ciências da Saúde São Camilo (SP) - FCSSC
- 56- Faculdades São Marcos (SP) - FSM
- 57- Instituto Metodista de Ensino Superior - IMES
- 58- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG
- 59- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santo André - FFCLFSA
- 60- Fundação Getúlio Vargas (SP) - FGV-SP
- 61- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jaú - FFCLJ
- 62- Universidade de Fortaleza - UNIFOR
- 63- Universidade de Guarulhos - UnG
- 64- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
- 65- Faculdades Integradas Santa Cruz do Sul - FISCS
- 66- Universidade de Santos - UNISANTO
- 67- Universidade Católica de Santos - UCS
- 68- Organização Santamarense de Educação e Cultura - OSEC
- 69- Faculdades Oswaldo Cruz (SP) - FOC
- 70- Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB
- 71- Universidade Federal de Goiás - UFG
- 72- Escola Superior de Administração de Negócios - ESAN
- 73- Faculdade de Educação e Cultura do ABC - FECdoABC
- 74- Universidade São Francisco (Bragança Paulista) - USF
- 75- Fundação de Ensino D. Bastos - FEQB
- 76- Fundação Universidade Estadual de Maringá - FUEM

- 77- Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT
- 78- Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP
- 79- Fundação Dom Aguirre (SP) - FDA
(mantenedora de duas faculdades de Sorocaba)
- 80- Faculdades Tibiriçá (SP) - FT
- 81- Escola Paulista de Medicina (SP) - EPM
- 82- Faculdades Integradas Ibirapuera - FII
- 83- Universidade de Taubaté - UniTau
- 84- Faculdade da Zona Leste (SP) - FZL
- 85- Faculdades Integradas de Guarulhos - FIG
- 86- Universidade de Ribeirão Preto - URP
- 87- Centro Educacional Ribeirão Preto - CEARP
- 88- Universidade Católica de Goiânia - UCG
- 89- Centro Educacional Diocesano La Salle (SP) - CEDLS

Relação das categorias a respeito das Areas de concentração
mencionadas nos questionários

- 2- Psicologia Clínica
- 3- Psicologia Experimental
- 4- Psicologia Social
- 5- Psicologia da Educação/Escolar/Educacional
- 6- Administração Escolar/Supervisão e Currículo/Currículos e Programas
- 7- Filosofia e História da Educação/Filosofia Educacional e Ciência da Educação
- 8- Educação
- 9- Metodologia do Ensino/da Educação
- 10- Ensino de Ciências
- 11- Ciências Sociais
- 12- Distúrbios da Comunicação
- 13- História/do Brasil
- 14- Saúde Pública
- 15- Educação Especial
- 16- Filosofia Social/Filosofia
- 17- Didática
- 18- Educação Agrícola
- 19- Ciências da Comunicação
- 20- Comunicação Social
- 21- Master of Arts
- 22- Ciência Política/Política e Cultura
- 23- Ciências
- 24- Antropologia Social/Antropologia

- 25- Assistencia Pré-Natal
- 26- Psicobiologia
- 27- Arte
- 28- Financiamento em Educação
- 29- Saúde Mental
- 30- Parasitologia
- 31- Sociologia da Educação
- 32- Letras
- 33- Planejamento da Educação
- 34- Saúde Escolar
- 35- Ensino
- 36- Sociologia/Sociologia Rural
- 37- Psicologia

Relação das categorias que representam os cursos realizados na
graduação

- 2- Psicologia
- 3- Pedagogia/Educação
- 4- Filosofia
- 5- Ciências Biológicas/Farmácia e
Bioquímica/Biociências/Ciências
- 6- Física/Matemática/Politécnica
- 7- Direito
- 8- Medicina/Enfermagem/Saúde Pública
- 9- Letras
- 10- Ciências Sociais/Sociologia/História
- 11- Fonoaudiologia
- 12- Serviço Social
- 13- Economia Doméstica
- 14- Comunicação Social
- 15- Teologia

Relação das categorias sobre a Principal atividade profissional

- 2- professor universitário
- 3- professor universitário e pesquisador
- 4- pesquisador/auxiliar de pesquisa
- 5- psicólogo clínico/psicoterapeuta/psicanalista
- 6- professor universitário e uma segunda atividade ligada ao ensino (que não docência ou pesquisa)
- 7- psicólogo educacional
- 8- professor universitário, pesquisador e uma terceira atividade ligada ao ensino (que não docência)
- 9- professor de primeiro e/ou segundo graus
- 10- professor universitário e de primeiro ou segundo graus
- 11- outras atividades em educação
- 12- outras atividades em psicologia
- 13- outras atividades
- 14- consultor/coordenador de recursos humanos
- 15- aposentado
- 16- professor universitário e psicólogo clínico/terapeuta

Relação das categorias apresentadas sobre os Níveis escolares em que os docentes atuavam.

- 2- pré-escola
- 3- primeiro grau
- 4- segundo grau
- 5- terceiro grau
- 6- pós-graduação
- 7- extensão, aperfeiçoamento, especialização lato sensu
- 8- terceiro grau/pós-graduação
- 9- primeiro e segundo graus

Relação das categorias apresentadas sobre o Regime de Trabalho
dos docentes

2- Regime de Dedicção Exclusiva

3- Regime de Tempo Integral

4- Regime de Tempo Parcial

5- Regime de Hora-aula

6- Sem vínculo empregatício

Relação das categorias apresentadas sobre a razão apontada para a escolha da instituição em que foram indicadas as atividades realizadas.

- 2- única em que trabalha / única em que exerce docência
- 3- é a que está há mais tempo
- 4- é onde tem maior contrato (tempos parciais ou horas)
- 5- tem maior envolvimento com projetos acadêmicos/ centro acadêmico de respeito
- 6- porque tem dedicação exclusiva
- 7- trabalha quarenta horas
- 8- há mais tempo e com maior contrato
- 9- outras

TABELAS

Tabela 1

Distribuição dos respondentes de acordo com nível de titulação

NÍVEL DE TITULAÇÃO	Nº	%
Mestres	82	31,9%
Mestres cursando doutorado	77	30,0%
Doutores	98	38,1%
TOTAL	257	100,0%

SEXO

By VAR2

Tabela 2

Crosstabulation: VARIOB NIVEL

VAR2->	Count	FEMININO			MASCULINO			Row Total
		0	2	3	0	2	3	
VAR10B	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	Row Total	
MESTRADO	2	61	20	81	75.3	24.7	31.8	
		34.9	25.0					
		23.9	7.8					
MEST. CURS. DOUT	3	53	23	76	69.7	30.3	29.8	
		30.3	28.8					
		20.8	9.0					
DOUTORADO	4	61	37	98	62.2	37.8	38.4	
		34.9	46.3					
		23.9	14.5					
Column Total	175	80	255	66.6	31.4	100.0		

Number of Missing Observations = 2

Tabela 3

Crosstabulation: VARIOB NIVEL By VARS IDADE

VAR3	Count	26 a 30	31 a 35	36 a 40	41 a 45	46 a 50	51 a 55	56 a 60	+61	Row Total
MESTRADO	2	7	22	25	15	7	4	1	81	
		8.6	27.2	30.9	18.5	8.6	4.9	1.2	32.1	
		36.8	33.8	29.8	31.9	36.8	30.8	25.0		
		2.6	8.7	9.9	6.0	2.8	1.6	.4		
MEST. CURS. DOUT	3	9	26	21	9	8	1	2	76	
		11.8	34.2	27.6	11.8	10.5	1.3	2.6	30.2	
		47.4	40.0	25.0	19.1	42.1	7.7	50.0		
		3.6	10.3	8.3	3.6	3.2	.4	.8		
DOUTORADO	4	3	17	38	23	4	8	1	95	
		3.2	17.9	40.0	24.2	4.2	8.4	1.1	37.7	
		100.0	15.8	45.2	48.9	21.1	61.5	25.0		
		.4	6.7	15.1	9.1	1.6	3.2	.4		
Column Total	19	68	64	47	19	13	4	252		
Total	.4	7.5	28.8	33.3	18.7	7.5	5.2	1.6	100.0	

Number of Missing Observations = 5

Tabela 4

Cross-tabulation: VAR108 NIVEL
 By VAR18 PRET CURS DOUT?

VAR108	Count	Row Pct	Col Pct	Total	Row
NESFRAD0	2	41	15	25	81
		50.6	18.5	30.9	100.0
		100.0	100.0	100.0	
		50.6	18.5	30.9	
Column	41	15	25	81	
Total	50.6	18.5	30.9	100.0	

Number of Missing Observations = 176

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR4 GRAD_U Page

Count	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Row Pct										
Col Pct										
Tot Pct										
2	2	1			1	1	1			
	2.4	1.2			1.2	1.2	1.2			
	100.0	25.0			100.0	50.0	20.0			
	.8	.4			.4	.4	.4			
3		1	1	2		1		1		
		1.3	1.3	2.6		1.3		1.3		
		25.0	100.0	100.0		50.0		20.0		
		.4	.4	.8		.4		.4		
4		2					4	4	5	2
		2.1					4.1	4.1	5.2	2.1
		50.0					80.0	80.0	100.0	100.0
		.8					1.6	1.6	2.0	.8
Column	2	4	1	2	1	2	5	5	5	2
Total	.8	1.6	.4	.8	.4	.8	2.0	2.0	2.0	.8

(Continued)

Crosstabulation: VAR108 NIVEL VAR4 GRAD_U --- Fac

Count	IFFLIC	IFA	IUFPe	IUFU	IFMU	IUFF	IUFSC	IUNJUI	IFFCLL	IFSCJ
Row Pct	22	23	24	25	26	27	28	29	31	33
Col Pct										
Tot Pct										
2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2
	50.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	50.0	100.0	100.0	50.0
	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4
3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	50.0	100.0	100.0	50.0
	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4
4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0
	50.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	50.0	100.0	100.0	50.0
	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4
Column Total	2	1	1	1	1	1	2	1	1	2
	.8	.4	.4	.4	.4	.4	.8	.4	.4	.8

(Continued)

	Count	IFECHPLC	IES	IFFCLCS	UFPa	IFAFI	IFFCLNSP	FESP	IFFCLU	UGF	IUFFP
VAR4->		34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
VAR108											
MESTRADO	2	1	1								
		1.2	1.2								
		100.0	100.0								
		.4	.4								
MEST. CURS. DOUT	3										
DOUTORADO	4										
		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
		1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0
		100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
		.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4
Column	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Total	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4

(Continued)

11/1/91

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

By VAR4 GRAD_U

----- Pac

VAR4->	Count	Row Pct	Col Pct	Total	Row Total
VAR108					
MESTRADO	2	1	48	49	82
		1.2			32.0
		100.0			
		.4			
MEST. CURS. DOUT	3				77
					30.1
DOUTORADO	4	1	97	97	97
		1.0			37.9
		100.0			
		.4			
Column Total	1	1	256		
	.4	.4	100.0		

Number of Missing Observations = 1

Tabela 8

11/1/91

Crosstabulation: VAR108 NIVEL VAR6 GRAD_C

Count	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Row Pct	33	20	2	2	2	1	1	2	3	1
Col Pct	50.0	30.3	3.0	3.0	3.0	1.5	1.5	3.0	4.5	1.5
Tot Pct	36.3	35.7	12.5	50.0	40.0	25.0	40.0	75.0	50.0	50.0
	17.1	10.4	1.0	1.0	1.0	.5	1.0	1.0	1.6	.5
MESTRADO	37	13	3	2	2	2	2	1		
MEST. CURS. DOUT	59.7	21.0	4.8	3.2	3.2	3.2	3.2	1.6		
	40.7	23.2	18.8	50.0	40.0	50.0	20.0			
	19.2	6.7	1.6	1.0	1.0	1.0	.5			
DOUTORADO	21	23	11	1	1	2	1	2	1	1
	32.3	35.4	16.9	1.5	1.5	3.1	1.5	3.1	1.5	1.5
	23.1	41.1	68.8	20.0	20.0	100.0	25.0	40.0	25.0	50.0
	10.9	11.9	5.7	.5	.5	1.0	.5	1.0	.5	.5
Column Total	91	56	16	4	5	2	4	5	4	2
Total	47.2	29.0	8.3	2.1	2.6	1.0	2.1	2.6	2.1	1.0

(Continued)

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

By VAR6 GRAD_C

-----P*

VAR6-->	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	service social	economico domestico	comunicacao soci	tecnologia	Row Total
VAR108					12	13	14	15	
MESTRADO	2								66 34.2
MEST. CURS. DOUT	3								62 32.1
DOUTORADO	4								65 33.7
Column Total	1	1	1	1	1	1	1	1	173
Total	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	100.0

Number of Missing Observations = 64

Tabela 9

Distribuição dos respondentes de acordo com o ano de conclusão do curso de graduação, por nível de titulação.

Ano da conclusão	Nível da titulação	MESTRES		MCD		DOUTORES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ate 1959		4	5,0%	3	3,9%	8	8,3%	15	5,9%
1960 - 1965		10	12,5%	6	7,8%	14	14,6%	30	11,9%
1966 - 1971		30	37,5%	25	32,5%	51	53,1%	106	41,9%
1972 - 1977		31	38,8%	39	50,6%	22	22,9%	92	36,4%
1978 - 1983		5	6,3%	4	5,2%	1	1,0%	10	4,0%
Total		80	100,0%	77	100,0%	96	100,0%	253	100,0%

(*)

(*) 4 questionários sem informação

Tabela 10

Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da obtenção do título de Mestre, após a obtenção do título de Mestre ou Doutor e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário.

Nível da titulação	Atividade de pesquisa	Pesquisa antes da dissertação		Pesquisa após Mestrado/Dou-		Pesquisa atualmente	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mestres		55	67,1%	34	41,5%	25	30,5%
Mestres cursando doutorado		54	70,1%	58	75,3%	56	72,7%
Doutores		68	69,4%	88	89,8%	79	80,6%
Total		177	68,9%	180	70,0%	160	62,3%

Porcentagens calculadas sobre o total de respondentes em cada nível (M - 82, MCD - 77 e D - 98).

Tabela 11

Distribuição dos mestres que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares, de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Nº de pesquisas	Tipo de atividade	Cursos regulares		Extra-curriculares		De ambas as formas		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1		9	37,5%	8	61,5%			17	31,5%
2		13	54,2%	5	38,5%	5	29,4%	23	42,6%
3		0				6	35,3%	6	11,1%
4 ou +		2	8,3%			6	35,3%	8	14,8%
Total		24	100,0%	13	100,0%	17	100,0%	54	100,0%

(*) 1 questionário sem informação.

Tabela 12

Distribuição dos mestres cursando o doutorado que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares, de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Nº pesquisas	Tipo de atividade	Cursos regulares		Extra extra-curriculares		De ambas as formas		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1		9	69,2%	7	41,2%			16	29,6%
2		3	23,1%	8	47,0%	8	33,3%	19	35,2%
3						3	12,5%	3	5,6%
4 ou +		1	7,7%	2	11,8%	13	54,2%	16	29,6%
Total		13	100,0%	17	100,0%	24	100,0%	54	100,0%

Tabela 13

Distribuição dos doutores que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado em cursos regulares ou em atividades extra-curriculares, de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Nº de pesquisas	Tipo de atividade	Cursos regulares		Extra-curriculares		De ambas as formas		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1		13	52,0%	04	25,0%			17	25,0%
2		11	44,0%	11	68,8%	04	14,8%	26	38,2%
3				01	6,3%	09	33,3%	10	14,7%
4 ou +		01	4,0%			14	51,9%	15	22,1%
Total		25	100%	16	100%	27	100%	68	100%

Tabela 14

Distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisa antes da dissertação de mestrado, de acordo com o tipo de participação que tiveram.

Tipo de participação \ Nível da titulação	MESTRES		MCD		DOUTORES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aluno colaborador	21	28,0%	19	21,1%	30	31,6%	70	26,9%
Auxiliar/assistente de pesquisa	1	1,3%	4	4,4%	5	5,3%	10	3,8%
Pesquisador sob orientação de professor					3	3,2%	3	1,2%
Estagiário/voluntário			1	1,1%	1	1,1%	2	0,8%
Pesquisador	11	14,0%	14	15,6%	11	11,6%	36	13,8%
Principal pesquisador	18	24,0%	17	18,9%	21	22,1%	56	21,5%
Membro de equipe	3	4,0%	4	4,4%	2	2,1%	9	3,5%
Colaborador/pesquisador colaborador	8	10,7%	16	17,8%	13	13,7%	37	14,2%
Prof. orientador/ prof. supervisor	4	5,3%	1	1,1%	1	1,1%	6	2,3%
Coordenador/responsável pelo projeto	5	6,7%	5	5,6%	3	3,2%	13	5,0%
Co-responsável/co-autor	3	4,0%	7	7,8%	4	4,2%	14	5,4%
Especialista/assistente técnico			1	1,1%	1	1,1%	2	0,8%
Consultor/assessor	1	1,3%	1	1,1%			2	0,8%
Total	75	100,0%	90	100,0%	95	100%	260	100%

Tabela 15

Distribuição das respostas dos titulados que realizaram pesquisas antes da dissertação de mestrado, de acordo com as fases das pesquisas em que tiveram participação.

Fases da pesquisa	Nível da titulação	MESTRES		MCD		DOUTORES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Todas as fases		39	40,6%	35	34,3%	53	44,1%	127	40,0%
Coleta de dados		21	21,9%	28	27,5%	26	21,7%	75	23,6%
Tratamento de dados		13	13,5%	19	18,6%	17	14,2%	49	15,4%
Elaboração do problema		9	9,4%	10	9,8%	9	7,5%	28	8,8%
Redação		8	8,3%	7	6,9%	9	7,5%	24	7,5%
Outras (levantamento bibliográfico, revisão da redação, montagem de equipamento, etc.)		6	6,3%	3	2,9%	6	5,0%	15	4,7%
Total		96	100,0%	102	100,0%	120	100,0%	318	100,0%

Tabela 16

Distribuição dos mestres e dos mestres cursando o doutorado, de acordo com o número de pesquisas de que participaram após a obtenção do título de mestre.

Nº de pesquisas	Nível da titulação	MESTRES		MCD		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
1		10	30,3%	19	36,5%	29	34,1%
2		14	42,4%	24	46,2%	38	44,7%
3		3	9,1%	4	7,7%	7	8,2%
4 ou +		6	18,2%	5	9,6%	11	12,9%
Total		(*) 33	100,0%	(*) 52	100,0%	85	100,0%

(*) 01 mestre e 06 mestres que estavam cursando o doutorado não indicaram de quantas pesquisas participaram.

Tabela 17

Distribuição dos doutores que realizaram pesquisas após a dissertação e/ou tese, de acordo com o número de pesquisas desenvolvidas.

Nº pesquisas	Época em que pesquisou	Após dissertação		Após tese		De ambas as formas		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1		06	54,5%	04	17,4%			10	11,9%
2		02	18,2%	06	26,1%	05	10,0%	13	15,5%
3		01	9,1%	07	30,4%	07	14,0%	15	17,8%
4 ou +		02	18,2%	06	26,1%	38	76,0%	46	54,8%
Total		11	100,0%	23	100,0%	50	100,0%	84	100,0%

(*) 4 questionários sem informação

Tabela 18

Distribuição das respostas dos titulados de acordo com a existência de de auxílios financeiros para o desenvolvimento das pesquisas por eles realizadas.

Se houve algum tipo de auxílio	Nível de titulação	Mestres		MCD		Doutores		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim		25	39,7%	29	45,3%	57	64,0%	111	51,4%
Não		8	12,7%	21	32,8%	17	19,1%	46	21,3%
Não indicou		30	47,6%	14	21,9%	15	16,9%	59	27,3%
TOTAL		63	100,0%	64	100,0%	89	100,0%	216	100,0%

Tabela 19

Distribuição das pesquisas realizadas pelos respondentes de acordo com o veículo utilizado para a divulgação das mesmas.

Veículo de divulgação	Nível de titulação		MCD		Doutores		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Comunicação em eventos nacionais	24	20,3%	37	31,4%	57	48,3%	118	100%
	27,0%		30,8%		27,0%		28,1%	
Comunicação em eventos internacionais	6	17,6%	11	32,4%	17	50,0%	34	100%
	6,7%		9,2%		8,1%		8,1%	
Artigos em periódicos nacionais	15	18,8%	17	21,3%	48	60,0%	80	100%
	16,9%		14,2%		22,7%		19,0%	
Artigos em periódicos estrangeiros	3	25,0%	3	25,0%	6	50,0%	12	100%
	3,4%		2,5%		2,8%		2,9%	
Capítulo de livro em língua portuguesa	1	5,6%	6	33,3%	11	61,1%	18	100%
	1,1%		5,0%		5,2%		4,3%	
Capítulo de livro em língua estrangeira			2	40,0%	3	60,0%	5	100%
			1,7%		1,4%		1,2%	
Livro publicado no Brasil	2	5,6%	11	30,6%	23	63,9%	36	100%
	2,2%		9,2%		10,9%		8,6%	
Livro publicado no exterior			1	50,0%	1	50,0%	2	100%
			0,8%		0,5%		0,5%	
Outros	6	13,3%	13	28,9%	26	57,8%	45	100%
	6,7%		10,8%		12,3%		10,7%	
Não divulgou	30	62,5%	5	10,4%	13	27,1%	48	100%
	33,7%		4,2%		6,2%		11,4%	
Não indicou	2	9,1%	14	63,6%	6	27,3%	22	100%
	2,2%		11,7%		2,8%		5,2%	
TOTAL	89	21,2%	120	28,6%	211	50,2%	420	100%
	100%		100%		100%		100%	

Tabela 5

Razões apresentadas pelos mestres que não pretendem continuar seus estudos de doutorado.

R A Z Õ E S	Nº	%
Não seguir / não trabalha na área acadêmica	4	26,7%
Falta motivação / interesse	5	33,3%
Aposentado / prestes a aposentadoria / idade avançada	3	20,0%
Sobrecarga excessiva trabalho clínico + acadêmico	1	6,7%
Vida familiar	1	6,7%
Não respondeu	1	6,7%
TOTAL	15	100,0%

Tabela 6

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR19 AREA FRETED Page 1

Count	1	2	3	4	5	6	7	8	9	16	17
Row Pct	6	2	2	2	10	1	2	2	1	1	1
Col Pct	15.8	5.3	5.3	5.3	26.3	2.6	5.3	5.3	2.6	2.6	2.6
Tot Pct	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
MESTRADO	15.8	5.3	5.3	5.3	26.3	2.6	5.3	5.3	2.6	2.6	2.6
Column Total	6	2	2	2	10	1	2	2	1	1	1
(Continued)	15.8	5.3	5.3	5.3	26.3	2.6	5.3	5.3	2.6	2.6	2.6

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR19 AREA PRETED Page

Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	ciencia	antropol	financ.	elsaude	mel	parasito	sociolo.	psicologi	Row Total
				logia	socim	educ.	Intal	logia	da	educ	lia	
2	2	22	24	28	29	30	31	37				38
5.3	5.3	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0				100.0
5.3	5.3	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0				100.0
Column Total	2	5.3	2.6	1	1	1	1	1	1	1	3	38
				2.6	2.6	2.6	2.6	2.6	2.6	2.6	7.9	100.0

Number of Missing Observations = 219

Tabela 21

Distribuição das pesquisas realizadas pelos mestres que estavam cursando o doutorado de acordo com o número de pesquisas divulgadas, por tipo de veículo utilizado.

Tipo de veículo utilizado	Nº de pesquisas divulgadas		1		2		3		4 e +		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Comunicação em eventos nacionais	17	45,9%	8	21,6%	3	8,1%	9	24,3%	37	100,0%		
	27,0%		40,0%		50,0%		75,0%		36,6%			
Comunicação em eventos internacionais	10	90,9%					1	9,1%	11	100,0%		
	15,9%						8,3%		10,9%			
Artigos em periódicos nacionais	9	52,9%	6	35,3%	1	5,9%	1	5,9%	17	100,0%		
	14,3%		30,0%		16,7%		8,3%		16,8%			
Artigos em periódicos estrangeiros	3	100,0%							3	100,0%		
	4,8%								3,0%			
Capítulo de livro em língua portuguesa	6	100,0%							6	100,0%		
	9,5%								5,9%			
Capítulo de livro em língua estrangeira	2	100,0%							2	100,0%		
	3,2%								2,0%			
Livro publicado no Brasil	6	54,5%	3	27,3%	1	9,1%	1	9,1%	11	100,0%		
	9,5%		15,0%		16,7%		8,3%		10,9%			
Livro publicado no exterior	1	100,0%							1	100,0%		
	1,6%								1,0%			
Outros	9	69,2%	3	23,1%	1	7,7%			13	100,0%		
	14,3%		15,0%		16,7%				12,9%			
TOTAL	63	62,4%	20	19,8%	6	5,9%	12	11,9%	101	100,0%		
	100,0%		100,0%		100,0%		100,0%		100,0%			

Porcentagem calculada sobre o total de mestres que estavam cursando o doutorado = 77

Tabela 23

Razões apresentadas pelos mestres para procurar a Pós-graduação

Razão da escolha	Nível da Pós-Graduação	
	Mestrado	
	N	%
Capacitação como professor	57	26,51%
Exigência da instituição em que já trabalhava	24	11,16%
Aprofundamento dos conteúdos da graduação	53	24,65%
Formação como pesquisador	31	14,42%
Dificuldade em encontrar emprego	1	0,47%
Titulação	31	14,42%
Outras	16	7,44%
Total de respostas	215	100,00%

Tabela 24

Razões apresentadas pelos mestres que estavam cursando o doutorado para procurar a pós-graduação.

Razão da escolha	Nível da Pós-Graduação		DOUTORADO	
	MESTRADO		Nº	%
	Nº	%	Nº	%
Capacitação como professor	51	25,6%	37	17,9%
Exigência da instituição em que já trabalhava	18	9,0%	15	7,2%
Aprofundamento dos conteúdos da graduação	38	19,1%	10	4,8%
Aprofundamento dos conteúdos do mestrado			38	18,4%
Formação como pesquisador	50	25,1%	52	25,1%
Dificuldade em encontrar emprego	2	1,0%	3	1,4%
Titulação	24	12,1%	34	16,4%
Outras	16	8,0%	18	8,7%
Total de respostas	199	100,0%	207	100,0%

Tabela 25

Razões apresentadas pelos doutores para procurar a Pós-Graduação

Razão da escolha	Nível da Pós-Graduação		DOUTORADO	
	MESTRADO		N	%
	N	%	N	%
Capacitacao como professor	66	25,9%	51	17,8%
Exigencia da instituicao em que ja trabalhava	17	6,7%	26	9,1%
Aprofundamento dos conteúdos da graduação	53	20,8%	16	5,6%
Aprofundamento dos conteúdos do mestrado			39	13,6%
Formação como pesquisador	61	23,9%	75	26,2%
Dificuldade em encontrar emprego				
Titulação	40	15,7%	62	21,7%
Outras	18	7,1%	17	5,9%
Total de respostas	255	100,0%	286	100,0%

Tabela 26

Razões apresentadas pelos titulados para procurar a Pós-Graduação

Razão da escolha	Nível da Pós-graduação		MESTRADO		DOUTORADO	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Capacitação como professor	174	26,1%	88	17,8%		
Exigência da instituição em que já trabalhava	59	8,8%	41	8,3%		
Aprofundamento dos conteúdos da graduação	144	21,6%	26	5,3%		
Aprofundamento dos conteúdos do mestrado					77	15,6%
Formação como pesquisador	142	21,3%	127	25,8%		
Dificuldade em encontrar emprego	3	0,4%	3	0,6%		
Titulação	95	14,2%	96	19,5%		
Outras	50	7,5%	35	7,1%		
Total de respostas	667	100,0%	493	100,0%		

Tabela 27

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

By VAR8 MESTR_U

Page

VAR8->	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	1	2	3	4	5	6	7	8	13	14	18	17	28
VAR108	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	1	2	3	4	5	6	7	8	13	14	18	17	28
MESTRADO	2	34	14	15	1								15				
		41.5	17.1	18.3	1.2								18.3				
		35.4	18.2	75.0	100.0								55.6				
		13.3	5.5	5.9	.4								5.9				
MEST. CURS. DOUT	3	35	21	5									7	3			
		45.5	27.3	6.5									9.1	3.9			
		36.5	27.3	25.0									25.9	75.0			
		13.7	8.2	2.0									2.7	1.2			
DOUTORADO	4	27	42										5	1	2	1	1
		28.1	43.8										5.2	1.0	2.1	1.0	1.0
		28.1	54.5										18.5	25.0	100.0	100.0	100.0
		10.6	16.5										2.0	.4	.8	.4	.4
Column Total	96	77	20	1	6	6	27	4	2	2	1	4	27	4	2	1	1
(Continued) Total	37.6	30.2	7.8	.4	2.4	2.4	10.6	1.6	.8	.8	.4	1.6	10.6	1.6	.8	.4	.4

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR8 MESTR_U Page

VAR8 ->	Count	IFESP	IUFGRS	IUFSCAR	IFGV-RJ	IFUC-RJ	Row Total
VAR108		40	44	45	46	47	
MESTRADO	2			2		1	82
				2.4		1.2	32.2
				18.2		50.0	
				.8		.4	
MEST. CURS. DOUT	3	1		5			77
		1.3		6.5			30.2
		33.3		45.5			
		.4		2.0			
DOUTORADO	4	2	1	4	3	1	96
		2.1	1.0	4.2	3.1	1.0	37.6
		66.7	100.0	36.4	100.0	50.0	
		.8	.4	1.6	1.2	.4	
Column Total	3	1	11	3	2	255	
Total	1.2	.4	4.3	1.2	.8	100.0	

Number of Missing Observations = 2

Tabela 28

Crosstabulation: VARIO8 NIVEL

BY VARIO MESTR_C

Count	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Row Pct	11.0	20.0	7.7	9.0	25.0	7.7	4.4	2.2	4.4		
Col Pct	11.0	24.4	8.5	11.0	30.5	8.5	4.9	2.4	4.9		
Tot Pct	7.8	60.6	15.9	52.9	34.7	46.7	13.3	15.4	50.0		
	2.7	7.8	2.7	3.5	9.8	2.7	1.6	.8	1.6		
	13	11	13	8	18	6	8	5	2	3	1
MESTRADO	16.9	14.3	16.9	10.4	23.4	7.8	10.4	6.5	2.6	3.9	1.3
MEST. CURS. DOUT	29.5	33.3	29.5	47.1	25.0	40.0	26.7	38.5	25.0	100.0	50.0
	5.1	4.3	5.1	3.1	7.1	2.4	3.1	2.0	.8	1.2	.4
	24	2	24		29	2	18	6	2		1
DOUTORADO	25.0	2.1	25.0		30.2	2.1	18.8	6.3	2.1		1.0
	54.5	6.1	54.5		40.3	13.3	60.0	46.2	25.0		50.0
	9.4	.8	9.4		11.4	.8	7.1	2.4	.8		.4
Column Total	44	33	44	17	72	15	30	13	8	3	2
Total	17.3	12.9	17.3	6.7	28.2	5.9	11.8	5.1	3.1	1.2	.8

(Continued)

Crosstabulation: VAR108 NIVEL BY VAR10 MESTR_C Page

VAR10-->	Count	12	13	15	16	17	21	32	33	34	35	Total
VAR108	Row Pct	Col Pct										
MESTRADO	2	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	82
	1.2	1.2	1.2	2.4	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	32.2
	50.0	50.0	40.0	40.0	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	32.2
	.4	.4	.8	.8	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	82
MEST. CURS. DOUT	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	77
	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	1.3	30.2
	20.0	20.0	20.0	20.0	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	33.3	30.2
	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	77
DOCTORADO	4	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	96
	1.0	1.0	2.1	2.1	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	37.6
	50.0	100.0	100.0	40.0	100.0	33.3	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	96
	.4	.8	.8	.8	.4	.4	.4	.4	.4	.4	.4	96
Column Total	2	2	5	5	1	3	1	1	1	1	1	255
Total	.8	.8	2.0	2.0	.4	1.2	.4	.4	.4	.4	.4	100.0

Number of Missing Observations = 2

Tabela 29

Distribuição dos respondentes de acordo com o ano da obtenção do título de mestre, por nível de titulação.

Ano da titulação	Nível da titulação	MESTRES		MCD		DOUTORES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ate 1971						5	5,3%	5	2,0%
1972 - 1977		6	7,4%	3	3,9%	42	44,7%	51	20,2%
1978 - 1983		49	60,5%	43	55,8%	44	46,8%	136	54,0%
1984 - 1989*		26	32,1%	31	40,3%	3	3,2%	60	23,8%
Total		81	100,0%	77	100,0%	94	100,0%	252	100,0%

(**)

(*) Os dados dos mestres e mestres cursando o doutorado referem-se apenas até o ano de 1986.

(**) 05 questionários sem informação.

9/13/91

SPSS/PC+

By VAR106 INST CURSA DOUT

Tabela 30

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

	Count	PUC-SP	USP	UNICAMP	Row Total
VAR106->	3	2	3	13	19
VAR108	14	26	4	44	44
MEST. CURS. DOUT	31.8	59.1	9.1	100.0	100.0
	100.0	100.0	100.0		
	31.8	59.1	9.1		
Column Total	14	26	4	44	44
Total	31.8	59.1	9.1	100.0	100.0

Number of Missing Observations = 213

Tabela 31

By VAR17 AREA DOUTORADO

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

	Count	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Row Total
VAR17->	psico. clinica	psico. experimental												
	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5	10.5
VAR108	8	16	16	19	9	19	4	5	2	5	5	1	1	76
MEST. CURS. DOUT	10.5	21.1	21.1	25.0	11.8	25.0	5.3	6.6	2.6	6.6	6.6	1.3	1.3	100.0
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
	10.5	21.1	21.1	25.0	11.8	25.0	5.3	6.6	2.6	6.6	6.6	1.3	1.3	76
Column Total	8	16	16	19	9	19	4	5	2	5	5	1	1	76
Total	10.5	21.1	21.1	25.0	11.8	25.0	5.3	6.6	2.6	6.6	6.6	1.3	1.3	100.0

(Continued)

BY VAR17

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

VAR17->	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	Row Total
VAR108	3				76
MEST. CURS. DOUT	2	2.6	100.0	2.6	100.0
	1	1.3	100.0	1.3	100.0
	2	2.6	100.0	2.6	100.0
Column Total	2	2.6	1.3	2.6	1.3
Total	3	3.9	1.3	3.9	100.0

Number of Missing Observations = 181

Crosstabulation: VAR108 NIVEL Tabela 32 By VAR12 DOUT_U

VAR12-->	Count	FUC-SP	USP	exterior	UNICAMP	FESP	Row Total
VAR108	4	24	61	1	10	2	98
DOUTORADO		24.5	62.2	1.0	10.2	2.0	100.0
		100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	
		24.5	62.2	1.0	10.2	2.0	
Column Total	24	61	1	10	2	98	
	24.5	62.2	1.0	10.2	2.0	100.0	

Number of Missing Observations = 159

11/1/91

Tabela 33

SFSS/FC+

VAR108 NIVEL

Age 106
 Cross-tabulation: VAR108 NIVEL

Count	1	2	3	4	5	6	7	8	9	17	22	Row Total
VAR14->	psico. experimental	psico. clinica	psico. experimental									
VAR108	28	28.6	100.0	28.6	32.7	100.0	17.3	4.1	1.0	3.1	1.0	98
DOUTURADO	1	1.0	100.0	1.0	32.7	100.0	17.3	4.1	1.0	3.1	1.0	100.0
Continued)	28	28.6	100.0	28.6	32.7	100.0	17.3	4.1	1.0	3.1	1.0	98
Column Total	28	28.6	100.0	28.6	32.7	100.0	17.3	4.1	1.0	3.1	1.0	100.0

Postabulation: VARI08 NIVEL By VARI4 DOUT_C ----- Pa

Count	23	24	25	26	27	31	36	Row Total
4	1	1	1	1	1	1	1	98
Row Pct	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	100.0
Col Pct	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Tot Pct	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0
Column Total	1	1	1	1	1	1	1	98
Total	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	100.0

Number of Missing Observations = 159

Tabela 34

Distribuição dos respondentes de acordo com o ano da obtenção do título de Doutor.

Ano da titulação	Nível da titulação	DOUTORADO	
		Nº	%
1975 - 1977		3	3,1%
1978 - 1980		13	13,3%
1981 - 1983		26	26,5%
1984 - 1986		32	32,6%
1987 - 1989		24	24,5%
Total		98	100,0%

Tabela 35

Distribuição dos respondentes de acordo com a inserção em atividades de ensino enquanto cursavam o mestrado e o doutorado.

Tipo de atividade	Nível do curso frequentado	MESTRADO		DOUTORADO	
		Nº	%	Nº	%
Trabalhava somente no ensino superior		101	39,3%	53	54,1%
Trabalhava somente fora do ensino superior		26	10,1%	6	6,1%
Trabalhava no ensino superior e fora dele		84	32,7%	24	24,5%
Variou muito		9	3,5%	1	1,0%
Não lembrava		3	1,2%	1	1,0%
Não trabalhava		23	8,9%	9	9,2%
Não respondeu		11	4,3%	4	4,1%
Total		257	100,0%	98	100,0%

Tabela 36

Distribuição dos respondentes que trabalhavam e que estimaram as horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais durante o curso de mestrado, por nível de titulação.

Estimativa de horas trabalhadas	Nível da titulação	MESTRES		MCD		DOUTORES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
- de 10 horas		5	7,6%	1	1,4%			6	2,8%
+ de 10 - de 20 horas		10	15,2%	11	15,7%	11	14,7%	32	15,2%
+ de 20 - de 30 horas		15	22,7%	13	18,6%	23	30,7%	51	24,2%
+ de 30 - de 40 horas		12	18,2%	26	37,1%	22	29,3%	60	28,4%
+ de 40 horas		24	36,4%	19	27,1%	19	25,3%	62	29,4%
Total		66	100,0%	70	100,0%	75	100,0%	211	100,0%

Tabela 37

Distribuição dos doutores que trabalhavam e que estimaram as horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais durante o curso de doutorado.

Estimativa de horas trabalhadas	Nível da titulação	DOCTORES	
		Nº	%
- de 10 horas		5	6,0%
+ de 10 - de 20 horas		12	14,5%
+ de 20 - de 30 horas		23	27,7%
+ de 30 - de 40 horas		24	28,9%
+ de 40 horas		19	22,9%
Total		83	100,0%

Tabela 38

Distribuição dos respondentes que atuavam só no ensino superior, de acordo com a estimativa de horas trabalhadas semanalmente em atividades profissionais, durante o curso de pós-graduação.

Estimativa de horas trabalhadas	Nível do curso	MESTRADO		DOUTORADO	
		Nº	%	Nº	%
- de 10 horas		5	5,0%	4	7,5%
+ de 10 - de 20 horas		22	21,8%	12	22,6%
+ de 20 - de 30 horas		26	25,7%	14	26,4%
+ de 30 - de 40 horas		27	26,7%	17	32,1%
+ de 40 horas		21	20,8%	6	11,3%
Total		101	100,0%	53	100,0%

Tabela 39

9/13/91

BY VAR35 BOLSA

Cross-tabulation: VAR108 NIVEL

	Count	sim	nao	Row Total
VAR35->	Row Pct	Col Pct	Col Pct	Row Total
VAR108	Tot Pct	2	3	
MESTRADO	2	40	40	80
		50.0	50.0	32.5
		24.1	50.0	
		16.3	16.3	
MEST. CURS. DOUT	3	57	14	71
		80.3	19.7	28.9
		34.3	17.5	
		23.2	5.7	
DOUTORADO	4	69	26	95
		72.6	27.4	38.6
		41.6	32.5	
		28.0	10.6	
Column Total		166	80	246
		67.5	32.5	100.0

Number of Missing Observations = 11

Tabela 40

Distribuição do total de bolsas de estudos concedidas aos respondentes(*), por nível de titulação, de acordo com o nível da bolsa recebida.

Nível da bolsa recebida \ Nível de titulação	M		MCD		D		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Graduação	2	5,1%	8	10,0%	11	8,9%	21	8,7%
Aperfeiçoamento			1	1,3%	1	0,8%	2	0,8%
Mestrado	37	94,9%	26	32,5%	44	35,8%	107	44,2%
Doutorado			45	56,3%	51	41,5%	96	39,7%
Pós-doutorado					16	13,0%	16	6,6%
Total de bolsas	39	100,0%	80	100,0%	123	100,0%	242	100,0%

Total de bolsistas = 166

(*) Na medida em que respondentes tiveram mais de uma bolsa ao longo do curso, o total de respostas refere-se ao total de "bolsas concedidas" e não necessariamente ao total de bolsistas.

Tabela 41

Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes, por nível de ensino em que recebeu a bolsa e pela instituição que a forneceu.

Instituição que forneceu a bolsa	GRADUAÇÃO		APERFEI-COAMENTO		MESTRADO		DOUTORADO		PÓS DOUTORADO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CNPq	3	14,3%			13	12,1%	30	31,3%	11	68,8%	57	23,6%
CAPES	1	4,8%			66	61,7%	45	46,9%	1	6,3%	113	46,7%
FAPESP	6	28,6%	1	50,0%	12	11,2%	7	7,3%	2	12,5%	28	11,6%
OUTRAS (Instituições)	11	52,4%	1	50,0%	16	15,0%	14	14,6%	2	12,5%	44	18,2%
TOTAIS	21	100,0%	2	100,0%	107	100,0%	96	100,0%	16	100,0%	242	100,0%

Total de bolsistas = 166

Tabela 42

Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante a GRADUAÇÃO, de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Instituição que forneceu a bolsa	Duração da bolsa em meses		0 - 12		13 - 24		25 - 36		+ 36		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CNPq	2	20,0%	1	20,0%							3	14,3%
CAPES							1	33,3%			1	4,8%
FAPESP	4	40,0%	1	20,0%	1	33,3%					6	28,6%
OUTRAS	4	40,0%	3	60,0%	1	33,3%	3	100,0%			11	52,4%
TOTAL	10	100,0%	5	100,0%	3	100,0%	3	100,0%			21	100,0%

Total de bolsistas = 166.

Tabela 43

Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante o MESTRADO,
de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Instituição que forneceu a bolsa	Duração da bolsa em meses										Total	
	0 - 12		13 - 24		25 - 36		+ 36		Não Indicou		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
CNPq	5	20,8	7	14,0			1	25,0			13	12,1
CAPES	12	50,0	32	64,0	16	72,7	1	25,0	5	71,4	66	61,7
FAPESP	1	4,2	8	16,0	2	9,1			1	14,3	12	11,2
OUTRAS	6	25,0	3	6,0	4	18,2	2	50,0	1	14,3	16	15,0
TOTAL	24	100,0	50	100,0	22	100,0	4	100,0	7	100,0	107	100,0

Total de bolsistas = 166.

Tabela 44

Distribuição das bolsas concedidas aos respondentes durante o DOUTORADO, de acordo com a duração e a instituição que forneceu a bolsa.

Instituição que forneceu a bolsa	Duração da bolsa em meses		0 - 12		13 - 24		25 - 36		+ 36		Não Indicou		Total	
			N		%		N		%		N		%	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
CNPq	11	45,8%	5	26,3%	6	27,3%	6	22,2%	2	50,0%	30	31,3%		
CAPES	8	33,3%	11	57,9%	8	36,4%	16	59,3%	2	50,0%	45	46,9%		
FAPESP	1	4,2%	1	5,3%	4	18,2%	1	3,7%			7	7,3%		
OUTRAS	4	16,7%	2	10,5%	4	18,2%	4	14,8%			14	14,6%		
TOTAL	24	100,0%	19	100,0%	22	100,0%	27	100,0%	4	100,0%	96	100,0%		

Total de bolsistas = 166.

Tabela 45

9/13/91

By VAR51 AJUDA

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

VAR51 ->	Count	Row Pct	Col Pct	Total Pct	Row Total
VAR108	2	27	55	82	31.9
MESTRADO	32.9	67.1	39.3		
	23.1	39.3	21.4		
	10.5	21.4			
MEST. CURS. DOUT	43	34	77	30.0	
	55.8	44.2			
	36.8	24.3			
	16.7	13.2			
DOUTORADO	47	51	98	38.1	
	48.0	52.0			
	40.2	36.4			
	18.3	19.8			
Column Total	117	140	257	100.0	
Total	45.5	54.5			

Number of Missing Observations = 0

Tabela 46

Distribuição do tipo de ajuda recebida pelos respondentes em algum momento da trajetória acadêmica, de acordo com o tipo e o nível da titulação dos respondentes.

Tipo de ajuda recebida	Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Bolsa deslocamento		2	6,7%	16	24,2%	11	12,4%	29	15,7%
Liberação total		9	30,0%	9	13,6%	19	21,3%	37	20,0%
Liberação parcial		11	36,7%	27	40,9%	40	44,9%	78	42,2%
Infra-estrutura		1	3,3%	1	1,5%	7	7,9%	9	4,9%
Redução/anuidade		3	10,0%			4	4,5%	7	3,8%
Remanejamento de horário				3	4,5%	2	2,2%	5	2,7%
Outras		4	13,3%	10	15,2%	6	6,7%	20	10,8%
Total		30	100,0%	66	100,0%	89	100,0%	185	100,0%

Total de respondentes que receberam algum tipo de ajuda = 117

Tabela 47

Distribuição do tipo de ajuda recebida pelos respondentes em algum momento da trajetória acadêmica, de acordo com o tipo de e o nível de estudo em que a recebeu.

Tipo de ajuda recebida	GRADUAÇÃO		MESTRADO		DOUTORADO		PÓS DOUTORADO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Bolsa deslocamento			13	15,3%	14	17,1%	2	25,0%	29	15,7%
Liberação total	4	40,0%	15	17,6%	13	15,9%	5	62,5%	37	20,0%
Liberação parcial	1	10,0%	37	43,5%	39	47,6%	1	12,5%	78	42,2%
Infra estrutura			4	4,7%	5	6,1%			9	4,9%
Redução anuidade	4	40,0%	1	1,2%	2	2,4%			7	3,8%
Remanejamento horário			3	3,5%	2	2,4%			5	2,7%
Outras	1	10,0%	12	14,1%	7	8,5%			20	10,8%
Total	10	100,0%	85	100,0%	82	100,0%	8	100,0%	185	100,0%

Total de respondentes que receberam algum tipo de ajuda = 117

Crosstabulation:

VAR108

NIVEL

By VAR76

PRINC ATIV PROF Page

VAR76	Count	12	13	14	15	16	Row Total
	Row Pct	Col Pct					
2	2	2	2	1	1	8	75
	2.7	2.7	1.3	1.3	1.3	10.7	30.5
3	66.7	50.0	100.0	25.0	25.0	88.9	
	.8	.8	.4	.4	.4	3.3	
4	1	2	2	1	1		74
	1.0	2.7	2.7	1.4	1.4		30.1
	33.3	50.0		25.0			
	.4	.8		.4			
Column Total	3	4	1	4	7		246
	1.2	1.6	.4	1.6	3.7		100.0

Number of Missing Observations = 11

Tabela 49

Distribuição dos respondentes, por nível de titulação de acordo com o exercício de atividade docente.

Atividade docente	Nível de titulação		Mestres		MCD		Doutores		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	62	75,6%	64	83,1%	92	93,9%	218	84,8%		
Não	20	24,4%	13	16,9%	6	6,1%	39	15,2%		
TOTAL	82	100,0%	77	100,0%	98	100,0%	257	100,0%		

Tabela 50

Crosstabulation: VAR108 NIVEL BY VAR63 NOME INSTIT 1 Page 1 of 5

Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	IFUC-SF	IUSP	IPUCCAMP	IUNESP	IUMC	IUEL	IURN	IUFFB	IUNICAMP	IUNIMEP	ROW Total
VAR63->	2	3	4	5	6	7	11	12	13	14	14	14	14	Total
MESTRADO	9	1	4	2	1	4	3	2	4	3	2	2	1	61
	14.6	1.6	6.6	3.3	1.6	6.6	4.9	3.3	6.6	4.9	3.3	3.3	1.6	28.2
	25.7	2.9	44.4	10.5	100.0	44.4	75.0	50.0	44.4	75.0	50.0	50.0	100.0	
	4.2	.5	1.9	.9	.5	1.9	1.4	.9	1.9	1.4	.9	.9	.5	
MEST. CURS. DOUT	12	9	3	10	1	1	1	1	1	1	1	5	5	64
	18.8	14.1	4.7	15.6	1.6	1.6	1.6	1.6	1.6	1.6	1.6	7.8	7.8	29.6
	34.3	26.5	33.3	52.6	11.1	11.1	25.0	25.0	11.1	25.0	25.0	29.4	29.4	
	5.6	4.2	1.4	4.6	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	2.3	2.3	
DOUTORADO	14	24	2	7	4	4	4	4	4	4	1	12	12	91
	15.4	26.4	2.2	7.7	4.4	4.4	4.4	4.4	4.4	4.4	1.1	13.2	13.2	42.1
	40.0	70.6	22.2	36.8	44.4	44.4	25.0	25.0	44.4	25.0	25.0	70.6	70.6	
	8.5	11.1	.9	3.2	1.9	1.9	.5	.5	1.9	.5	.5	5.6	5.6	
Column Total	35	34	9	19	1	9	4	4	4.2	1.9	4	17	1	216
(Continued)	16.2	15.7	4.2	8.8	.5	4.2	1.9	1.9	4.2	1.9	1.9	7.9	.5	100.0

11/1/91

SPSS/PC+

age 196

rosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR83 NOME INSTIT 1

VAR83->	VAR108	NIVEL	UNIP	UFUC	UNIB	UFMB	UFPE	UFU	UFV	UFSC	USJT	UFPA	Row Total
Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	15	16	18	19	24	25	27	28	32	37
2	1	1	1				2			1	1		61
	1.6	1.6	1.6				3.3			1.6	1.6		28.2
	100.0	100.0	100.0				100.0		100.0	20.0	20.0		
	.5	.5	.5				.9		.5	.5	.5		
3						1			2		2		64
						1.6			3.1		3.1		29.6
						20.0			50.0		40.0		
						.5			.9		.9		
4						4			2		2	1	91
						1.1			2.2		2.2	1.1	42.1
						100.0			50.0		40.0	100.0	
						.5			.9		.9	.5	
Column Total	1	1	1	5	2	4	2	1	4	1	5	1	216
(Continued) Total	.5	.5	.5	2.3	.9	1.9	.9	.5	1.9	.5	2.3	.5	100.0

Count	UFFR	UFRGS	UFSCAR	FGV-RJ	FATED-SP	1 grau	2 grau	UFES	UFV	54	55	FSM	Row Total
VAR03->	43	44	45	46	50	52	53	54	55	56	56	56	61
VAR108													28.2
2			1		1	4		1		1	1	2	61
			1.6		1.6	6.6		1.6		1.6	1.6	3.3	28.2
			11.1		50.0	57.1		50.0		33.3	50.0	66.7	
			.5		.5	1.9		.5		.5	.5	.9	
3	1		3		1	2	1	1					64
	1.6		4.7		1.6	3.1	1.6	1.6					29.6
	50.0		33.3		50.0	28.6	50.0	50.0					
	.5		1.4		.5	.9	.5	.5					
4	1	1	5	2		1	1	1	2	2	1	1	91
	1.1	1.1	5.5	2.2		1.1	1.1	1.1	2.2	2.2	1.1	1.1	42.1
	50.0	100.0	55.6	100.0		14.3	50.0	50.0	66.7	50.0	50.0	33.3	
	.5	.5	2.3	.9		.5	.5	.5	.9	.9	.5	.5	
Column Total	2	1	9	2	2	7	2	2	3	3	2	3	216
Total	.9	.5	4.2	.9	.9	3.2	.9	.9	1.4	1.4	.9	1.4	100.0

(Continued)

Crosstabulation: VAR106 NIVEL By VAR83 NOME INSTIT 1

VAR83->	VAR106	IMES	UN6	UFMS	UCS	OSEC	F0C	FURB	UFG	ESAN	IFEC do A	Row Total
		57	63	64	67	68	69	70	71	72	73	
2	MESTRADO	3	1	1	2	1						61
		4.9	1.6	1.6	3.3	1.6						28.2
		75.0	100.0	100.0	100.0	100.0						
		1.4	.5	.5	.9	.5						
3	MEST. CURS. DOUT						2	1	1	1	1	64
							3.1	1.6	1.6	1.6	1.6	29.6
							100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	
							.9	.5	.5	.5	.5	
4	DOUTORADO	1										91
		1.1										42.1
		25.0										
		.5										
Column Total		4	1	1	2	1	2	1	1	1	1	216
(Continued) Total		1.9	.5	.5	.9	.5	.9	.5	.5	.5	.5	100.0

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR63 NOME INSTIT 1

VAR63->	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	IFUFB	IFUEM	UFMT	FAAP	EPM	FII	Unitau	URP	ICEDLS	Row Total
VAR108	74	75	76	77	78	81	82	83	86	89	89	89	89	89
MESTRADO	2	1	2	1						1	1	1	1	61
	3.3	1.6	3.3	1.6						1.6	1.6	1.6	1.6	28.2
	66.7	100.0	100.0	100.0						100.0	100.0	100.0	100.0	
	.9	.5	.9	.5						.5	.5	.5	.5	
MEST. CURS. DOUT	3				1									64
	1.6				1.6									29.6
	33.3				100.0									
	.5				.5									
DOUTORADO	4													91
														42.1
Column Total	3	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	216
Total	1.4	.5	.9	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	100.0

Number of Missing Observations = 41

Tabela 51

NIVEIS INSTIT 1

By VAR65

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

VAR65 ->	Count	1 grau	2 grau	3 grau	4	5	6	7	8	9	Row Total
MESTRADO	2	1	3	45	2	3	8				62
		1.6	4.8	72.6	3.2	4.8	12.9				29.1
		50.0	75.0	34.6	11.1	100.0	14.5				
		.5	1.4	21.1	.9	1.4	3.8				
MEST. CURS. DOUT	3	1		49	2		9				62
		1.6		79.0	3.2		14.5		1.6		29.1
		50.0		37.7	11.1		16.4		100.0		
		.5		23.0	.9		4.2		.5		
DOUTORADO	4		1	36	14		38				89
			1.1	40.4	15.7		42.7				41.6
			25.0	27.7	77.8		69.1				
			.5	16.9	6.6		17.8				
Column Total		2	4	130	18	3	55		1		213
Total		.9	1.9	61.0	8.5	1.4	25.8		.5		100.0

Number of Missing Observations = 44

Tabela 52

REG TRAB INSTIT 1

By VAR67

estabulation: VARIO6 NIVEL

Count	2	3	4	5	6	Row Total
Row Pct	12	6	7	7	2	34
Col Pct	35.3	17.6	20.6	20.6	5.9	22.1
Tot Pct	12.0	33.3	29.2	87.5	50.0	
	7.8	3.9	4.5	4.5	1.3	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+						
3	32	4	6	1	2	45
	71.1	8.9	13.3	2.2	4.4	29.2
	32.0	22.2	25.0	12.5	50.0	
	20.8	2.6	3.9	.6	1.3	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+						
4	56	8	11			75
	74.7	10.7	14.7			48.7
	56.0	44.4	45.8			
	36.4	5.2	7.1			
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+						
Column Total	100	18	24	8	4	154
	64.9	11.7	15.6	5.2	2.6	100.0

ber of Missing Observations = 103

Tabela 53

Cross-tabulation: VARIO9 NIVEL By VARIO9 CARG HOR CONT INST

Count	6 a	10	11	15	16 a	20	21 a	25	26 a	30	31 a	35	+ de	36	Row Total
Row Pct	2.6	2.6	2.6	2.6	23.1	9	5.1	5.1	10.3	4	4	22	56.4	22.3	39
Col Pct	33.3	100.0	.6	.6	56.3	5	20.0	1.1	36.4	7	6	8	9	9	22.3
Tot Pct	1.1	1.1	1.1	1.1	12.6	4.7	10.3	2.3	21.7	1.7	1.7	7.3	21.7	21.7	50
MESTRADO	2.6	2.6	2.6	2.6	23.1	9	5.1	5.1	10.3	4	4	22	56.4	22.3	39
MEST. CURS. DOUT	3	1	1	1	2	4	4	4	6.0	3	3	38	76.0	28.6	50
DOUTORADO	2.3	2.3	2.3	2.3	4.7	4.7	4.7	4.7	27.3	4.7	4.7	1.2	84.9	49.1	86
Column Total	3	1	1	1	16	10	11	11	133	11	1	1	133	175	175
Total	1.7	.6	.6	.6	9.1	5.7	6.3	6.3	76.0	.6	.6	.6	76.0	100.0	100.0

Number of Missing Observations = 82

Cross-tabulation: VARIOS NIVEL By VARIO1 CARG SEM AULA INST

VAR91->	Count	0 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 35	+ de 36	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	Row Total					
VARIOS		2	3	4	5	6	7	8	9									
MESTRADO	2	3	21	12	10	3	1	1	2	5.7	39.6	22.6	18.9	1.9	1.9	1.9	3.8	29.0
		11.1	24.1	29.3	50.0	100.0	50.0	100.0	100.0	1.6	1.6	5.5	5.5	.5	.5	.5	1.1	
MEST. CURS. DOUT	3	6	23	12	7		1			15.7	45.1	23.5	13.7	2.0				51
		29.6	26.4	29.3	35.0		50.0			4.4	12.6	6.6	3.8	.5				27.9
DOUTORADO	4	16	43	17	3					20.3	54.4	21.5	3.8					79
		59.3	49.4	41.5	15.0					6.7	23.5	9.3	1.6					43.2
Column Total		27	67	41	20	3	2	1	2	14.6	47.5	22.4	10.9	1.1	1.1	.5	1.1	183
Total		14.6	47.5	22.4	10.9	1.6	1.1	.5	1.1									100.0

Number of Missing Observations = 74

11/1/91

SPSS/PC+

Tabela 55

By VAR64

Nome INSTIT 2

Crosstabulation:

VAR108 NIVEL

Count	IPUC-SP	IUSP	IPUCCAMP	IUNESP	IUEL	IUNICAMP	IUNIP	IFMU	IUFSCar	IPUC-RJ	Row Total
2	2	3	4	5	7	13	15	26	45	47	18
											51.4
MESTRADO		1	3				3	1			
		5.6	16.7				16.7	5.6			
		50.0	75.0				75.0	100.0			
		2.9	8.6				8.6	2.9			
3		1		1			1				6
MEST. CURS. DOUT		16.7		16.7			16.7				17.1
		50.0		25.0			25.0				
		2.9		2.9			2.9				
4	1		1	1	1	1			1	1	11
DOUTORADO	9.1		9.1	9.1	9.1	9.1			9.1	9.1	31.4
	100.0		25.0	50.0	100.0	100.0			100.0	100.0	
	2.9		2.9	2.9	2.9	2.9			2.9	2.9	
Column Total	1	2	4	2	1	1	4	1	1	1	35
Total	2.9	5.7	11.4	5.7	2.9	2.9	11.4	2.9	2.9	2.9	100.0

(Continued)

Tabela 60

Crosstabulation: VAR106 NIVEL

By VAR93 INSTITUICAO 11B

VAR93->	Count	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Row Total
VAR106	Row Pct	FUC-SF	USP	FUCCAMP	UNESP	UEL	UFRN	UFFb	UNICAMP	UNIMEF	UNIP	Row Total					
MESTRADO	2	9	1	4	2	4	3	2	2	1	1	50					
	18.0	6.0	2.0	4.0	4.0	8.0	6.0	4.0	4.0	2.0	2.0	26.2					
	28.1	57.1	2.9	11.1	44.4	75.0	66.7	100.0	100.0	100.0	100.0						
	4.7	2.1	.5	1.0	2.1	1.6	1.0	.5	.5								
MEST. CURS. DOUT	3	6	8	1	9	1	1	1	6			53					
	15.1	1.9	17.0	1.9	1.9	1.9	1.9	1.9	11.3			27.7					
	25.0	14.3	50.0	11.1	25.0	33.3	33.3	33.3	33.3								
	4.2	.5	4.7	.5	.5	.5	.5	3.1									
DOUTORADO	4	15	25	2	7	4	4		12			88					
	17.0	2.3	8.0	4.5	4.5	4.5	4.5	13.6				46.1					
	46.9	28.6	38.9	44.4	44.4	44.4	44.4	66.7									
	7.9	1.0	3.7	2.1	2.1	2.1	2.1	6.3									
Column Total	32	34	18	9	18	9	4	3	18	1	1	191					
Total	16.8	17.8	9.4	4.7	9.4	4.7	2.1	1.6	9.4	.5	.5	100.0					

(Continued)

Crosstabulation: VAR106 NIVEL

Count	UFC	UnB	UFMG	UFPE	UFU	UFP	UFSC	UFFa	IFESP	UFFr	Row Total
2	1	2	1	2	1	1	1				50
	2.0	4.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0				26.2
	100.0	100.0	20.0	100.0	20.0	20.0	20.0				
	.5	1.0	.5	.5	.5	.5	.5				
3	1	2	2	2	2	2	2	1	1	1	53
	1.9	3.8	3.8	3.8	3.8	3.8	3.8	1.9	1.9	1.9	27.7
	50.0	40.0	40.0	40.0	40.0	40.0	40.0	100.0	100.0	50.0	
	.5	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	.5	.5	.5	
4	1	2	2	2	2	2	2	2		1	88
	1.1	2.3	2.3	2.3	2.3	2.3	2.3	2.3		1.1	46.1
	50.0	40.0	40.0	40.0	40.0	40.0	40.0	100.0		50.0	
	.5	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0		.5	
Column Total	1	2	5	2	5	1	5	2	1	2	191
Total	.5	1.0	2.6	1.0	2.6	.5	2.6	1.0	.5	1.0	100.0

(Continued)

Count	UFRGS	UFSCar	FGV-RJ	FATEC-SPI	UFES	IUFV	FSM	IMES	IFFCLJ	UnB	Row Total
2	44	45	46	50	53	54	56	57	61	63	50
Row Pct											26.2
Col Pct	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	4.0	100.0
Tot Pct	14.3	14.3	100.0	100.0	50.0	50.0	50.0	50.0	100.0	100.0	1.0
	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	1.0	
3											53
Row Pct											27.7
Col Pct	2	3.8	1.9	1.9	1.9	1.9	1.9	1.9	1.9	1.9	53
Tot Pct	28.6	28.6	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	27.7
	1.0	1.0	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	
4											88
Row Pct	1	4	1	1	1	2	1	1	1	2	46.1
Col Pct	1.1	4.5	1.1	1.1	1.1	2.3	1.1	1.1	1.1	4.0	88
Tot Pct	100.0	57.1	100.0	50.0	50.0	100.0	50.0	50.0	50.0	100.0	46.1
	.5	2.1	.5	.5	.5	1.0	.5	.5	.5	1.0	88
Column Total	1	7	1	1	2	2	2	2	1	2	191
Total	.5	3.7	.5	.5	1.0	1.0	1.0	1.0	.5	1.0	100.0

(Continued)

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

Count	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	Row Total
Row Pct											
Col Pct											
Tot Pct											
2	1	1	1	1	1						50
	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0						26.2
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0						
	.5	.5	.5	.5	.5						
3						2	1	1	1	1	53
						3.8	1.9	1.9	1.9	1.9	27.7
						100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	
						1.0	.5	.5	.5	.5	
4											88
											46.1
Column Total	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	191
Total	.5	.5	.5	.5	.5	1.0	.5	.5	.5	.5	100.0

(Continued)

11/1/91

SPSS/PC+

Page 215

INSTITUCAD 11B

BY VAR93

Page 5 of 5

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

VAR93->	Count	IFUSF	IFEOB	IFUEM	IFUMT	Row Total
VAR108	Row Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Total
MESTRADO	2	1	1	2	1	50
	2.0	2.0	2.0	4.0	2.0	26.2
	50.0	100.0	100.0	100.0	100.0	
	.5	.5	1.0	1.0	.5	
MEST. CURS. DOUT	3	1				53
	1.9					27.7
	50.0					
	.5					
DOUTORADO	4					88
						46.1
Column Total	2	1	1	2	1	191
Total	1.0	.5	.5	1.0	.5	100.0

Number of Missing Observations = 66

Crosstabulation: VAR108 NIVEL By VAR94 RAZAO 11B

VAR94->	Count	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Row Total
MESTRADO	2	36	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	3	46
		78.3	6.5	4.3	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	6.5	24.9
		34.6	75.0	22.2	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	50.0	
		19.5	1.6	1.1	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	1.6	
MEST. CURS. DOUT	3	45	1	3	2	1	1	1	1	1	1	1	3	54
		83.3	1.9	5.6	3.7	3.7	3.7	3.7	3.7	3.7	3.7	3.7	5.6	29.2
		43.3	25.0	33.3	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	
		24.3	.5	1.6	1.1	1.1	1.1	1.1	1.1	1.1	1.1	1.1	1.6	
DOUTORADO	4	23		4	1	1	1	1	1	1	1	1	2	85
		27.1		4.7	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	1.2	2.4	45.9
		22.1		44.4	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	100.0	
		12.4		2.2	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	.5	1.1	
Column Total	104	104	4	9	4	4	4	4	4	4	4	4	6	185
Total	56.2	56.2	2.2	4.9	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	2.2	3.2	100.0

Number of Missing Observations = 72

Tabela 62

Distribuição das atividades desenvolvidas na instituição de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Atividade do docente	Nível de titulação		Mestres		MCD		Doutores		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orient. alunos da graduação	29	20,0%	36	16,3%	58	14,6%	123	16,1%		
Orient. teses e dissertações	3	2,1%	5	2,3%	53	13,3%	61	8,0%		
Reuniões	42	29,0%	51	23,1%	81	20,4%	174	22,8%		
Pesquisa	24	16,6%	45	20,4%	79	19,8%	148	19,4%		
Cargos administrativos	13	9,0%	20	9,0%	34	8,5%	67	8,8%		
Assessorias externas	4	2,8%	23	10,4%	38	9,5%	65	8,5%		
Extensão universitária	14	9,7%	20	9,0%	20	5,0%	54	7,1%		
Outros	16	11,0%	21	9,5%	35	8,8%	72	9,4%		
TOTAL	145	100,0%	221	100,0%	398	100,0%	764	100,0%		

Crosstabulation: VAR100 NIVEL VAR95 ORIENT ALUN GRAD

Count	0 a 3 h	4 a 6 h	7 a 9 h	10 a 12 h	13 a 15 h	14 a 18 h	19 a 21 h	22 a 24 h	25 a 27 h	28 a 30 h	31 a 33 h	34 a 36 h	37 a 39 h	40 a 42 h	43 a 45 h	46 a 48 h	49 a 51 h	52 a 54 h	55 a 57 h	58 a 60 h	Row Total
2	13	6	4	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	29
Row Pct	44.8	20.7	13.8	3.4	6.9	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	3.4	23.6
Col Pct	25.0	15.0	40.0	16.7	40.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Tot Pct	10.6	4.9	3.3	.8	1.6	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	
3	11	15	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	36
Row Pct	30.6	41.7	8.3	5.6	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	8.3	29.3
Col Pct	21.2	37.5	30.0	33.3	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0	60.0
Tot Pct	8.9	12.2	2.4	1.6	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	
4	28	19	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	58
Row Pct	48.3	32.8	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	5.2	47.2
Col Pct	53.8	47.5	30.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0	50.0
Tot Pct	22.8	15.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	2.4	
Column Total	52	40	10	6	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	123
Total	42.3	32.5	8.1	4.9	4.1	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	.8	100.0

Number of Missing Observations = 134

Tabela 64

ORIENT DIS OU TESE

By VAR96

NIVEL

VAR106

Count	10 a	3 h	1+3 a	6 h	+6 a	9 h	+9 a	12	+12 a	15	+15 a	18	+ de	18	Row
Row Pct	2	3	4	5	6	7	8	Total							
MESTRADO	2	3													3
	100.0														4.9
	20.0														
	4.9														
MEST. CURS. DOUT	35	1	4												5
	20.0		60.0												8.2
	6.7		17.4												
	1.6		6.6												
DOUTORADO	4	11	19	13	4	2	1								53
	20.8		35.8		24.5		5.7		7.5		3.8		1.9		86.9
	73.3		82.6		100.0		100.0		100.0		100.0		100.0		
	18.0		31.1		21.3		4.9		6.6		3.3		1.6		
Column	15	23	13	3	4	2	1								61
Total	24.6	37.7	21.3	4.9	6.6	3.3	1.6								100.0

Number of Missing Observations = 196

REUNIOES

By VAR97

Count	10 a 3 h	1+3 a 6 h	+6 a 9 h	+9 a 12 h	sem est	Row Total
Row Pct	2	3	4	5	9	
Col Pct	20	13	1	4	4	42
Tot Pct	47.6	31.0	2.4	9.5	9.5	24.1
MESTRADO	23.8	22.4	6.7	44.4	50.0	
	11.5	7.5	.6	2.3	2.3	
MEST. CURS. DOUT	22	21	4	2	2	51
	43.1	41.2	7.8	3.9	3.9	29.3
	26.2	36.2	26.7	22.2	25.0	
	12.6	12.1	2.3	1.1	1.1	
DOUTORADO	42	24	10	3	2	81
	51.9	29.6	12.3	3.7	2.5	46.6
	50.0	41.4	66.7	33.3	25.0	
	24.1	13.8	5.7	1.7	1.1	
Column Total	84	58	15	9	8	174
Total	48.3	33.3	6.6	5.2	4.6	100.0

Number of Missing Observations = 83

Tabela 66

Cross-tabulation: VAR106 NIVEL By VAR98 PESQUISA

VAR98->	Count	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Row Total
VAR106	Row Pct	10 a 3 h	1+3 a 6 h	1+6 a 9 h	1+9 a 12 h	1+12 a 15 h	1+15 a 18 h	18+ de 18 h	sem estimativa	Total		
MESTRADO	2	29.2	12.5	16.7	4.2	4.2	8.3	12.5	16.2	4.7	2.0	16.2
MEST. CURS. DOUT	3	4	6	13.3	20.0	4.4	11.1	11.1	30.4	30.8	36.4	30.4
DOUTORADO	4	2	11	16	16	16	10	3	79	2.5	13.9	53.4
Column Total	13	22	26	28	23	8	17	11	148	6.8	14.9	100.0
		8.8	14.9	17.6	18.9	5.4	11.5	7.4				

Number of Missing Observations = 109

Tabela 67

CARGOS ADMINIST

BY VAR99

NIVEL

VAR108

Count	0 a 3 h	+3 a 6 h	+6 a 9 h	+9 a 12 h	+12 a 15 h	+15 a 18 h	18+ de 18 h	sem estimativa	Row Total
2	2	5	1	3	2	13	19.4		
15.4	38.5	7.7	23.1	15.4					
10.5	27.8	20.0	50.0	33.3					
3.0	7.5	1.5	4.5	3.0					
3	8	8	2			20	29.9		
40.0	40.0	10.0							
42.1	44.4	33.3	40.0						
11.9	11.9	3.0							
4	9	5	2	3	4	34	50.7		
26.5	14.7	11.8	5.9	8.8	11.8				
47.4	27.8	66.7	40.0	50.0	66.7	100.0			
13.4	7.5	6.0	3.0	4.5	6.0	3.0			
Column Total	19	18	5	6	6	2	67		
Total	28.4	26.9	7.5	9.0	9.0	3.0	100.0		

Number of Missing Observations = 190

Tabela 68

ASSESSORIAS EXT

By VAR100

NIVEL

VAR106

Crosstabulation:

VAR100-->	Count	0 a 3 h	+3 a 6 h	+6 a 9 h	+9 a 12 h	+12 a 15 h	+15 a 18 h	sem esti- mativa	Row Total
VAR106	Row Pct	Col Pct	2	3	4	5	6	8	9
MESTRADO	2		2	1	1	1	1	1	4
		50.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	25.0	6.2
		11.8	33.3	33.3	50.0	50.0	50.0	50.0	
		3.1	1.5	1.5	1.5	1.5	1.5	1.5	
MEST. CURS. DOUT	3		7	2	2	2	2	4	23
		34.8	30.4	8.7	8.7	8.7	8.7	17.4	35.4
		32.0	41.2	50.0	66.7	66.7	66.7	36.4	
		12.3	10.8	3.1	3.1	3.1	3.1	6.2	
DOUTORADO	4		8	2	2	1	1	7	38
		44.7	21.1	5.3	5.3	2.6	2.6	16.4	58.5
		68.0	47.1	50.0	66.7	33.3	50.0	63.6	
		26.2	12.3	3.1	3.1	1.5	1.5	10.8	
Column Total	25	17	4	3	3	3	3	11	65
Total	38.5	26.2	6.2	4.6	4.6	4.6	4.6	16.7	100.0

Number of Missing Observations = 192

Tabela 69

BY VAR101 EXTENS UNIV

Crosstabulation: VAR108 NIVEL

VAR101 →	Count Row Pct Col Pct Tot Pct	VAR108					Row Total
		0 a 3 h	+3 a 6 h	+6 a 9 h	+9 a 12 h	sem esti mativa	
MESTRADO	2	2	4	5	2	1	14
		14.3	28.6	35.7	14.3	7.1	25.9
		11.8	23.5	38.5	66.7	25.0	
		3.7	7.4	9.3	3.7	1.9	
MEST. CURS. DOUT	3	6	7	5		2	20
		30.0	35.0	25.0		10.0	37.0
		35.3	41.2	38.5		50.0	
		11.1	13.0	9.3		3.7	
DOUTORADO	4	9	6	3	1	1	20
		45.0	30.0	15.0	5.0	5.0	37.0
		52.9	35.3	23.1	33.3	25.0	
		16.7	11.1	5.6	1.9	1.9	
Column Total	17	17	17	13	3	4	54
		31.5	31.5	24.1	5.6	7.4	100.0

Number of Missing Observations = 203

Count	ESAN	IFDA	IFT	IEPN	ICEARP	IUGG	Row Total
Row Pct							
Col Pct	72	79	80	81	87	88	88
Tot Pct							
2			1	1	1	1	18
MESTRADO			5.6	5.6	5.6	5.6	51.4
			100.0	100.0	100.0	100.0	
			2.9	2.9	2.9	2.9	
3	1	1					6
MEST. CURS. DOUT	16.7	16.7					17.1
	100.0	100.0					
	2.9	2.9					
4							11
DOUTORADO							31.4
Column Total	1	1	1	1	1	1	35
Total	2.9	2.9	2.9	2.9	2.9	2.9	100.0

Number of Missing Observations = 222

Tabela 56

By VAR86 NIVEIS INSTIT 2

Contabulation: VARIO8 NIVEL

VAR86-->	VAR108	1 grau	2 grau	3 grau	pos-graduação	7	8	Row Total
MESTRADO	2	1 5.9 100.0 2.9	13 76.5 76.5 38.2	2 11.8 16.7 5.9	1 5.9 100.0 2.9			17 50.0
MEST. CURS. DOUT	3	1 14.3 100.0 2.9	2 28.6 11.8 5.9	4 57.1 33.3 11.8				7 20.6
DOUTORADO	4		2 20.0 11.8 5.9	6 60.0 50.0 17.6	2 20.0 100.0 5.9			10 29.4
Column Total		1 2.9	1 2.9	17 50.0	12 35.3	1 2.9	2 5.9	34 100.0

Number of Missing Observations = 223

11/1/91

BY VAR88

REG TRAB INSTIT 2

SFSS/PC+

Tabela 57

VAR108 NIVEL

Count	Itempo integral	Itempo parcial	Itempo sem vinculo	Row Total
2	2	3	3	8
	25.0	37.5	37.5	61.5
	66.7	60.0	75.0	
	15.4	23.1	23.1	
3	1	1	1	2
	50.0	50.0	50.0	15.4
	20.0	25.0	25.0	
	7.7	7.7	7.7	
4	1	1	1	3
	33.3	33.3	33.3	23.1
	100.0	33.3	20.0	
	7.7	7.7	7.7	
Column Total	1	3	5	13
Total	7.7	23.1	30.6	100.0

Number of Missing Observations = 244

Tabela 58

Cross-tabulation: VAR108 NIVEL By VAR90 CARG HOR CONT INST

	Count	0 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	+ de 36	Row Pct	Col Pct	Tot Pct	Row Total
MESTRADO	2	2	33.3	2	33.3	2	33.3	6	50.0	100.0	13.3	40.0
MEST. CURS. DOUT	3	2	50.0	2	50.0	2	50.0	4	66.7	100.0	13.3	26.7
DOUTORADO	4	1	20.0	1	20.0	1	20.0	1	25.0	100.0	6.7	33.3
Column Total	3	2	13.3	4	26.7	3	6.7	1	100.0	100.0	6.7	15
Total	20.0	13.3	26.7	26.7	20.0	6.7	6.7	6.7	100.0	100.0	6.7	100.0

Number of Missing Observations = 242

Postabulation:

Tabela 59

By VAR92

CARG SEM AULA INST 2

Count	0	5	6	10	11	15	16	20	Row Total
Row Pct									
Col Pct									
Tot Pct	2	2	3	4	4	5	5	5	
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----									
2	4	9	1	3	17				
MESTRADO	23.5	52.9	5.9	17.6	60.7				
	30.6	81.6	100.0	100.0					
	14.3	32.1	3.6	10.7					
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----									
3	4				4				
MEST. CURS. DOUT	100.0				14.3				
	30.6								
	14.3								
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----									
4	5	2			7				
DOUTORADO	71.4	28.6			25.0				
	38.5	18.2							
	17.9	7.1							
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----									
Column Total	13	11	1	3	28				
Total	46.4	39.3	3.6	10.7	100.0				

Number of Missing Observations = 229

Tabela 70

OUTRAS

By VAR102

Crosstabulation: VAR106 NIVEL

VAR102->	Count	0 a 3 h	+3 a 6 h	+6 a 9 h	+9 a 12 h	+12 a 15 h	+15 a 18 h	sem estativa	Row Total
VAR106	Row Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Col Pct	Row Total
MESTRADO	2	4	6	1	3	1	1	1	16
	25.0	25.0	37.5	6.3	18.8	6.3	6.3	6.3	22.2
	17.4	17.4	40.0	12.5	33.3	12.5	12.5	12.5	
	5.6	5.6	8.3	1.4	4.2	1.4	1.4	1.4	
MEST. CURS. DOUT	3	4	4	2	3	4	4	4	21
	19.0	19.0	19.0	9.5	14.3	19.0	19.0	19.0	29.2
	17.4	17.4	26.7	25.0	33.3	50.0	50.0	50.0	
	5.6	5.6	5.6	2.8	4.2	5.6	5.6	5.6	
DOUTORADO	4	15	5	5	3	1	3	3	35
	42.9	42.9	14.3	14.3	8.6	2.9	8.6	8.6	48.6
	65.2	65.2	33.3	62.5	33.3	100.0	37.5	37.5	
	20.8	20.8	6.9	6.9	4.2	1.4	4.2	4.2	
Column Total	23	23	15	8	9	1	8	8	72
Total	31.9	31.9	20.8	11.1	12.5	1.4	11.1	11.1	100.0

Number of Missing Observations = 185

Tabela 71

Distribuição das respostas indicativas de Verbas para Financiamento como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível de titulação dos respondentes

Grupos de respostas	Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Falta de verbas									
Globais		25	51,0%	22	53,7%	24	35,8%	71	45,2%
Entraves específicos		5	10,2%	6	14,6%	12	17,9%	23	14,6%
Falta de informações sobre financiamentos									
Burocracia, demora na tramitação dos projetos e outras consequências		12	24,5%	4	9,8%	17	25,4%	33	21,0%
Bolsas		3	6,1%	2	4,9%	2	3,0%	7	4,5%
Critérios de distribuição de verbas		2	4,1%	4	9,8%	6	9,0%	12	7,6%
Total		49	100,0%	41	100,0%	67	100,0%	157	100,0%
Total de respondentes		(37)		(34)		(55)		(126)	

Tabela 72

Distribuição das respostas indicativas de Recursos Humanos como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Formação	23	53,5%	21	52,5%	29	38,2%	73	45,9%
"Clima"	20	46,5%	19	47,5%	47	61,8%	86	54,1%
Total	43	100,0%	40	100,0%	76	100,0%	159	100,0%
Total de respondentes	33		39		55		127	

Tabela 73

Distribuição das respostas indicativas de Recursos Materiais como um dos entraves à pesquisa, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Grupo de respostas	Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Infra-estrutura		15	55,6%	21	55,3%	40	56,3%	76	55,9%
Bibliografia		12	44,4%	17	44,7%	31	43,7%	60	44,1%
Total		27	100,0%	38	100,0%	71	100,0%	136	100,0%
Total de respondentes		19		26		49		94	

Tabela 74

Distribuição das respostas obtidas a respeito dos entraves à pesquisa na universidade, de acordo com o nível de titulação dos respondentes.

Tipos de entraves à pesquisa	Nível da titulação	M		D		TOTAL		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contrato de Trabalho		56	20,0%	68	20,9%	88	19,9%	212	20,2%
Falta de compromisso com a pesquisa		52	18,6%	61	18,8%	80	18,1%	193	18,4%
Verbas		49	17,5%	41	12,6%	67	15,1%	157	15,0%
Recursos Humanos		43	15,4%	40	12,3%	76	17,2%	159	15,2%
Recursos Materiais		27	9,6%	38	11,7%	71	16,0%	136	13,0%
Canais de Divulgação		5	1,8%	13	4,0%	10	2,2%	28	2,7%
Outras		48	17,1%	64	19,7%	51	11,5%	163	15,5%
Total		280	100,0%	325	100,0%	443	100,0%	1048	100,0%

Tabela 75

Distribuição das categorias referentes aos entraves à pesquisa na universidade e do número de respondentes cujas respostas permitiram organizá-las

Tipos de entraves à pesquisa	Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
		Nº resp.	respon						
Contrato de Trabalho		56	40	68	44	88	63	212	147
Falta de compromisso com a pesquisa		52	38	61	34	80	45	193	117
Verbas		49	37	41	34	67	55	157	126
Recursos Humanos		43	33	40	39	76	55	159	127
Recursos Materiais		27	19	38	26	71	49	136	94
Canais de Divulgação		5	5	13	13	10	10	28	28
Outras		48	28	64	37	51	37	163	102
Total		280		325		443		1048	

Tabela 76

Distribuição das categorias referentes aos entraves à pesquisa na universidade e do número de respondentes aos quais elas se aplicavam, segundo a titulação

Tipos de entraves à pesquisa	Nível da titulação	M		MCD		D		TOTAL	
		Nº resp	se aplica	Nº resp	se aplica	Nº resp	se aplica	Nº resp	se aplica
Contrato de Trabalho		56	44	68	44	88	74	212	162
Falta de compromisso com a pesquisa		52	32	61	38	80	51	193	121
Verbas		49	27	41	26	67	49	157	102
Recursos Humanos		43	23	40	21	76	56	159	100
Recursos Materiais		27	20	38	23	71	61	136	105
Canais de Divulgação		5	4	13	5	10	8	28	17
Outras		48	22	64	30	51	33	163	85
Total		280	172	325	187	443	332	1048	692

Tabela 77

Distribuição dos respondentes, por nível de titulação, que indicaram ter tido experiência em pesquisa antes da dissertação, após ter se tornado mestre e/ou doutor, e que estavam desenvolvendo pesquisa na época que responderam aos questionários.

Nível da titulação	Frequência		
	Nº	%	
Mestre	(N = 82)	13	15,9%
Mestre cursando doutorado	(N = 77)	37	48,0%
Doutor	(N = 96)	54	55,0%
Total	255	104	
Porcentagens calculadas sobre o total de respondentes em cada nível de titulação			40,1%

Tabela 78

Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a principal atividade profissional que exerciam.

Principal atividade profissional	Nível de titulação		Mestres		MCD		Doutores		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prof. universitário	11	84,6%	25	67,6%	34	63,0%	70	67,3%		
Prof. univers. e pesquisador			4	10,8%	13	24,1%	17	16,3%		
Pesquisador / aux. pesquisa	2	15,4%	1	2,7%	3	5,6%	6	5,8%		
Psicólogo clínico/psicoterapeuta psicanalista			1	2,7%	1	1,9%	2	1,9%		
Prof. Univ.. e uma segunda atividade ligada ao ensino			1	2,7%	1	1,9%	2	1,9%		
Psicólogo educacional			1	2,7%			1	1,0%		
Prof. Univ., pesq. e uma terceira atividade ligada ao ensino			1	2,7%	1	1,9%	2	1,9%		
Outras atividades em educação			1	2,7%			1	1,0%		
Outras atividades em psicologia					1	1,9%	1	1,0%		
Outras atividades			1	2,7%			1	1,0%		
Não responderam			1	2,7%			1	1,0%		
TOTAL	13	100,0%	37	100,0%	54	100,0%	104	100,0%		

Tabela 79

Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a instituição que trabalhavam.

Instituição em que trabalhava	Nível de Titulação		MCD		Doutores		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PUC-SP	1	7,7%	3	8,1%	8	14,8%	12	11,5%
USP	1	7,7%	8	21,6%	15	27,8%	24	23,1%
PUCCAMP			2	5,4%	1	1,9%	3	2,9%
UNESP			6	16,2%	5	9,3%	11	10,6%
UEL	2	15,4%	1	2,7%	2	3,7%	5	4,8%
UFRN	1	7,7%	1	2,7%			2	1,9%
UFPb	1	7,7%	1	2,7%			2	1,9%
UNICAMP			2	5,4%	8	14,8%	10	9,6%
UFC	1	7,7%					1	1,0%
UnB					1	1,9%	1	1,0%
UFMG			1	2,7%	3	5,6%	4	3,8%
UFPe	1	7,7%					1	1,0%
UFU			2	5,4%	1	1,9%	3	2,9%
UFSC			2	5,4%	1	1,9%	3	2,9%
UFPa					1	1,9%	1	1,0%
UFSCar			1	2,7%	3	5,6%	4	3,8%
FGV-RJ					1	1,9%	1	1,0%
UFES			1	2,7%	1	1,9%	2	1,9%
UFV					1	1,9%	1	1,0%
IMES					1	1,9%	1	1,0%
OSEC	1	7,7%					1	1,0%
ESAN			1	2,7%			1	1,0%
FUEM	1	7,7%					1	1,0%
UFMT	1	7,7%					1	1,0%
CEDLS	1	7,7%					1	1,0%
Não responderam	1	7,7%	5	13,5%	1	1,9%	7	6,7%
TOTAL	13	100,0%	37	100,0%	54	100,0%	104	100,0%

Tabela 80

Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com o nível de ensino em que atuavam.

Principal atividade profissional	Nível de titulação	Mestres		MCD		Doutores		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
3º grau		9	69,2%	25	67,6%	17	31,5%	51	49,0%
Pós-graduação		1	7,7%			10	18,5%	11	10,6%
Extensão		1	7,7%					1	1,0%
3º grau / pós-graduação		1	7,7%	6	16,2%	26	48,1%	33	31,7%
Não respondeu		1	7,7%	6	16,2%	1	1,9%	8	7,7%
TOTAL		13	100,0%	37	100,0%	54	100,0%	104	100,0%

Tabela 81

Distribuição dos respondentes que indicaram ter realizado pesquisa antes da dissertação, após a dissertação/tese e que desenvolviam pesquisa quando responderam ao questionário, de acordo com a carga horária contratual que tinham na instituição de ensino em que atuavam.

Carga horária contratual na instituição	Nível de titulação		MCD		Doutores		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
16 a 20 horas	2	15,4%	2	5,4%	2	3,7%	6	5,8%
21 a 25 horas					4	7,4%	4	3,8%
26 a 30 horas					2	3,7%	2	1,9%
+ de 36 horas	8	61,5%	26	70,3%	45	83,3%	79	76,0%
Não respondeu	3	23,1%	9	24,3%	1	1,9%	13	12,5%
TOTAL	13	100,0%	37	100,0%	54	100,0%	104	100,0%

ANEXOS

ANEXO 1

São Paulo, de

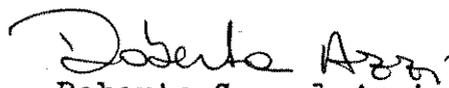
de 1.989

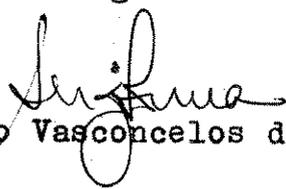
Prezado Professor

Em correspondência anterior encaminhamos-lhe o questionário de nossa atual pesquisa. Embora naquela oportunidade não tivéssemos estipulado data para a devolução do mesmo, o tempo transcorrido desde seu despacho pelo correio nos levou a enviar-lhe esta carta reiterando a importância de sua participação.

No aguardo do questionário, mais uma vez gostaríamos de agradecê-lo por sua colaboração.

Atenciosamente,


Roberta Gurgel Azzi


Sergio Vasconcelos de Luna

São Paulo, de

de 1989.

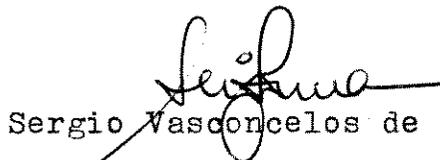
Prezado Professor

Agradecemos suas respostas ao questionário de nossa pesquisa. Sua disponibilidade ao respondê-lo demonstra, além da boa vontade em cooperar, reconhecimento da importância da avaliação da produção do conhecimento e o seu compromisso com ela.

Na expectativa de poder contar com sua participação em outras oportunidades, colocamo-nos a seu dispor para esclarecimentos desta pesquisa e/ou eventuais colaborações.

Atenciosamente,


Roberta Gurgel Azzi


Sergio Vasconcelos de Luna

ANEXO 2

Prezado Professor:

O questionário que lhe está sendo encaminhado faz parte de um trabalho que tem como um de seus objetivos caracterizar as atividades de pesquisa de mestres e doutores titulados em Psicologia e em Educação. Portanto, suas respostas são de grande importância para que um levantamento fidedigno das áreas de conhecimento em questão possa ser realizado.

O projeto do qual este questionário faz parte será apresentado como tese de doutoramento na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Você notará que, no questionário, é solicitada a sua identificação, necessária em função de uma fase posterior do projeto que constará de entrevistas com **parte** dos colaboradores desta etapa. O fato de você responder ao questionário **não o compromete** com a entrevista posterior. Se, eventualmente, você for selecionado para esta etapa terá oportunidade de aceitar ou não submeter-se à entrevista. Além disso, fica-lhe assegurado que em nenhum momento do trabalho sua identidade será revelada. Todavia, se por qualquer razão pessoal você não quiser se identificar **por favor, ainda assim, responda ao questionário omitindo essa informação.**

Algumas questões propostas costumam constar de curriculum vitae. Se você tiver um curriculum vitae atualizado e preferir enviá-lo junto com o questionário, **por favor verifique se as informações solicitadas neste estão de fato disponíveis de forma completa.**

Muito Obrigado

Roberta Gurgel Azzi

Prof. Dr. Sergio Vasconcelos de Luna
orientador

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DE MESTRES E DOUTORES

Nome _____

Sexo _____

Idade _____

Aponte abaixo a sua trajetória educacional

a) **Graduação(ões)**

- Universidade _____ - Universidade _____

Faculdade _____ Faculdade _____

Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

b) **Mestrado(s)**

- Universidade _____ - Universidade _____

Faculdade _____ Faculdade _____

Curso ou Área de Concentração _____ Curso ou Área de Concentração _____

Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

c) **Doutorado(s)**

- Universidade _____ - Universidade _____

Faculdade _____ Faculdade _____

Curso ou Área de Concentração _____ Curso ou Área de Concentração _____

Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

(Para os mestres). Você está cursando o doutorado?

Sim [] Área _____ Não []

Pretende cursar o doutorado?

Sim [] Área _____ Não Sei [] Por que? _____

Qual o título da sua dissertação de mestrado? _____

Qual o título da sua tese de doutorado? (se você está cursando o doutorado e sua tese ainda não tem título definitivo indique um provisório). _____

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DE MESTRES E DOUTORES

1. Nome _____
2. Sexo _____
3. Idade _____
4. Aponte abaixo a sua trajetória educacional

a) **Graduação(ões)**

- Universidade _____ - Universidade _____
Faculdade _____ Faculdade _____
Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

b) **Mestrado(s)**

- Universidade _____ - Universidade _____
Faculdade _____ Faculdade _____
Curso ou Área de Concentração _____ Curso ou Área de Concentração _____
Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

c) **Doutorado(s)**

- Universidade _____ - Universidade _____
Faculdade _____ Faculdade _____
Curso ou Área de Concentração _____ Curso ou Área de Concentração _____
Ano de Conclusão _____ Ano de Conclusão _____

5. (Para os mestres). Você está cursando o doutorado?

Sim [] Área _____ Não []

- 5a. Pretende cursar o doutorado?

Sim [] Área _____ Não Sei [] Não [] Por que? _____

6. Qual o título da sua dissertação de mestrado? _____

- 6a. Qual o título da sua tese de doutorado? (se você está cursando o doutorado e sua tese ainda não tem título definitivo indique um provisório). _____

Assinale as razões que o(a) levaram a procurar um curso de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado

RAZÕES PARA PROCURAR A PÓS-GRADUAÇÃO	NÍVEL	MESTRADO	DOUTORADO
Capacitação como professor			
Exigência da instituição em que já trabalhava			
Aprofundamento dos conteúdos da graduação			
Aprofundamento dos conteúdos do mestrado			
Formação como pesquisador			
Dificuldade em encontrar emprego			
Titulação			
Outras (especifique)			

Voce recebeu **bolsa de estudos** durante a sua formação educacional? De que órgão ou instituição? Por quanto tempo (mesmo que aproximado)? Antes de preencher o quadro abaixo leia a questão 8a.

Sim [] Não []

FONTE	NÍVEL E DURAÇÃO	GRADUAÇÃO duração da bolsa	MESTRADO duração da bolsa	DOUTORADO duração da bolsa	PÓS-DOUTORADO duração da bolsa
CNPq	– Conselho Nacional de Des. Cient. e Tecnol.				
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior				
FAPESP	– Fund. de Amparo à Pesq. do Estado de S. Paulo				
Outras (especifique)					

8a. Fora bolsa de estudos, que outro tipo de ajuda você recebeu durante sua formação educacional? (Por exemplo: redução da jornada de trabalho ou liberação de horários, auxílio para viagem de estudos, liberação de infra-estrutura da Universidade, etc.). De que instituição (fonte)?
 Nunca recebi qualquer tipo de ajuda ()

FONTE	TIPO DE AJUDA	NÍVEL ESCOLAR		
		GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO

9. Considerando o tempo dispendido semanalmente como critério, indique qual é a sua principal atividade profissional.

9a. Dê uma estimativa de qual era o tempo gasto semanalmente por você em **atividades profissionais** na época em que você cursou o mestrado e o doutorado.

HORAS DE TRABALHO	NÍVEL ESCOLAR					
	MESTRADO			DOUTORADO		
	A	B	C	A	B	C
- 10h semanais						
+ 10h a 20h semanais						
+ 20h a 30h semanais						
+ 30h a 40h semanais						
+ de 40h semanais						
não lembro						
não trabalhava						

LEGENDA

- A) inteiramente no ensino superior
- B) inteiramente fora do ensino superior
- C) combinação das letras A e B

10. Você exerce atividade docente?

Sim [] Não [] (Salte para a pergunta 12)

11. Se você for docente especifique:

Nome da Instituição	Instituição 1	Instituição 2	Instituição 3
pré-escola			
Níveis de			
1º grau			
Ensino			
2º grau			
3º grau			
pós-graduação			
Carga horária contratual e regime de trabalho			
Carga horária semanal de aulas			

11a. Se você ensina em curso de nível superior especifique:

Nome da Instituição	Instituição 1	Instituição 2	Instituição 3
Faculdade (ou curso, se não houver correspondente)			
Número de disciplinas ministradas por semestre (em média)			
Nome das disciplinas (ou assunto) que vem lecionando há mais tempo			

PERIÓDICOS

	Nome do periódico	Título do trabalho	Autores	Ano
Pesq. 1				
Pesq. 2				
Pesq. 3				
Pesq. 4				
Diss.				
Pesq. a				
Pesq. b				
Tese				
Pesq. c				
Pesq. d				
Pesq. e				

LIVROS

	Título do livro	Autores	Editora	Ano
Pesq. 1				
Pesq. 2				
Pesq. 3				
Pesq. 4				
Diss.				
Pesq. a				
Pesq. b				
Tese				
Pesq. c				
Pesq. d				
Pesq. e				

Outros (especifique) _____

Atualmente você está desenvolvendo ou participando de pesquisa?

Sim [] Não []

Título: _____

Na sua opinião, que fatores entram e dificultam a produção de conhecimento na universidade?

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

7. _____

8. _____

a. Indique quais deles se aplicam a você.

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Você está desenvolvendo pesquisa? Se não, por que?

2) Considerando toda a sua trajetória de vida, conte o que você considera ter contribuído (e o que contribui atualmente) para que você tenha desenvolvido (desenvolva) pesquisa?

Depois de tudo que o entrevistado tiver lembrado...

3) Há algum aspecto que você lembre ter contribuído para seu envolvimento em pesquisa

a) durante os cursos que realizou?

b) nas condições profissionais que teve ou tem?

4) Você destacaria algum evento ou pessoas que tenham marcado de alguma maneira seu envolvimento com pesquisa?

(congresso, grupos de pesquisa, professor, colega, publicação etc.).

5) Na sua opinião, quais são as consequências positivas de ser um pesquisador?

6) Quais são os tipos de ajuda para o pesquisador que você identifica na instituição que trabalha?

ANEXO 4

Pequeno resumo de algumas respostas fornecidas, no questionário, pelos entrevistados na segunda fase da pesquisa.

Questionário 5

Graduação em Psicologia.

Mestrado em Psicologia Experimental.

Doutorado em Psicologia Experimental.

Era docente de universidade estadual e tinha contrato de dedicação exclusiva. Atuava na graduação e pós-graduação ministrando 2 cursos por semestre.

Divulgou 5 pesquisas em eventos nacionais, tinha artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, e um livro publicado no Brasil.

Questionário 13

Graduação em Psicologia.

Mestrado em Psicologia Experimental.

Doutorado em Psicologia Experimental.

Era docente em universidade particular e atuava na graduação. Tinha contrato de 30 horas semanais, lecionava aproximadamente 13 horas semanais e dava, em média, 3 cursos por semestre.

Desenvolveu 4 pesquisas extra-curricularmente antes da dissertação, sendo duas como aluno colaborador e duas como principal pesquisador.

Após o mestrado desenvolveu 4 pesquisas tendo sido colaborador em duas e principal pesquisador nas outras duas. Em uma delas houve participação de alunos de graduação e, em todas, de alunos de pós-graduação.

8 pesquisas foram divulgadas em eventos nacionais (7 com co-autores); 2 foram também publicadas em periódicos nacionais (com co-autores).

Questionário 187

Graduação em Física.

Mestrado em Metodologia de Ensino.

Doutorado em Metodologia de Ensino.

Era docente em universidade estadual e atuava na graduação e pós-graduação. Tinha contrato de dedicação exclusiva e dava em média 1,5 curso por semestre.

Desenvolveu 2 pesquisas extra-curricularmente antes da dissertação, sendo uma como aluno colaborador e outra como especialista. Após o mestrado desenvolveu 1 pesquisa como principal pesquisador. Após o doutorado desenvolveu 3 pesquisas tendo sido principal pesquisador, pesquisador colaborador e coordenador, respectivamente. Participaram de uma pesquisa: docentes, auxiliares, técnico administrativo e alunos de graduação. Alunos de graduação participaram de uma segunda pesquisa.

Divulgou 2 pesquisas e a dissertação em eventos nacionais.

Questionário 18

Graduação em Psicologia.

Mestrado em Psicologia Social.

Doutorado em Psicologia Social (estava em curso).

Era professor de universidade particular e atuava na graduação e pós-graduação. Tinha contrato de 40 horas semanais, ministrava 2 cursos por semestre e exercia atividade acadêmico-administrativa.

Desenvolveu 4 pesquisas antes da dissertação: 2 em curso regular (como professor pesquisador, na primeira, e como principal pesquisador, na segunda) e 1 pesquisa extra-curricularmente (como participante da equipe).

Após o mestrado desenvolveu 2 pesquisas: na primeira, atuou como coordenador e principal pesquisador e contou com a participação de docentes e alunos de graduação; na segunda, foi principal pesquisador e contou com participação de um docente.

Uma pesquisa foi divulgada em evento nacional.

Questionário 117

Graduação em Psicologia.

Mestrado em Psicologia Experimental.

Era professor em universidade particular, atuava na graduação, tinha contrato de 40 horas semanais e lecionava de 12 a 16 horas semanais.

Desenvolveu 4 pesquisas em curso regular antes da dissertação e em todas elas participou como aluno. Após o mestrado desenvolveu 2 pesquisas como colaborador. Nas duas houve

participação de professores e alunos de graduação e pós-graduação.

Divulgou 1 pesquisa em evento nacional.

Questionário 265

Graduação em Linguística.

Mestrado em Metodologia de Ensino.

Doutorado em Metodologia de Ensino (estava cursando).

Era docente em universidade estadual, atuava na graduação, tinha contrato de dedicação exclusiva e carga horária semanal de 4 horas aulas mais atendimento de alunos e supervisão de estágio.

Desenvolveu 1 pesquisa extra-curricularmente antes da dissertação, como aluno colaborador. Após o mestrado desenvolveu 2 pesquisas como principal pesquisador. Na primeira pesquisa contou com a participação de alunos de graduação e docentes, e na segunda pesquisa contou com a participação de docentes.

Divulgou as pesquisas em eventos nacionais e artigos em periódicos nacionais (com co-autores).

11b. Além do ensino, de quais atividades do quadro abaixo você se ocupa na, pela instituição ou em decorrência da sua atividade na instituição em que leciona? Especifique qual é o **tempo médio semanal** que você dispense em cada atividade. Se você ensina em mais de uma instituição, escolha uma para preencher o quadro abaixo e diga por qual razão você se decidiu por ela.

Instituição: _____

Razão: _____

ATIVIDADE	TEMPO MÉDIO SEMANAL							sem tempo estimado
	0 a 3h	+ de 3 a 6h	+ de 6 a 9h	+ de 9 a 12h	+ de 12 a 15h	+ de 15 a 18h	+ de 18h	
Orientação de Alunos da Graduação								
Orientação de Dissertações ou Teses								
Reuniões								
Pesquisa								
Cargos Administrativos (chefe de depto., de faculdade, etc.)								
Assessorias Externas								
Extensão Universitária								
Outras (especifique)								

12. Você participou de ou desenvolveu algum tipo de pesquisa antes de realizar a dissertação?

Sim []

Não []

12a. Se antes da dissertação você teve experiência em pesquisa especifique:

Em curso regular:

Pesquisa 1

- resumidamente qual era o objetivo, ou o título, se preferir

- qual seu nível de participação (por exemplo: aluno colaborador, principal pesquisador, etc.)

- de que fases do projeto você participou (elaboração do problema, coleta de dados, tratamento de dados e redação)

- ano de conclusão da pesquisa _____

Pesquisa 2

- resumidamente qual era o objetivo, ou o título, se preferir

- qual seu nível de participação (por exemplo: aluno colaborador, principal pesquisador, etc.)

- de que fases do projeto você participou (elaboração do problema, coleta de dados, tratamento de dados e redação)

- ano de conclusão da pesquisa _____

Extra-curricularmente:

Pesquisa 3

- resumidamente qual era o objetivo, ou o título, se preferir

- qual seu nível de participação (por exemplo: aluno colaborador, principal pesquisador, etc.)

- de que fases do projeto você participou (elaboração do problema, coleta de dados, tratamento de dados e redação)

- ano de conclusão da pesquisa _____

Pesquisa 4

- resumidamente qual era o objetivo, ou o título, se preferir

- qual seu nível de participação (por exemplo: aluno colaborador, principal pesquisador, etc.)

- de que fases do projeto você participou (elaboração do problema, coleta de dados, tratamento de dados e redação)

- ano de conclusão da pesquisa _____

13. Você realizou ou participou de alguma pesquisa após ter se tornado mestre e/ou doutor?

Sim [] Não [] (salte para a pergunta 19)

14. Relacione abaixo as pesquisas que você desenvolveu e/ou das quais participou desde a titulação, especificando:

(Caso a sua produção ultrapasse o espaço previsto você tanto poderá preencher folhas e anexá-las quanto incluir cópias das páginas do seu currículo vitae referentes à sua produção científica mas procurando garantir que todas as informações solicitadas estejam disponíveis).

No item auxílios financeiros considere fonte como INEP, CAPES, instituição em que trabalha, etc e tipo como bolsa, auxílio viagem, auxílio para material equipamento, etc.

Após o mestrado:

a) - título _____

- auxílios financeiros - fonte _____
- tipo _____

- número de pessoas que participaram do projeto, detalhando
alunos de graduação _____ alunos de pós-graduação _____ docentes _____
outros (especifique) _____

- seu nível de participação (p. ex.: colaborador, principal pesquisador, coordenador, etc.)

b) - título _____

- auxílios financeiros - fonte _____
- tipo _____

- número de pessoas que participaram do projeto, detalhando
alunos de graduação _____ alunos de pós-graduação _____ docentes _____
outros (especifique) _____

- seu nível de participação (p. ex.: colaborador, principal pesquisador, coordenador, etc.)

Após o doutorado:

- c) – título _____
 - auxílios financeiros – fonte _____
 - tipo _____

- número de pessoas que participaram do projeto, detalhando
alunos de graduação _____ alunos de pós-graduação _____ docentes _____
outros (especifique) _____
- seu nível de participação (p. ex.: colaborador, principal pesquisador, coordenador, etc.) _____

- d) – título _____
 - auxílios financeiros – fonte _____
 - tipo _____

- número de pessoas que participaram do projeto, detalhando
alunos de graduação _____ alunos de pós-graduação _____ docentes _____
outros (especifique) _____
- seu nível de participação (p. ex.: colaborador, principal pesquisador, coordenador, etc.) _____

- e) – título _____
 - auxílios financeiros – fonte _____
 - tipo _____

- número de pessoas que participaram do projeto, detalhando
alunos de graduação _____ alunos de pós-graduação _____ docentes _____
outros (especifique) _____
- seu nível de participação (p. ex.: colaborador, principal pesquisador, coordenador, etc.) _____

15. Dentre as pesquisas que você realizou aponte quais têm relação temática com os temas desenvolvidos na dissertação de mestrado e/ou na tese de doutorado. Para facilitar a indicação utilize os números 1, 2, 3 e 4 correspondendo às pesquisas da questão 12a e as letras a, b, c, etc. que antecederam o título das pesquisas na questão anterior.

- Relação com o tema da dissertação: _____
- Relação com o tema da tese: _____

17. Se você assinalou algum item do quadro anterior preencha o quadro abaixo detalhando o nome do veículo utilizado, título do trabalho, nome de autores e o ano da divulgação do trabalho. (Caso a sua produção ultrapasse este espaço você tanto poderá preencher folhas e anexá-las quanto incluir cópias das páginas do seu curriculum vitae referentes à sua produção científica).

EVENTOS				
	Nome do evento	Título do trabalho	Autores	Ano
Pesq. 1				
Pesq. 2				
Pesq. 3				
Pesq. 4				
Diss.				
Pesq. a				
Pesq. b				
Tese				
Pesq. c				
Pesq. d				
Pesq. e				

8a. Fora bolsa de estudos, que outro tipo de ajuda você recebeu durante sua formação educacional? (Por exemplo: redução da jornada de trabalho ou liberação de horários, auxílio para viagem de estudos, liberação de infra-estrutura da Universidade, etc.). De que instituição (fonte)?

Nunca recebi qualquer tipo de ajuda ()

FONTE	TIPO DE AJUDA	NÍVEL ESCOLAR			
		GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO	PÓS-DOUTORADO

9. Considerando o tempo dispendido semanalmente como critério, indique qual é a sua principal atividade profissional.

9a. Dê uma estimativa de qual era o tempo gasto semanalmente por você em **atividades profissionais** na época em que você cursou o mestrado e o doutorado.

HORAS DE TRABALHO	NÍVEL ESCOLAR					
	MESTRADO			DOUTORADO		
	A	B	C	A	B	C
- 10h semanais						
+ 10h a 20h semanais						
+ 20h a 30h semanais						
+ 30h a 40h semanais						
+ de 40h semanais						
não lembro						
não trabalhava						

LEGENDA

- A) inteiramente no ensino superior
- B) inteiramente fora do ensino superior
- C) combinação das letras A e B

10. Você exerce atividade docente?

Sim [] Não [] (Salte para a pergunta 12)